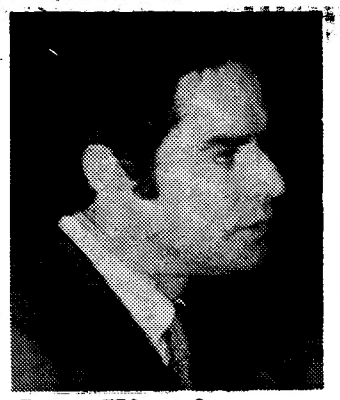
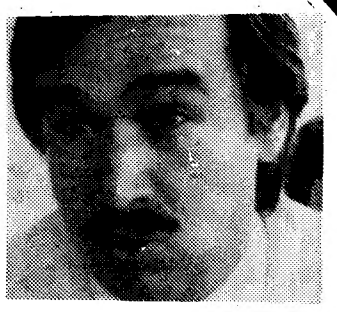


José Vitorino sai do PSD

«Não posso mais ser sinceramente solidário com uma Comissão Política que atropela tudo e todos», explicou ontem José Vitorino, presidente da distrital de Faro do PSD, ao anunciar que abandona o seu partido. **Pág. 4**

PS vai entrar em novo ciclo de vida — diz Guterres ao "DL"



A candidatura de Mário Soares a Belém abre um ciclo novo na vida do PS, afirma à MESA DL, que hoje publicamos, o dirigente socialista António Guterres. Ciclo em que se manterá a influência do actual secretário-geral, mas que deverá incluir reformas profundas na descentralização do partido, na institucionalização de uma corrente sindical socialista e na revisão das relações entre o aparelho do partido e as estruturas de militantes **Págs. 12 e 13**

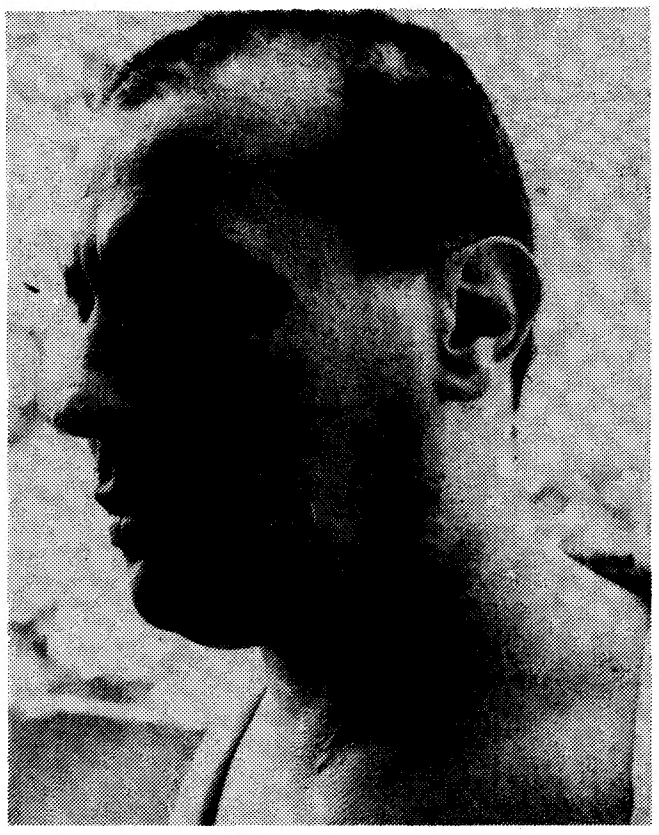
Diário de Lisboa

ANO 65 N.º 21 829 Quinta-feira, 8 de Agosto de 1985 Preço 40$00

Disparo de polícia 'calou' este homem

Atingido no pescoço, ao nível das cordas vocais, por um disparo de pistola efectuado por um agente da PSP à paisana, José Gonçalves, funcionário dos TLP, corre o risco de não voltar a recuperar totalmente a fala. A ocorrência, ainda em fase de inquérito judicial, teve lugar frente a uma cervejaria êm Benfica, após José Gonçalves ter criticado a forma como o agente passava revista a um jovem suspeito de ser portador de droga.

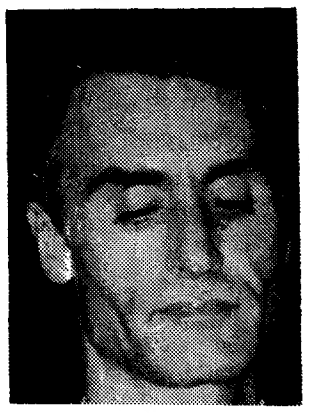
Pág. 8



Dois ministérios querem esclarecer situação

Criada comissão para investigar acusações feitas a agentes da PSP

Pág. 8



Palma Carlos estuda possibilidade do debate

Ernâni Lopes provoca frente a frente Cavaco-Almeida Santos

O presidente do Conselho de Gerência da RTP, Manuel João da Palma Carlos, encontra-se esta tarde com o director-geral da Informação, e desse encontro deverá resultar uma decisão sobre a possibilidade de incluir, na programação de Agosto, o debate entre o prof. Cavaco Silva e o dr. Almeida Santos sobre a política económica da AD. O debate foi proposto, em tom de desafio, pelo líder do PSD a Ernâni Lopes ou ao ministro de Estado, em resposta à nota do Ministério das Finanças em que é asperamente criticada a política económica do triénio 79-82. Almeida Santos aceitou-o, pondo-se à disposição da RTP quanto à data possível para tal emissão «desde que o ministro Ernâni Lopes decline, ele próprio, o convite». O ministro das Finanças encontra-se de férias fora de Lisboa, e o seu gabinete não tinha, esta manhã, conhecimento de qualquer reacção sua ao «desafio» de Cavaco Silva. Sabe-se, por outro lado, que a RTP não tencionava, em princípio, incluir mais debates sobre política interna na sua programação para o mês de Agosto, embora se admita que venha, agora, a propiciar a realização deste, com carácter excepcional, dado o interesse de que ele se poderá revestir para o eleitorado e para a opinião pública. O PSD respondeu já, em comunicado ontem lido pelo seu secretário-geral Dias Loureiro, à nota do Ministério das Finanças, que acusa de ser «mais uma tentativa de esconder os erros da política económica do Governo chefiado por Mário Soares e os resultados desastrosos a que ela conduziu».

O batalhão vai perdendo figuras

O batalhão vai diminuindo de figuras, as forças vão traindo as boas intenções e a pouca sorte obriga a quebrar quem é de nunca torcer. António Fernandes foi o heroizinho da noite bombarralense ao cortar a fita na posição primeira com direito a acompanhar Marco Chagas ao pódio de honra. Pelo caminho alguns acidentes como o que mandou o boavisteiro Manuel Neves para o hospital das Caldas e atingiu o vimaranense José Martins (na foto). E hoje, ao nascer da tarde, foi a arrancada para a Figueira da Foz para galgar 141 quilómetros com um cheirinho a montanha.

Págs. 16 e 17

CONCURSO ANIVERSÁRIO **Cupão n.º 8**

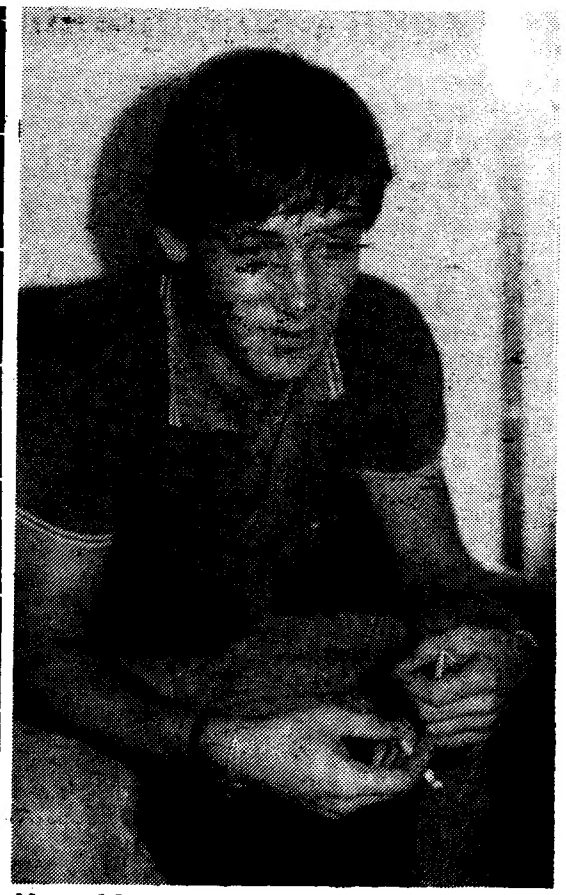
Pág. 2

FNAC

SOMOS O AR CONDICIONADO

Patrocina o "Diário de Lisboa" na Volta a Portugal em Bicicleta

JOVENS PROBLEMAS



Nuno Miguel,
19 anos,
fiel de armazém

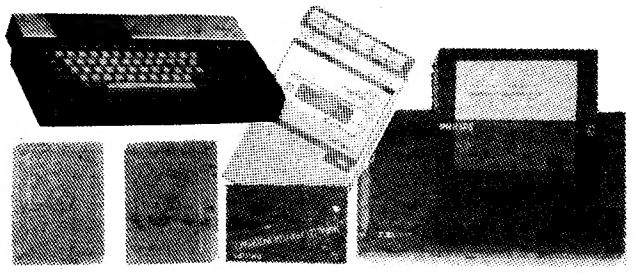
"Isto é capaz de ir mesmo tudo pelos ares"

— **Há quanto tempo trabalha?**
— Há cerca de oito meses, este é o meu primeiro emprego.
— **Escolheu a sua profissão?**
— Não, foi a primeira coisa que arranjei. Estava farto de estudar e resolvi começar a trabalhar. Para lá andar a empatar...
— **Sente-se satisfeito?**
— Sim, pelo menos monetariamente.
— **O que gostaria de fazer?**
— Qualquer coisa ligada ao cinema, ou então ser piloto de aviões.
— **Costuma ver cinema?**
— Muito.
— **Que género de filmes prefere?**
— Filmes de humor ou de aventuras.
— **Gosta de cinema português?**
— Não vejo, é uma coisa que nunca me interessou, e se calhar porque não é muito divulgado.
— **Costuma ler jornais?**
— Sim.
— **Esteve a par da evocação do 40.º aniversário da explosão da bomba atómica na cidade de Hiroxima?**
— Sim soube, e acho bem porque foi, na verdade, uma coisa terrível.
— **O que pensa do facto de se poder desencadear agora uma guerra nuclear?**
— Só te sei dizer que por causa das disputas políticas de dois ou três, isto é capaz de ir mesmo tudo pelos ares.
— **O que lhe parece que poderia ser feito para que isso não aconteça?**
— Devia-se proceder ao desarmamento e sobretudo a um entendimento entre as grandes potências, o que tenho a impressão nunca vir a acontecer.
— **Porque afirma isso?**
— Nunca nenhum dos dois vai querer «dar a mão à palmatória» para se chegar a uma acordo. E cada vez estamos mais perto de uma guerra dessas.
— **Sabe que a URSS suspendeu os testes nucleares durante seis meses?**
— Sim, e acho que isso é óptimo, seja da parte de que potência for.
— **Se pudesse governar o que começava por mudar?**
— A primeira coisa que fazia era acabar com o desemprego, criando novos postos de trabalho em novas fábricas e reformando mais cedo os empregados. E ajudava mais os jovens que estão à procura do primeiro emprego.

SOS

O futuro feito Philips

4.º PRÉMIO
Um COMPUTADOR PESSOAL PHILIPS
no valor de 125.500$00



Um **COMPUTADOR PESSOAL MSX-Philips** (VG 8020) com teclado c./73 teclas incluindo controlo do cursor e 5 teclas para funções específicas fornecendo um total de 10 funções em conjunção com a tecla «SHIFT»; 253 caractéres em 6 teclados alternativos seleccionáveis com as teclas «SHIFT», «GRAPH» e «CODE»; memória de 32 K ROM, mais 80 K RAM (incluindo 16 K video RAM); tem incorporado um «RF output», «monitor output» «interfaces» para audio cassete 2 controlos manuais e impressora e duas câmaras para «cartridges»; manual de instruções para usar o MSX-BASIC e cabo de ligação ao televisor; uma **IMPRESSORA** (VW 0010) — «40 column matrix printer» — c/ as características de 8X8 pontos, 40 colunas p./linha (caractéres «standard») e 320 pontos por coluna; usa papel c./114X130 mm, em rolo ou folha dobrada e tem a velocidade de 35 caractéres por segundo; um gravador (DATA CASSETTE RECORDER — D6600/60P), um INTERFACE (VU0031) e um par de JOYSTICKS.

O carro que o compreende a si

1.º PRÉMIO
Um automóvel Peugeot 104 ZL
da Mocar SARL

CONCURSO ANIVERSÁRIO 8

DESCUBRA PORTUGAL

Recorte e guarde este cupão bem como os demais cupões que, em número de 30, serão diariamente publicados neste mesmo local. Depois só terá que enviar para o «Diário de Lisboa», em data que será anunciada, esta colecção de 30 cupões, juntamente com um boletim de identificação que será publicado diversas vezes durante o período do concurso.

AINDA PODE CONCORRER

O leitor pode concorrer em qualquer altura pois poderá adquirir os exemplares que lhe faltam (completando assim a sua colecção), ao preço normal, nos nossos serviços na Rua Luz Soriano, 17, 1200 Lisboa. Também mediante pagamento antecipado em cheque, vale de correio ou selos (40$00, acrescidos de mais 13$00 de portes por exemplar), poderão os nossos serviços enviar através dos CTT os exemplares que desejar.

BBC: a batalha pela independência

Edith Lederer (AP/NP)

A British Broadcasting Corporation, (BBC), que preza a sua independência, tem travado uma batalha contínua com os governos desde a Segunda Guerra Mundial em torno de questões que vão da cobertura da guerra das Falklands a um perfil crítico do antigo ditador ugandês Idi Amin.

Desde que a Grã-Bretanha enviou as suas tropas para a Irlanda do Norte, em 1969, a BBC, estatizada, e a Independent Television foram atacadas pelos governos conservadores e trabalhistas acerca da cobertura dos acontecimentos naquele território em pelo menos 16 ocasiões.

A controvérsia mais recente lançou a primeira-ministra, Margaret Thatcher, e o ministro do Interior, Leon Brittan, ambos sobreviventes de um atentado do IRA o ano passado, contra um documentário acerca do extremismo na Irlanda do Norte.

Brittan disse que o documentário iria 'em socorro das organizações terroristas' e Thatcher 'condenou-o totalmente'. A junta de governadores da BBC, composta por 12 membros, 10 dos quais nomeados desde que Thatcher subiu ao poder, visionou o programa e cancelou a sua transmissão.

Os jornalistas, que convocaram para ontem uma greve de protesto de 24 horas, disseram que a posição da junta de governadores assinalou a primeira vez que esta se sobrepôs ao director-geral, que é responsável pelas decisões editoriais.

A BBC classificou o documentário, que respeita as rigorosas linhas estabelecidas pela cadeia para a cobertura dos acontecimentos na Irlanda do Norte, como um olhar equilibrado sobre um dos problemas mais graves da Grã-Bretanha.

Intitulado 'At The Edge of The Union', o documentário incidia sobre dois políticos eleitos que advogam a violência — Martin McGuiness, um católico de quem se diz ser o chefe do Exército Republicano Irlandês (IRA), e Gregory Campbell, um protestante radical que afirma 'ou o IRA nos mata a nós ou nós os matamos a eles'.

Dirigentes oposicionistas, jornalistas e grupos de defesa dos direitos cívicos têm acusado o governo de censura e de pôr em perigo a independência da BBC. A controvérsia tem também levantado questões relativas à cobertura dos assuntos irlandeses e do terrorismo.

Independência

O presidente da BBC, Stuart Young, que foi convidado a demitir-se pelos jornalistas, disse a semana passada: 'Não há dúvidas de que o compromisso da BBC com o jornalismo enérgico, exacto e honesto nos seus serviços interno e externo continua intacto'.

Mas os jornalistas da BBC e outros críticos não estão assim tão certos.

'O que está em jogo é a independência editorial da BBC' — afirmou Elizabeth Clough, líder do Sindicato dos Jornalistas na BBC. 'Ela deve ser preservada. A BBC não deve ceder às pressões governamentais nem às interferências do governo'.

O 'Financial Times' comentou por seu lado que 'o governo escorregou em mais uma casca de banana' e os responsáveis da BBC agravaram ainda mais a situação concordando e pondo em causa a reputação de independência da BBC.

'Da próxima vez que uma equipa da BBC fizer uma denúncia da escravatura no Médio Oriente ou dos gulags na União Soviética, os regimes estrangeiros poderão dizer ao seu povo que a empresa é um instrumento do governo britânico. Não é verdade, mas parecerá mais plausível do que habitualmente' — acrescentou.

No passado, a BBC cedeu a outras pressões governamentais, mas a maior parte das vezes tem-nas rejeitado.

Durante a guerra da Falklands contra a Argentina, em 1982, a senhora Thatcher disse que a BBC não estava a dar ênfase suficiente ao lado britânico no conflito.

'A BBC não precisa de lições de patriotismo' — foi então a resposta do director da BBC-Rádio, Richard Francis.

Em 1974, a BBC cedeu a fortes pressões para adiar a transmissão de um programa que criticava Idi Amin porque o Ministério dos Negócios Estrangeiros entendeu que os ugandeses poderiam proceder a retaliações contra os residentes britânicos no Uganda.

Mas, três semanas depois, a BBC teve a garantia de que não haveria repercussões e o programa foi para o ar — recorda Gerald Mansell, antigo director dos serviços externos da BBC.

Hipocrisia

A BBC tem resistido à maioria das acusações de que é demasiado condescendente com o IRA, incluindo a de que encenou a ocupação da aldeia de Carrickmore pelo IRA, em 1979, que uma das suas equipas filmou.

Nem Campbell, nem MacGuiness nem o Sinn Fein foram banidos, pelo que os críticos consideram hipocrisia da parte de Thatcher tentar que eles não apareçam nos ecrãs de televisão.

Embora, ao abrigo da sua carta de 1922, a BBC seja independente do governo, uma administração pode influenciar a orientação da empresa através das pessoas que nomeia para a junta de governadores. O governo tem o poder de proibir qualquer programa, mas esse poder nunca foi formalmente invocado.

A BBC é financiada através do pagamento de taxas de licença, que este ano foi aumentada pelo governo numa percentagem bastante inferior ao que a empresa pretendia.

Ao mesmo tempo, o governo lançou uma investigação sobre a possibilidade de a cadeia vender publicidade, o que — no dizer de Young — destruiria 'o melhor sistema de televisão do mundo'.

Assembleia amordaçada

Helena Cidade Moura

A Assembleia da República exala um perfume ácido que provoca no País reacções de desprezo, de agressividade, ou, mesmo, de maledicência, altamente perniciosas.
A complementaridade, a diversificação e o controlo inerentes ao poder democrático têm as suas raízes na Assembleia da República porque ela é sede de partidos políticos, é centro institucional da expressão da vida política, é canal de ligação entre o cidadão eleitor e um poder executivo, que ele deve conhecer, ajudar, criticar, combater, elogiar. corrigir.

É indispensável salvaguardar este conceito de órgão de soberania, mesmo que apenas de representação formal, para que se não desfigure, de forma irreconhecível, o rosto da democracia. A verdade, porém, é que, ao cuidado de garantir a pureza e a continuidade das instituições se tem sobreposto a ânsia partidária do ganho, a criação de mitos, o desfocar da realidade. A democracia que se alimenta de clareza e de acção seca por obra de contravalores democráticos, de enredadas situações de compromissos, da falsidade dum discurso político que cria uma semântica onde se esvazia ou distorce o sentido das palavras.

As coligações governamentais têm levado à Assembleia da República a dicotomia entre os programas que se aclamaram e aquele que se pratica, entre as acções prometidas e as realizadas. A Assembleia da República está nos últimos anos paralizada com o excessivo peso dum executivo bifronte.

Não se pode servir a dois senhores e o deputado governamental entra, mercê da confiança do cidadão eleitor e dentro em breve, por melhores que sejam as intenções, ele julga-se obrigado a servir dois partidos, e aguentar «dois governos» que o trituram, entre ordens e contra-ordens humilhantes.

Qualquer todo não é igual à soma das partes, mas este princípio elementar tem sido esquecido pelos Governos PS/CDS, CDS/PSD, PS/PSD, que, para além de definirem uma política errada, de que resulta, naturalmente, forte oposição da população, não encontra, perante as sucessivas crises que vêm gerando, as mínimas regras do jogo que mantenham a dignidade do Estado e a dignidade das instituições.

A III legislatura que agora finda, deve ser, atentamente, observada, não só pelos políticos que são, de qualquer forma, causa e efeito desta situação, mas pela opinião pública para que, depois de esclarecida a sua acção, possa participar na denúncia de graves distorções institucionais, e agir, de forma a que elas sejam corrigidas. A opinião pública tem responsabilidades na criação e manutenção do Estado democrático, ela não deve, nem metê-lo no saco da indiferença, nem no rol de valores que lhe são estranhos. **Conhece-te a ti próprio**, é máxima certa, e a Assembleia da República não é terreno estrangeiro, nem redondel de animais raros, nem estufa de plantas exóticas. Ela é, apenas, o retrato do rosto político do País.

Analisemos factos: a Assembleia da República tem, como objectivos supremos, produzir leis e fiscalizar a acção do Executivo. Sendo assim, a sua autonomia, face ao Governo, é ponto-chave da sua acção.

Mas, desde a coligação AD, e refiro-me àquilo que, pessoalmente vivi, a Assembleia da República tem sido, de facto, dominada pelo ideal de manter o Governo, apoiá-lo, encorajá-lo, mesmo através de moções de confiança votadas em plenário por deputados que, antes e depois da votação, tecem, em particular, as maiores críticas ao Governo. A esta farsa se tem chamado «o funcionamento normal das instituições democráticas». E se algum deputado, num assomo de consciência diz: **o rei vai nu**, é olhado como perigosa emanação dos ventos de Leste, incapaz por isso, de entender «o jogo da democracia europeia, directamente emanado dos valores morais e sociais do Ocidente».

A farsa chegou, espera-se, ao seu limite, **as maiorias e as maiores maiorias de sempre** têm sido esfrangalhadas, pela luta do povo, incluindo os próprios votantes que, ao sentirem-se num mar de ineficácia, de corrupção, de pobreza crescente, de obscurantismo, de negação cultural, lutam, desesperadamente, pela sua sobrevivência e pela do seu País.

Sistematicamente, **as maiorias e as maiores maiorias de sempre** mantêm-se grudadas por um jogo de interesses e manipuladas, tal como marionetas, a quem, de repente, soltam os fios.

Quando o Governo já não governa, quando os jornais e os corredores da Assembeia da República se enchem de escandaloso palavreado ilógico, emocional e, mesmo, por vezes, indigno, ainda os homens que constituem **a maior maioria de sempre** pernamecem vexados e adormecidos, ou altissonantes e inconscientes.

As Parcas envolvem, com o seu fio mortal, o hemiciclo e não há um homem ou uma mulher que, pedindo à Parca a tesoura sagrada da verdade, corte o fio e impeça o apodrecimento da vergonha.

Para concretizarmos esta ideia da paralisação governamental da Assembleia da República que a leva até à morte póstuma, fizemos uma leitura dos projectos de leis e das ratificações entrados na Assembleia da República até finais de Junho de 1985 e, desse total de 536 projectos de lei, escolhemos, ao acaso, 436. Os projectos de leis e as ratificações correspondem à forma de actividade dos partidos dentro da Assembleia no campo legislativo e da fiscalização do Governo. A Anop fez-se eco desses números encontrados, em si impressionantes, mas cujo significado político cumpre entender.

De facto, o Governo neutralizou a Assembleia da República, por várias processos, entre os quais, o mais evidente é o comando dos partidos governamentais, que passam a distribuir, quase exclusivamente, a seu mando, as aprovações e reprovações.

Quando, por exemplo, se verifica que na área do trabalho, foram entregues 25 projectos de leis, elaborados pelos partidos, e que apenas o **Estatuto dos Deputados** foi aprovado, quer dizer que os projectos relativos à melhoria da condição de vida dos trabalhadores não obtiveram consenso da Assembleia da República. As contradições da **grande maioria**, a política do Governo face aos problemas do trabalho e da economia do País levaram à paralisação destes projectos de leis.

A Comunicação Social explicou há pouco tempo, que a oposição da parte dos ministros do PSD impediu, por exemplo, que subissem, a plenário, projectos do outro partido da coligação, o PS, sobre temas tão pacíficos como: «apoio à criação de novos postos de trabalho», «criação de clubes de empregos para jóvens», «iniciativas locais de criação de emprego». Assim, **a maior maioria de sempre** obstruiu o trabalho da Assembleia da República. Neste contexto, como poderia não ter sido rejeitado, por exemplo, um projecto de lei do PCP que «institui um sistema de garantia prática do pagamento de salários em atraso»? Muitos outros poderiam ser referidos e ainda, por exemplo, todos os projectos de leis sobre a defesa do consumidor ou do ambiente que não avançaram.

Os partidos governamentais impediram o trabalho da Assembleia da República. Isto é, o Governo impediu o trabalho da Assembleia da República.

A Lei de Bases do Sistema de Educação há 5 anos espera que os partidos da maioria se ponham de acordo. Apesar de toda a demagogia feita por estes partidos nas escolas, qualquer Lei de Bases do Sistema de Educação será reprovada enquanto não houver Lei de Bases dos Partidos Governamentais!

O conhecimento destes factos poderá tornar mais clara a necessidade urgente de alteração de uma política global, há nove anos repetitiva. Não vale a pena lutas particulares baseadas, sobretudo, em elementos primários, imediatistas e nunca, totalmente, verdadeiros. A Assembleia da Repúblida esteve, durante a III legislatura, bloqueada por uma relação antidemocrática que o Governo gerou, geriu e explorou. **Esta é a verdade**.

Para além dos projectos de leis que marcam a tentativa de actividade legislativa dos partidos, a Assembleia tem, ainda, obrigação de fiscalizar a acção do Governo através de pedios de ratificação pela Assembleia de decretos-leis emanados do Conselho de Ministros. Também aqui, os números são significativos: a Assembleia da República pediu, através dos partidos da oposição, 174 ratificações, e apenas 3 chegaram a bom termo, conseguindo-se uma lei de alteração. Isto quer dizer que, nestas 3 leis, colaboraram, por uma razão ou pour outra, os partidos do Governo. Mas as restantes 171 pedidas pela oposição?

É importante esclarecer a opinião pública e não deixar alastrar, através de mitos, «slogans» e juízos primários, o sensacionalismo. A democracia exige verdade. A Assembleia da República foi **amordaçada** porque, bem ou mal, ela representa o povo português.

Gente boa

Dias de Melo

Longe de Lisboa, de Lisboa partimos há duas horas, longe do Infantado, longe de Mora, depois de Mora inflectimos para o norte, atravessámos uma ponte breve, águas negras, lodosas, lôbregas a correr em baixo, um rio?, não me parece, gostava de perguntar ao companheiro da cadeira ao lado, é para saber, mas o companheiro da cadeira ao lado dormita, desde Vila Franca que dormita recostado nas costas da cadeira caídas para trás, atrevimento interromper-lhe a soneca. A paisagem muda, o sol, quente como fogo, bate-me em cheio na janela, podia baixar a cortina, não baixo, quero ver lá para fora, a estrada sobe, desce, contorna colinas, algumas agrestes, algumas sombrias apesar do sol, por entre as colinas vislumbro, aqui, ali, um vale, de onde em onde um povoado isolado ao fundo deste, daquele vale, na dependura desta, daquela encosta, um povoado isolado à nossa beira, logo o deixamos para trás, como todos de meia dúzia de casas, no meio da meia dúzia de casas o campanário da igreja, a velha Igreja Lusitana, na sua maioria encarquilhada, surda à palavra que ficou do Bom Papa João e de costas voltadas à mensagem do Vaticano II. O companheiro da cadeira ao lado só dá sinais de vida quando atravessamos uma ponte mais e eu encaro, refrescado, com a frescura da enorme mancha de água azul, nas margens recortadas em curvas de linhas graciosas manchas densas de arvoredos espessos, ramagens pintadas de verde-escuro, de verde-claro, o companheiro da cadeira ao lado olha vagamente, creio que para coisa nenhuma, pergunto-lhe reticente se é o Tejo, se estamos a entrar na Beira Baixa, aquela mudança na paisagem leva-me a supô-lo, diz-me, fico com a impressão de que com a complacência displicente do sábio que condescende, contrafeito, em responder à pergunta idiota do ignorante imperdoável, sonolento ainda diz-me que não, não, não é o Tejo, é a Barragem de Montargil, para o Tejo e para a Beira Baixa falta muito, lá entraremos pelas Portas de Ródão. Eu, ah, certamente, a Barragem de Montargil — e com o azul das águas da Barragem de Montargil à direita, encobre não encobre, luz não luz para lá das folhagens das árvores, reencontramos a planície a Terra do Alentejo, aproximamo-nos, entramos em Ponte de Sor.

O autocarro imobiliza-se, num bocejo surdo, encostado ao passeio, o condutor larga o volante, abre no tablado as portas automáticas, o cobrador fica-se de pé na da frente — e condutor, cobrador, passageiros, descem, fogem ao aperto das cadeiras e ao calor do interior, nem por ser conforto deixa de se tornar numa estufa, vão tomar um ar, matar a sede, meter uma bucha na boca. Vou com eles, homens e mulheres, trigueiros quase todos e quase todos de cabelos negros, menos os que, pela idade, os começam a ter grisalhos ou os que os têm já brancos, de cabelos negros e de negros olhos, vestes menos ajeitadas, vestes mais ajeitadas, provincianos, citadinos, mais provincianos que citadinos, vou neste passeio por esta rua ladeada de casas (ainda bem portuguesas), pintadas de cores familiares, na maior parte só rés-do-chão, e primeiro andar — esta rua que se me abre e estende diante dos olhos na planície da Terra do Alentejo, larga e comprida como grande avenida, talvez mesmo lhe chamem avenida, e tão lisa como uma longuíssima e larguíssima folha de papel pardo. Vou, vamos, pequena multidão na volta do café próximo, naquela esquina, no café entramos, somos uma muralha humana irrequieta, apressada, demora de dez minutos, em frente ao balcão, pedimos, nossos pedidos entrecruzam-se, sobrepõem-se, atropelam-se, um sandes de presunto e uma cerveja... fresquinha, sim, um bolo e um galão, um galão e uma sandes de queijo, que não demore, um copo de vinho tinto, os empregados, a empregada, jovem alentejana bonita, olhos de azeitona, cabelos de seda preta, os lábios duas cerejas maduras, não têm mãos a medir, a multidão dos fregueses transitórios continua pedindo, alguns, mulheres principalmente, abancam, enlevecem nas cabeças os lenços, nos ombros os xailes, os casacos e casaquinhos, uf que calor, puxam dos sacos os farnéis, arranjadinhos e trazidos de casa sai mais baratinho, eu, que me tragam um café, saboreio-o, estimula-me, é bom, sê-lo-ia mesmo que o não fosse, servo-mo a jovem alentejana bonita, estou com sorte, serve-mo de pronto, resta-me tempo para mais uma olhadela a esta rua, uma fugida à papelaria defronte por um bloco de notas, que encontro e merco, caminho para o autocarro, vieram dois, este é que é o meu, não aparece ninguém, estão ainda no café, deixo-me ficar ali à espera no meu vagar, e aquele sujeito que sai do outro autocarro, que me olha, sorri, diz qualquer coisa, e eu,

— Está a falar comigo?
— Não vai para o Fundão?
— Pois vou.
— Estamos à sua espera — fala com falas mansas.

Corro, entro atabalhoado, sento-me envergonhado, desculpem-me, uma destas, estava distraído, confundiram-me... O companheiro da cadeira ao lado sorri-me um sorriso bom, não é nenhum sábio, é apenas um homem solidário com outro homem que nem sabe quem seja;

— Não o vi, alertei...

E todos, se me olham, o retardatário distraído que os atrasou bastante, olham-me sem zanga, compreensivos, fraternais.

Boa gente.

Federação PS de Évora satisfeita

Barreto repõe projecto socialista para o mundo rural

A Federação distrital de Évora do PS afirmou o seu apoio ao ministro Almeida Santos como candidato a primeiro-ministro pelo Partido Socialista.

Para a distrital socialista de Évora, Almeida Santos «é o homem certo para o lugar certo», classificando o dirigente do PS como «um homem de estado com invulgar capacidade de trabalho».

Referindo-se à indicação de António Barreto para cabeça de lista do PS no círculo eleitoral de Évora, a distrital refere o seu significado «em termos de reposição do projecto do PS para o mundo rural».

Aquela estrutura local do Partido Socialista anunciou também os deputados que concorrem às legislativas no círculo de Évora, dois dos quais independentes (António Barreto e Francisco Sertrano) e oito militantes socialistas.

Os socialistas são Luís Capoulas Santos, Vítor Martelo, José Ilhéu, Fernanda Ramos, João Cosme, José Rondão de Almeida, Virgílio Paixão e Carlos Ruivo.

UEDS contente

O Secretariado da UEDS congratulou-se com o resultado das negociações concluídas ontem entre o PS e a UEDS e que permitiram a inclusão nas listas do PS de sete candidatos da UEDS, três dos quais em posição elegível.

O porta-voz da UEDS disse à ANOP que o acordo celebrado assegura à UEDS a manutenção do seu estatuto na Assembleia da República, «garantindo-lhe através de um agrupamento parlamentar próprio a completa autonomia política que sempre caracterizou a sua actividade».

Para o Secretariado da União de Esquerda para a Democracia Socialista, o resultado das negociações «permite alargar o espaço de intervenção das forças socialistas e democráticas» nas próximas eleições legislativas.

PSD algarvio em polvorosa

Vitorino demite-se e faz acusações do arco-da-velha

José Vitorino, dirigente deputado social-democrata, anunciou, ontem, a sua decisão de abandonar o PSD, acusando a direcção do partido de ter efectuado um veradeiro atentado no Algarve.
Habitial cabeça-de-lista do PSD por aquele círculo, José Vitorino foi relegado, desta vez, para terceiro lugar, apesar da distrital de Faro, a que preside, o ter indicado para primeiro. Daí que Vitorino tenha classificado a atitude da comissão política nacional do seu partido como «antidemocrática, discricionária, infame e revolucionária» (sic).

José Vitorino, por outro lado, disse demitir-se «por respeito ao órgão» a que preside, por respeito aos militantes, por não poder ser mais solidário com uma CPN que atropela tudo e todos e, também, porque a lista que o PSD apresenta no Algarve não serve os interesses da região nem dos seus habitantes.

Em conferência de Imprensa, Vitorino explicou que não irá filiar-se noutro partido, tencionando, de momento, «voltar a casa e ao emprego», apesar de confirmar ter sido sondado pelo CDS para integrar as listas deste partido pelo Algarve, como independente. Adiantou, ainda — segundo a NP — que, na próxima segunda-feira, vai ter uma reunião, em Faro, no Hotel Eva, com membros do CDS.

«Venho dizer que o rei vai nu, que a prática interna deste partido não é a que Sá Carneiro queria, que este não é o PPD-/PSD que ajudei a crescer, e que não me identifico com ele» — afirmou o deputado.

Conlúio e colonização

Em documento de 12 páginas com o título «Obviamente, Demito-me», Vitorino acusa a direcção: o social-democrata de ter «rasgado» a lista de candidatos apresentada pela distrital do Algarve e de ter «entregue o poder à minoria» do distrito.

Esse «conluio da direcção com a minoria», traduz-se, segundo Vitorino, na inclusão de Mendes Bota e Cabrita Neto nos segundo e terceiro lugares da lista pelo Algarve. O conferencista acusou, mesmo, estes dois candidatos, de serem «dois focos permanentes de desestabilização do PSD» dizendo que, durante uma das campanhas eleitorais passadas, quando Mendes Bota ainda era do MES, este teria apedrejado as caravanas do PSD...

Para além disso, Vitorino contesta que o cabeça de lista seja, agora, uma pessoa que não pertence ao distrito (António Capucho), quando, nas eleições transactas, o PSD fez linha de força da sua campanha a luta contra a cabeça de lista do PS (Maria Barroso) pelos mesmos motivos.

O social-democrata demissionário afirma, também, ter tido conhecimento de que largas centenas de militantes do PSD tencionam abandonar a actividade partidária e «alguns deles sair mesmo do pertido», devido à situação criada.

Vitorino afirma que a distrital do Algarve se dispos a colaborar com a direcção do partido liderada por Cavado Silva. «Cedo, porém, se viu que o que tinha faltado em firmeza às direcções políticas anteriores sobrava, agora, em intransigência e radicalização na forma de actuar» — desabafou.

De acordo com o documento do processo de constituição de lista de candidatos do Algarve, representou «uma operação sem precedentes a nível de qualquer partido democrático». O círculo algravio — garante Vitorino — foi «apanhado, estilhaçado e esmagado, com todo o escândalo de que a Comunicação Social, justamente, tem feito eco».

Por fim, Vitorino diz não aceitar «uma continuada colonização do Algrave por Lisboa, seja de que tipo for». A distrital de Faro do PSD tem 3573 militantes inscritos e é a oitava maior distrital do País daquele partido.

Cavaco em Faro

Cavado Silva vai a Faro no dia 25 para a tradicional festa do Algarve dos sociais-democratas. Trata-se da primeira apresentação pública do líder do PSD após o anúncio da demissão de José Vitorino de presidente da distrital de Faro e de membro daquele partido.

Observadores consideram que a presença de Cavaco Silva em Faro, servirá como teste à sua popularidade e à de Vitorino, em confronto aberto.

Na campanha eleitoral do PRD

Manuela Eanes vai a Viseu

Manuela Eanes, mulher do Presidente da República, vai participar no comício eleitoral do PRD, em Viseu, durante a campanha eleitoral.

Duas outras personalidades acompanharão Manuela Eanes — Miguel Caetano e Medeiros Ferreira, ambos dirigentes nacionais do PRD. O comício realiza-se no auditório da Feira de S. Mateus, em data a fixar.

Entretanto, os renovadores democráticos já definiram, definitivamente, a constituição das suas listas de candidatos. É o seguinte o rol dos cabeças de lista e números dois do PRD:

Aveiro — Aníbal Campos e Rui Cunha; **Beja** — Vítor Alves e Luís Ramos; **Braga** — António José Fernandes e Sérgio Machado Santos; **Bragança** — António Mourinho e Álvaro Afonso Vaz; **Castelo Branco** — Fernando Dias de Carvalho e António Marques Mendes; **Coimbra** — Arménio Ramos de Carvalho e Carlos Sá Furtado; **Évora** — Joaquim Caramelo Lobo e António João de Brito; **Faro** — António Feu e João Barros Madeira; **Guarda** — Alípio de Melo e Mário Cameira Serra; **Leiria** — José Seabra e António Lopes Marques; **Lisboa** — Correia Gago e Medeiros Ferreira; **Portalegre** — Francisco Feitinha e José Santos Silva; **Porto** — Glória Padrão e José Silva Lopes; **Santarém** — Hermínio Martinho e Francisco Armando Fernandes; **Setúbal** — Marques Júnior e Ana Gonçalves; **Vila Real** — João de Brito e Silva e Domingos Batista Dias; **Viseu** — José Leão Meireles e Carlos Matias; **Viana do Castelo** — Agostinho de Sousa e Defensor Oliveira e Moura; **Açores** — Roberto Amaral e Francisco Maduro Dias; **Madeira** — António Loja e Amândio de Sousa; **Europa** — Teresa Santa Clara Gomes e Abílio Laceiras; **Mundo** — José Belo e Rodolfo Miranda.

Robots ameaçam estabilidade de emprego — *afirma CGTP*

Os robots ameaçam a estabilidade de emprego e são as mulheres as mais afectadas com a introdução de novas tecnologias — refere um estudo da CGTP.

Segundo este estudo, a que a NP teve acesso, não sendo esta uma das questões que se colocam num plano de maior premência ao movimento sindical português, a discussão e análise dos problemas levantados com a introdução de novas tecnologias são, no entanto, da máxima actualidade.

A central indica que o movimento sindical português, não recusando naturalmente a introdução das novas tecnologias não pode aceitar, e não aceita, que elas venham a contribuir para aumentar ainda mais o número de desempregados que já por si, provoca uma das mais graves situações sociais que se vivem em Portugal: 700 mil desempregados em 2.700.000 trabalhadores por conta de outrem.

A CGTP-Intersindical refere que em diversas empresas dos sectores da indústria eléctrica e electrónica, no sector químico e farmacêutico e no sector têxtil tem vindo a verificar-se uma diminuição efectiva dos postos de trabalho pela introdução de processos de automatização e da informática.

«Os dados de que dispomos permitem-nos no entanto concluir que a curto prazo nestes e noutros sectores a situação tende a agravar-se», prevê a CGTP.

«A par da redução do emprego — diz a central — constatamos também que a introdução de novas tecnologias pode conduzir a um aumento do desgaste físico e psíquico dos trabalhadores, nomeadamente quando, como é o caso de Portugal, se verifica uma difícil adaptação destes aos novos processos, o que tem, aliás, a ver com o elevado índice de analfabetismo, o baixo nível de ensino e a total ausência de formação profissional.»

Os robots não são, no entanto, ainda, tanto quanto o homem moderno desejaria, uma realidade visível do quotidiano, mas segundo um relatório da OCDE o seu ritmo de difusão vai acelerar-se durante os próximos anos.

«Seria um erro exagerar as consequências globais da robotização nas indústrias manufactoras ou no número de postos de trabalho que, na sequência desta evolução, serão, a prazo suprimidos» — adianta o documento elaborado pela OCDE.

A robotização é também uma resposta à necessidade cada vez mais reivindicada da melhoria das condições de trabalho e normas de segurança.

ESPANHA
MADRID · BARCELONA · LAS PALMAS

LISBOA	MADRID	
TP 700	09,40 → 11,40	Diariamente
TP 708	15,45 → 17,45	5.ª F., 6.ª F. e Sáb.

LISBOA	BARCELONA	
TP 718	08,15 → 10,50	3.ª F.
TP 718	15,15 → 17,50	Sáb.

LISBOA	LAS PALMAS	
TP 711	15,05 → 18,35	4.ª F. e Dom.

14 vezes por semana...
...e serviço como mais ninguém lhe oferece
tap AIR PORTUGAL
INTERMARCO

Candidatos apresentados

APU quer outro Governo de gestão e espera ter maioria por Lisboa

● *RTP e RDP ausentes*

Foi ao som do belo tema de música popular portuguesa, a «Carvalhesa», que a APU apresentou ontem no cinema Alvalade, os seus candidatos por Lisboa. Tónicas do comício: exigência de demissão do actual Executivo para salvaguarda da democaticidade das eleições e perspectiva de a APU vir a ser a força política mais votada na capital.

Sala cheia, entusiasmo, avultada recolha de fundos, Vasco Gonçalves presente, (atento e muito saudado) vaias monumentais a Soares e Almeida Santos, repúdio generalizado pelas ausências da RDP e da RTP, caracterizaram ainda o primeiro acto verdadeiramente pré-eleitoral da coligação PCP-MDP-Verdes-Independentes pelo distrito de Lisboa.

António Abreu, mandatário da lista (entregue no tribunal na manhã de ontem) fez a apresentação da mesa e leu os nomes dos 61 candidatos. Foram oradores, Rogério Moreira (JCP), Maria Santos (Verdes) Manuel Lopes (Independentes), José Tengarrinha e Álvaro Cunhal.

Rogério Moreira, 22 anos, estudante universitário, n.º 11 da lista de candidatos (a APU elegeu 15 deputados por Lisboa, há dois anos) referiu-se aos problemas mais agudos vividos pelos jovens portugueses (desemprego, ensino degradado, «numerus clausus», marginalidade, delinquência, desencanto pela vida política) para sublinhar que nada há a esperar dos partidos que desde 1976 têm comandado os diferentes Governos. «**Jogando em singulares ou pares, trocando ou mudando de parceiro, a política foi sempre a mesma: de direita**» — disse.

Considerou ainda o representante da JCP que os jovens não estariam certamente «fartos da política», se fosse melhor o ensino, se houvesse empregos e uma verdadeira dinamização cultural e desportiva.

«Calai-vos»

Frequentemente interrompido pelos aplausos da assistência, o independente **Manuel Lopes,** 41 anos, dirigente da CGTP, disse encarar o parlamento apenas como «mais uma tribuna onde a luta continua» e mostrou-se satisfeito pela participação, desde 1980, nas listas APU, onde «**mesmo quando em diversidade, há caminhos de firmeza e honestidade exemplares na defesa dos interesses do Povo**».

Revelou Manuel Lopes que nos últimos dois anos caíram no desemprego mais 170 mil trabalhadores. Considerou ainda pouco ou nada esperar da CEE, lembrando que, já quando participámos da EFTA, juntamente com os países nórdicos, não deixámos de ser o país mais atrasado da Europa. E citou o caso de Espanha que sem EFTA ou CEE conseguiu nos últimos 15 anos ultrapassar o nosso país em termos económicos e sociais, com salários quatro vezes mais altos.

O aumento crescente da dívida externa, a manipulação informativa, o casamento PSD-PS nas autarquias foram temas ainda da intervenção do antigo operário têxtil que, a dada altura, cantou uma quadra de Aleixo, musicada por Zeca Afonso visando a demagogia e falsas promessas com que os partidos do Poder começam já a bombardear os portugueses. «**Vós que lá do Alto Império-/Prometeis um mundo novo-/Calai-vos que pode o Povo-/Querer um Mundo Novo a sério**», cantou Manuel Lopes, acompanhado pelos presentes.

Maria Santos, 33 anos, professora e animadora cultural, candidata dos **«Verdes»,** citou Jorge de Sena («Que mundo será o vosso...») e formulou as propostas dos ecologistas integrados na APU: lutar pela defesa da Natureza e da Vida, reivindicar uma sociedade mais harmoniosa, mais equilibrada, mais justa e mais feliz. **Seremos uma voz humanista no Parlamento,** sublinhou a candidata, que prometeu ainda lutar contra o estacionamento ou passagem de armas nucleares no nosso país e particularmente no Tejo.

PRD: «vacuidade ideológica»

José Tengarrinha lembrou que, quer a AD quer o Governo PS-PSD não conseguiram manter os respectivos governos apesar de disporem de maiorias parlamentares, apesar de controlarem a Informação. **É** — frisou — **a vontade popular, sob todas as formas, que ditará, em última instância, a sorte dos governos».**

Denunciou ainda a «mistificação» que representa a maior atenção dos órgãos de Comunicação sobre as presidenciais, a reflectir o receio do PS e do PSD «sobre os resultados das eleições legislativas e autárquicas».

Quanto ao PRD, praticamente ignorado na intervenção de Cunhal, o presidente do MDP considerou «consequência natural da desagregação e do desprestígio do PSD e do PS» e com um «espaço de influência considerável, mas naquele campo dos que traíram o seu eleitorado». Segundo Tengarrinha, a APU não tem que recear o novo partido, que caracterizou pela **vacuidade ideológica e indefinição de propósitos.** Relativamente à aliança com o PCP e com os Verdes, o líder do MDP considerou que ela nasceu «das circunstâncias do próprio processo democrático» e que a sua necessidade «continua a verificar-se com a mesma força» como «vasto plano de cooperação democrática que se apresenta como a maior barreira política aos projectos restauracionistas».

Condenou ainda a desenfreada corrupção governamental e disse estarem **Soares e Jaime Gama «submissos, de joelhos, perante o grande patrão americano».**

Álvaro Cunhal começou por acentuar a circunstância («que os partidos reaccionários procuram fazer esquecer») de que vamos ter eleições antecipadas porque o Governo PS-PSD foi demitido, ou antes, porque Soares e a sua maioria «foram derrotados», e que portanto «PS, PSD, Soares, Almeida Santos e Cavaco Silva conduzem a campanha eleitoral, não na situação de vencedores mas na situação de vencidos».

O secretário-geral do PCP defendeu, tal como Tengarrinha, a demissão imediata do Governo em exercício pois o «carácter democrático das eleições será gravemente afectado se o Governo continuar impunemente a sua acção» e reclamou «o termo imediato da manipulação da Comunicação Social pelos partidos do Governo».

Denunciou, por outro lado, a «colossal campanha demagógica a fim de uma vez mais enganar o povo e o eleitorado» que o PS e o PSD estão a levar a cabo, frisando que se após as eleições tais partidos, incluindo o CDS, voltassem ao Governo, nenhuma das suas promessas seriam cumpridas. A necessidade de reforço da APU para uma mudança política nacional foi tema ainda de Cunhal que disse haver **razões para confiar na passagem da APU a primeira força eleitoral do distrito de Lisboa.**

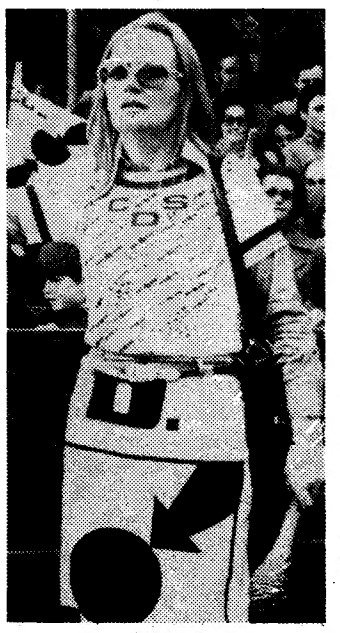
Nomes

Entre os candidatos por Lisboa da APU elegíveis destacam-se ainda os nomes de Octávio Pato, Anselmo Anibal (independente), Jerónimo de Sousa, Alda Nogueira, Carlos Carvalhas, João Amaral, João Corregedor (MDP) Jorge Lemos, Octávio Teixeira e José Magalhães. São também candidatos José Saramago, Fernando Lopes Graça, Miguel Urbano Rodrigues, Luís Francisco Rebelo, António Galhordas, Frederico de Carvalho, Paulo de Carvalho, Rogério Paulo, Urbano Tavares Rodrigues e Inês Fontinha, director de «O Ninho».

CDS de pára-quedas: uma campanha simples

Áurea Sampaio

Ai os choros infantis que por aí se vão escutar se os papás mais sectários impedirem as criancinhas de brincar com os pequenos pára-quedistas de plástico amarelo que o CDS se propõe lançar ao longo das praias em jeito de propaganda eleitoral!
Serão alguns milhares estes brinquedos que cairão do céu juntamente com pára-quedistas (a sério) devidamente «fardados» com fatos de treino coloridos de azul e amarelo — as cores emblemáticas dos centristas.



Importando o estilo de encenação muito utilizada pelos políticos norte-americanos, o CDS deu ontem a conhecer aos jornalistas as formas que encontrou para dar a conhecer ao eleitorado as suas propostas.

E foi uma equipa surpreendentemente jovem, dirigida por Miguel Seabra — precisamente o director da campanha eleitoral — que, em pleno jardim da sede do Largo do Caldas, por detrás de uma tribuna guarnecida com os tons do CDS, revelou todos os «segredos». E nem as imensas abelhas que a princípio causaram algumas apreensões aos participantes turvaram o ambiente bucólico de que o CDS se fez rodear.

Os democratas-cristãos pretendem fazer uma campanha «simples, limpa, moderna, evolutiva, dinâmica e eficaz». Para o conseguirem, propõem-se, à partida, não escrever nas paredes e colar cartazes apenas em locais estabelecidos pelas respectivas câmaras municipais. Quanto a este último aspecto, pretendem conseguir o consenso dos outros partidos, pelo que já enviaram uma carta a todos os directores de campanha das outras formações políticas para um encontro que defina as regras do jogo eleitoral.

«Semear para colher»

Os centristas têm já preparado o seu programa de Governo. Elaboraram-no, afirmam com algum orgulho, ao longo de dois anos. Pela primeira vez, os eleitores terão ante si propostas autênticamente liberais e de centro direita, despojadas «do socialismo» ou do «11 de Março». «Nem no tempo da AD isto se conseguiu», afirma Miguel Seabra.

Mas a interrogação é saber como fazer chegar o seu conteúdo aos portugueses. Em dois meses, com as pessoas a «preocuparem-se» quase só em desfrutar o seu mês de lazer.

Por isso, os centristas vão privilegiar os contactos porta a porta e o envio de cartas ao eleitorado. Aliás, Miguel Seabra salientou que os seus candidatos estabeleceram para com o partido o compromisso de percorrerem todas as freguesias do seu círculo eleitoral.

Entre a sombra das árvores e a frescura da relva havia quem chamasse a atenção para a «dureza» de semelhante campanha.

Centristas que têm «slogans», um deles a entregar com saquinhos cheios de sementes: «semear para colher» é um dos lemas. Ainda outros: «a equipa para vencer» ou «CDS voa para a vitória». Este deverá constar das faixas que aviões deverão puxar pelos céus do país.

Quanto a comícios apenas os imprescindíveis. Dois (de abertura e encerramento da campanha) em Lisboa e um por distrito.

O CDS fecha a porta a espectáculos onde, afirmou ainda Miguel Seabra, não é possível levar as propostas do partido.

«Nós não queremos dar música às pessoas» dizia, em jeito de remoque ao PS e à APU.

Lazer e confusao

Depois há os temas políticos da campanha. A governação PS/PSD que «precipitou o país na mais grave crise do pós-guerra» é um deles. Mas também a defesa da necessidade de um «pacto de regime» para rever a Constituição ou a urgência de «uma maioria estável para governar» maioria, entenda-se, que «só o CDS pode liderar».

O lançamento de Lucas Pires como Primeiro-Ministro é outro objectivo dos democratas-cristãos aqui e ali pintados de maior ou menor liberalismo. E não se poupam a elogios ao seu candidato: «jovem, forte, intelectualmente superior, prestigiado internacionalmente, bom negociador, moderado mas sério e com um passado de rigorosa coerência».

Finalmente, e para já, uma certeza: o CDS vai «estar a pau» com as despesas com a campanha eleitoral dos outros partidos. Despesa que, para aqueles que se apresentarem em todos os círculos é estimada em cerca de 60 mil contos — o número de candidatos vezes o ordenado mínimo nacional. São os espectáculos — lazer do PS (há dois anos o CDS pediu a uma firma da RFA um orçamento para dois espectáculos com a utilização de lasers que foi estimado em 6 Mil contos) que estão a fazer muita confusão no Largo do Caldas.

Autarcas de Portalegre contra Presidente da Câmara de Sousel

A Assembleia Distrital de Portalegre apresentou um protesto ao ministro da Administração Interna contra o presidente da Câmara de Sousel, Torres Pereira.

Em moção aprovada por unanimidade na reunião, a Assembleia Distrital protesta contra o procedimento de Torres Pereira que acusa de 'desprezar' este órgão, não comparecendo às suas reuniões.

A Assembleia Distrital de Portalegre, órgão maioritariamente socialista, considera ainda o procedimento do presidente da Câmara de Sousel (PSD) «nada digno de um eleito local».

Segundo o texto da moção, aprovada por 26 autarcas do distrito de Portalegre, Torres Pereira, «deveria ser mais responsável e ter mais respeito pelos órgãos autárquicos democraticamente eleitos».

CNJ quer ser interlocutor junto dos órgãos de poder

O Conselho Nacional de Juventude (CNJ), que reivindica o papel de interlocutor privilegiado perante os órgãos de poder, vai pedir audiências ao chefe de Estado, presidente do Parlamento e Primeiro-Ministro, segundo foi ontem anunciado em Lisboa.

Numa conferência de Imprensa que teve lugar no Palácio Foz, o CNJ anunciou que quer assumir-se como «interlocutor perante os poderes constituídos e reivindicar o direito de consulta sobre todos os assuntos que respeitem à juventude». O CNJ congrega diversas organizações nacionais de juventude de carácter partidário, laboral, religioso, cultural, ecologista, num total de mais de 100. Com efeito, das grandes organizações de juventude apenas a JCP e a Juventude da Intersindical não estão representadas no Conselho.

O CNJ tem como «finalidade fundamental constituir um espaço de diálogo, intercâmbio de posições e pontos de vista entre as organizações nacionais de juventude».

Ramalho Eanes à "África Hoje"

Cooperação militar com Moçambique mas sem envolver homens em operações

Portugal deveria «apoiar e manter» uma força de segurança para a barragem de Cahora-Bassa em Moçambique, afirma Ramalho Eanes numa entrevista à revista «África Hoje».

O Presidente da República, que falava sobre a cooperação militar de Lisboa com as suas antigas colónias a título meramente pessoal, acrescentou: «não pretendo com isto, coerentemente, que sejam enviados efectivos militares para Cahora-Bassa. Entendo, por exemplo, que poderíamos preparar a força encarregada dessa segurança, e eventualmente garantir-lhe meios e a própria manutenção, para a tornar mais eficiente».

Eanes afirma que, aquando da sua última viagem a Moçambique, fez referência, como uma das áreas possíveis de cooperação a que se relaciona com o apoio militar.

«As minhas declarações sobre o assunto foram, porém, interpretadas (...) como indicando uma disponibilidade da parte portuguesa para que esse apoio se traduzisse no envio de efectivos portugueses para Moçambique, para aí tomarem parte em operações militares», diz o Presidente.

Acrescenta que, embora tenha esclarecido o que deve ser o conteúdo dessa cooperação militar, deve reafirmar que do seu âmbito «está excluída a participação de elementos portugueses em operações».

Depois de considerar que a sociedade portuguesa rejeitaria qualquer envolvimento militar em operações em Moçambique, Eanes sublinhou que existem outras formas possíveis de cooperação.

«Trata-se concretamente da possibilidade de apoio em armamentos ligeiros e equipamento, preparação de quadros e especialistas em Portugal, ou em Moçambique, quando pelo seu eventual número ou razões de natureza económica desaconselharem a sua preparação aqui».

Sobre Cahora-Bassa, Eanes diz que é de «interesse nacional estudar com a RPM todas as modalidades de resposta a uma situação que, a não ser modificada, continuará a ser extremamente gravosa para os interesses portugueses».

Mercado-Comum lusófono

Na extensa entrevista, que abarca exclusivamente o vector africano da política externa portuguesa, Eanes declara-se favorável à criação de um eventual «mercado-comum» lusófono desde que isso não seja entendido como uma alternativa à CEE, mas como um complemento ao novo quadro em que Portugal se insere.

Por outro lado, Eanes, considera, respondendo a uma pergunta de «África Hoje», que nunca houve na sua conduta qualquer espírito de ingerência no exercício das competências do Governo.

«A minha acção no que se refere às relações com os novos países de expressão oficial portuguesa guiou-se sempre pelo que considero ser o interesse nacional.»

Sobre a limitação dos seus poderes presidenciais, Eanes afirma que tal facto não lhe retirou a possibilidade de manter o diálogo e a troca de ideias com os principais responsáveis desses países.

«Foi nesse quadro que assumi alguns 'compromissos' como o alteamento da barragem de Cambambe em Angola. Pediu-me o Governo, aquando da minha visita à RPA, que advogasse, ao meu nível, o interesse de Portugal nesse empreendimento.»

«Não curei de indagar os motivos reais desse interesse e limitei-me a satisfazer da melhor maneira que soube, e no quadro definido pelo Governo.» — acrescentou.

«Vicissitudes várias impediram (...) que esse interesse fosse mantido. Não escondo que isso me incomodou, política e eticamente. Estou convencido de que o senhor Presidente da República Popular de Angola compreendeu a evolução da situação», concluiu.

UDP acusa PS e Freitas de "propaganda ilegal"

A UDP protestou junto da Comissão Nacional de Eleições, exigindo o cumprimento da Lei Eleitoral, que proíbe a propaganda política, directa ou indirectamente, nos meios de publicidade comercial, feita pelo PS e Freitas do Amaral.

Exigiu, assim, que «fosse arrancada toda a propaganda política do PS colocada em placards comerciais na zona das Amoreiras e em outros locais em Lisboa», pedindo que o PS seja processado judicialmente.

De igual modo, a UDP exige procedimento idêntico em relação aos cartazes de Freitas do Amaral, que «é na prática, a cara do CDS e uma forma de propaganda deste partido», o que é contra o artigo 72 da Lei Eleitoral.

«Aqueles que fazem as leis são, afinal, os primeiros a não as cumprir» — refere o comunicado — que acrescenta: «Já não basta ao PS e ao PSD o controlo apertado que fazem da Televisão, da Rádio e outros meios de Comunicação Social, recusando à UDP o direito de ser ouvida».

Por outro lado, sublinha-se no comunicado, «a UDP aguarda há cinco dias resposta do presidente do conselho de administração da RTP, para saber quando vai ter o direito de ser entrevistada, tal como fizeram com o PRD, recentemente», e afirma a disposição de «recorrer a todos os meios para que a propaganda ilegal seja de imediato retirada».

PSR: "despedimento com justa causa para Soares"

«Despedir Mário Soares com justa causa, por uma causa justa» é o objectivo expresso do Partido Socialista Revolucionário (PSR), que ontem apresentou, em conferência de Imprensa, os seus candidatos às próximas eleições legislativas.

Na ocasião, António Gomes considerou que o afastamento do actual Primeiro-Ministro é exigido «pela defesa dos interesses dos trabalhadores e do socialismo que renegou».

O PSR, que concorre às próximas eleições em todos os círculos eleitorais, encara a sua participação na campanha eleitoral como uma «acção de agitação das suas teses e de contacto com as populações».

COMBOIO DIRECTO VIAGEM VANTAGEM

LISBOA – BEJA
APENAS 3.10 HORAS.
DESDE 455$00.

Os comboios directos oferecem-lhe condições de viagem extremamente vantajosas, em custo e em tempo de percurso. Como no caso Lisboa – Beja, por exemplo.

Aproveite o comboio directo. Viagens mais rápidas. Preços mais acessíveis.

Comboio, a opção dinâmica.

C.P. Gabinete Design

COMBOIO DIRECTO VIAGEM VANTAGEM

LISBOA – CASTELO BRANCO
APENAS 3.35 HORAS.
DESDE 595$00.

Os comboios directos oferecem-lhe condições de viagem extremamente vantajosas, em custo e em tempo de percurso. E, agora, com o Horário de Verão 85, a CP põe à sua disposição mais 1 comboio directo por dia na Linha da Beira Baixa. E menores tempos de trajecto em todos os comboios que servem esta Linha.

Aproveite o comboio directo. Viagens mais rápidas. Preços mais acessíveis.

Comboio, a opção dinâmica.

C.P. Gabinete Design

Sardinha: de comida de pobres a festival em Portimão

Elizabete Rodrigues NP «DL»

Sabe bem a pingar no pão, apertadinha em latas, levou o nome Portugal a muitos países do Mundo. Antes, foi comida dos pobres. Hoje é já, também, iguaria dos ricos. Agora resolveram fazer um festival em sua homenagem — a sardinha, pois claro.

A festa começa hoje dia 8, precisamente em Portimão, cidade em que o saboroso peixe é o principal cartaz turístico.

Comida junto à ponte, em cinco restaurantes debruçados sobre o rio Arade, a sardinha assada na hora, envolve os seus comensais portugueses e estrangeiros numa nuvem cheirosa de fumo.

Ulla e Erik, por exemplo, dois jovens suecos de mochila às costas, não se cansaram de perguntar aos que com eles viajavam do Barreiro para o Algarve onde se comiam as «sardinhas assadas de Portimão».

É que, esclareciam, um amigo também sueco tinha-lhes falado da iguaria e eles não queriam perdê-la, por nada deste mundo.

Mas, antes de ser cartaz turístico, a sardinha foi já a base da economia de Portimão, onde pescadores e conserveiros fizeram dela o seu ganha-pão durante muitas décadas.

Portimão tem sido ao longo dos tempos um dos portos portugueses mais importantes em volume de sardinha pescada assim como já foi sede das maiores fábricas de conservas do País.

Hoje, a pesca da sardinha e a indústria conserveira estão em decadência. Mesmo assim a Câmara Municipal daquela cidade, com a colaboração da Região de Turismo do Algarve, resolveu promover o «Festival Nacional da Sardinha» que se prolongará por duas semanas.

Parte da história

Junto ao rio Arade, onde o famoso peixe é descarregado, está a ser erguido um recinto que custará quatro mil contos, com capacidade para duas mil pessoas, tantas quantas a organização pensa que irão ao festival diariamente.

A decoração, em branco, tons de azul e vermelho, cores tradicionais algarvias, foi entregue ao artista local, Júlio Amaro.

A ideia do festival é, segundo Martim Gracias, presidente da autarquia desta cidade algarvia, «valorizar as riquezas da terra, em especial a sardinha, que faz já parte da história de Portimão».

O responsável pela Junta Autónoma dos Portos do Barlavento Algarvio, Analide Guerreiro afirma, por seu lado, que «a pesca em Portimão já não é o que foi noutros tempos».

Se em 1968 foram capturadas pelas traineiras portimonenses 28 mil toneladas de peixe, actualmente apenas se consegue atingir as 18 mil. Deste total, no entanto, cerca de um terço é de sardinha o que atesta a importância que este peixe continua a ter.

O pescador Gabriel Soares, à 60 anos na «faina do mar», ainda se recorda de os barcos voltarem a «abarrotar» de sardinhas e outras espécies. Agora, afirma, «pesca-se muito menos. Os barcos são em muito maior número e o peixe foge da costa talvez por falta de comida».

As fábricas de conservas que eram até à cerca de vinte anos a indústria mais importante da cidade de Portimão estão hoje na sua maioria paradas e reduzidas a compridos edifícios semi-arruinados com altas chaminés há muito inactivas.

Apenas uma empresa, com sede junto à ponte de Portimão continua a laborar e, mesmo assim, cheia de dificuldades e intervencionada pelo Estado.

Mar e fábricas

Segundo um estudo da Direcção-Geral das Pescas, em dez anos, o número de fábricas de peixe e de postos de trabalho registaram uma quebra de mais de cinquenta por cento.

Maria da Silva, algarvia, de 42 anos, trabalha desde os 18 nas conservas

Em nova — recorda — quando havia peixe «as mulheres das redondezas vinham todas trabalhar para as fábricas de peixe». «os maridos andavam no mar e as mulhereres iam para as conservas».

«O salário era baixo, o trabalho intermitente, mas, quando havia peixe, não havia mãos a medir e trabalhava-se sem parar» — acrescentou.

Hoje a maior parte das fábricas pararam e as mulheres ficam em casa ou arranjam outros empregos.

Em decadência ou não a sardinha que já não é bem a comida dos pobres, pois, também os turistas a apreciam, será rainha de um festival.

«Pelas 11 horas, ou meia noite, quando os barcos começam a sair para a pesca, as pessoas poderão assistir a esse espectáculo» — salienta um membro da comissão organizadora.

Os pescadores de Portimão acham «boa ideia» fazer-se um festival da sardinha. Inácio Manuel, 21 anos, pescador desde os 14 lembra que ele e os seus companheiros têm até intenção de oferecer algumas caixas de sardinha.

«Depende de como correr a pesca» — acrescentou.

José Gabriel Soares, por seu lado, faz questão de esclarecer que aquele não é só um «Festival Nacional da Sardinha».

É a festa do pescador porque se não fosse o pescador não havia peixe para ninguém» — sublinhou.

"Pensamos que esse peixe é roubado"

Pescadores de Setúbal alarmados com arrastões junto à costa

Os pescadores da costa de Setúbal regressaram ontem a terra para evitar que os arrastões que ocupam as suas zonas de pesca descarreguem as suas capturas na lota, disse à Anop um dirigente dos pescadores.

Ricardo Santos, presidente da Liga dos Pequenos Proprietários Pescadores de Setúbal disse: «Pensamos que esse peixe foi roubado e não pode ser vendido por eles, porque é pertença nossa».

Os arrastões, acrescentou, estão a pescar a duas milhas da costa entre Setúbal e Sines nas «zonas baixas» (entre as cinco e as oito braças de água) quando, por lei, só podem pescar além das seis milhas, uma vez que a zona da costa está reservada a pesca artesanal.

Contactada pela Anop, a Capitania do Porto de Setúbal diz ter «interceptado as mensagens rádio que estiveram na origem do regresso dos pescadores a terra e estar a acompanhar a situação».

«Se os pescadores tentarem impedir a descarga do peixe tentaremos por todos os meios fazer com que a descarga se faça, já que esses barcos têm todo o direito de o fazer», acrescentou o graduado de serviço à capitania.

«Depois de feita a descarga os pescadores poderão então levantar os processos que acharem convenientes», disse.

Os pescadores da costa de Setúbal admitem entrar em greve como forma de pressionar as autoridades a controlar as zonas de pesca costeira «que estão invadidas pelo arrasto» disse um dirigente dos pescadores.

Ricardo Santos acrescentou que, na passada terça-feira, os barcos do arrasto do Norte de Lisboa venderam «cerca de 1.600 contos de peixe na lota de Setúbal: tudo espécies reservadas à pesca artesanal como o carapau e o besugo».

«Hoje os barcos foram para o mar entre o meio-dia e as 15h00 e, quando chegaram às suas zonas de pesca viram-nas invadidas por arrastões. Imediatamente contactaram connosco pela «banda do cidadão» e pelo «Setúbal Pesca Rádio» anunciando que vinham para terra para impedir a descarga do peixe dos arrastões e tomar outras medidas de defesa dos seus interesses, entre as quais a greve» acrescentou Ricardo Santos.

O dirigente dos pescadores disse que a totalidade dos barcos devia chegar até às 22h00, após o que se realizaria um plenário para decidir das medidas a tomar.

«Já uma vez fizemos uma greve de três dias pelo mesmo motivo e foi-nos garantido pelo Comando Naval do Continente (responsável pela fiscalização costeira) que passaria a exercer uma fiscalização rigorosa, mas afinal estamos na mesma», acrescentou.

Ricardo Santos disse que «também a Capitania do Porto de Setúbal diz que não fazia nada por não ter meios e deste modo a situação mantém-se».

Os pescadores da costa de Setúbal têm, nos tribunais de Grândola e Santiago do Cacém, processos-crime contra os armadores da pesca do arrasto «pela destruição de mais de 10 mil contos de redes», disse o dirigente dos pescadores.

Ricardo Santos explicou que «os arrastões lançam as suas redes ao fundo e acabam por arrastar as nossas próprias redes, destruindo-as».

Os barcos artesanais pertencentes à Liga dos Pequenos Proprietários de Setúbal são cerca de 400 e dispõem de uma tripulação média de oito pescadores, num total superior a três mil pessoas.

Por lei os pescadores artesanais têm reservada uma faixa da costa até às seis milhas, passadas as quais, podem operar as outras artes de pesca, entre elas o arrasto.

SUIÇA
ZURIQUE·GENEBRA

	LISBOA	ZURIQUE	
TP 522	10,50 →	14,25	Diariamente

	LISBOA	GENEBRA	
TP 524	12,55 →	16,10	Dom.
* TP 532	09,45 →	14,20	Sáb.

	PORTO	ZURIQUE	
TP 534	08,15 →	12,45	Dom.

	PORTO	GENEBRA	
TP 534	08,15 →	11,10	Dom.
TP 536	11,25 →	14,20	2.ª F.

* via Porto

12 vezes por semana...

tap AIR PORTUGAL

...e serviço como mais ninguém lhe oferece

INTERMARCO

Aconteceu numa cervejaria em Benfica

Alvejado por agente da PSP poderá ficar mudo toda a vida

Manuel Geraldo

Um funcionário dos Serviços Técnicos dos TLP (TEelfones de Lisboa e Porto), José Gonçalves, de 39 anos, solteiro, encontra-se ameaçado de ficar mudo, numa cama da Clínica de São Lucas, à Avenida António Augusto de Aguiar, 140, após ter sido atingido a tiro, no passado dia 17, por um agente da PSP à paisana, junto à Cervejaria «Boa Esperança», em Benfica. Antes de chegar à cama n.º 33 da Clínica de São Lucas, José Gonçalves, natural de Alvito da Beira, Castelo Branco, permaneceu entre a vida e a morte na cama n.º 28, piso 4, da Secção de Clínica Cirúrgica do Hospital de Santa Maria.

O «DL» esteve na Clínica de São Lucas (o nosso interlocutor foi escrevendo num papel o que a voz não lhe permitia transmitir) e recolheu a versão de José Gonçalves: coincidente, até ao pormenor com a que nos fora narrada, horas antes, pelo proprietário da Cervejaria «Boa Esperança» e outras testemunhas referenciadas do incidente.

Em síntese, tudo se passou assim: era quase meia-noite e, de um grupo de quatro clientes (dois homens e duas mulheres), que estavam sentados na esplanada do estabelecimento, destacou-se um deles que, dirigindo-se ao proprietário se identificou como agente da PSP, mostrando-se disposto a intervir junto de um jovem que disse suspeitar estar a fumar droga, pois «lhe cheirava a erva». Resposta do proprietário: «Se lhe cheira a erva, e o senhor é polícia, o problema é consigo». A reacção do agente não se fez, então, esperar. Avançou para o suspeito e começou a revistá-lo, ao mesmo tempo que lhe apontava a pistola à nuca.

Foi nessa altura que José Gonçalves, já a preparar-se para seguir para casa, na Estrada de Benfica, interpelou o agente dizendo-lhe apenas: «Ó amigo, isso não são maneiras de tratar um cidadão num lugar público. Se tem suspeitas, leve-o à esquadra de Benfica, que fica bem perto, e reviste-o. Mas assim, não está certo». Palavras não eram ditas e já José Gonçalves recebia um tiro no pescoço, «ao nível das cordas vocais», logo caindo inanimado. «O agente, ao que me disseram, entregou-se, depois, a um colega que estava de serviço, frente à Caixa Geral de Depósitos, na Rua Cláudio Nunes. Em minha opinião, ele ao revistar o jovem pretendeu, apenas, exibir-se perante a namorada que o acompanhava e acabou por quase me matar. Não há direito que se delegue, assim, a autoridade a indivíduos imaturos que não sabem controlar os seus instintos», escreveu José Gonçalves, a finalizar o depoimento que prestou à nossa reportagem.

À atenção do Provedor de Justiça

Em poder dos elementos atrás transcritos, desenvolvemos as diligências que julgámos necessárias para um aclarar dos factos. Porém, as fontes policiais contactadas não corresponderam às nossas solicitações. De concreto, apenas conseguimos apurar que o agente envolvido no acidente pertence à esquadra de Carnide e que, de momento, está a decorrer um «rigoroso inquérito» para apuramento de responsabilidades. Só que, a não ter havido um leitor que nos telefonou a alertar-nos, para o sucedido, nada teria transpirado, pois o Comando-Geral da PSP de Lisboa não transmitiu, nas 24 horas a seguir à ocorrência, uma informação, como é norma, através do seu porta-voz no Governo Civil, comissário principal Veríssimo Martins.

Valha-nos ao menos a consolação de que, deste vez, houve alguém que não deixou cair no silêncio o incidente e que a vítima (José Gonçalvesl transportado ao Hospital de Santa Maria, numa ambulancia do 115, pertencente ao posto situado na Praça de Espanha, ainda não foi ouvido no inquérito), bem como a principal testemunha, o proprietário da cervejaria onde o incidente teve lugar, desde logo se prontificaram em assumir a parte que lhes coube nos acontecimentos. Tornando-se, assim, excepções (gratificantes) no quadro há dias traçado pelo Provedor de Justiça, quando afirmou existir «um sentimento generalizado na sociedade portuguesa de que não vale a pena fazer queixas contra agressões cometidas pela PSP». Na altura, o dr. Almeida Ribeiro acrescentou que «toda a gente tem conhecimento de arbitrariedades e violências cometidas por agentes policiais, mas o espírito de corporação e um certo demissionismo encarregam-se de fazer ficar impunes tais infracções».

No caso da agressão a tiro de José Gonçalves, não houve demissionismo nem o achar, por parte dos intervenientes, de que não vale a pena apresentar queixa contra agressões cometidas pela PSP. Resta perguntar: que irá fazer, a partir de agora, na posse destes elementos, o Provedor de Justiça e as entidades judiciárias responsáveis? Pela nossa parte ficaremos atentos para verberar, ou aplaudir, o que nos for dado observar face à evolução de mais este processo...

Foto de Aristides Mendes

A vítima, José Gonçalves, funcionário dos TLP, ontem fotografado na Clínica de São Lucas, onde está internado

Garoto de 4 anos afogado num poço

Um garoto de quatro anos, que desaparecera de casa dos pais em Espírito Santo das Touregas, Coimbra, foi encontrado, ontem à noite, afogado num poço existente naquela localidade. O cadáver de Nuno Manuel Pereira Marques foi descoberto após seis horas de pesquisas, nas quais participaram muitos populares e elementos da GNR.

Criança esmagada por pedregulho

Um pedregulho, proveniente de uma pedreira localizada nas proximidades, entrou pelo telhado de uma residência em Madalena, no concelho de Vila Nova de Gaia, indo atingir mortalmente no peito uma pequenita de quatro anos. Bruna Fátima Fonseca da Silva, que na altura brincava na cama da mãe com uma irmã de doze anos. Esta, Maria Madalena, sofreu apenas ferimentos ligeiros.

Agricultor morto pelo filho

Quando se dirigia para o curral da sua exploração, em Ameixial no Algarve, a fim de dar de comer ao gado, o agricultor António Pires, de 73 anos, foi abordado pelo filho, José Pires, de 45 anos, doente mental, que lhe vibrou sete facadas mortais. O homicida tentou depois agredir a mãe e outros familiares, mas acabou por ser dominado e entregue à GNR, sendo depois internado, sob prisão, num estabelecimento hospitalar de Faro.

Vitimado pela arma com que batia na mulher

No Casal da Fonte, em Telheiras de Cima, Lisboa, um indivíduo de 56 anos, Carlos Fernandes Ginja, morreu ao ser alvejado com um tiro de caçadeira no peito, em princípio disparado acidentalmente quando agredia a mulher com a coronha da arma. Otília dos Santos Lopes, de 56 anos, que contou o sucedido à PSP, teve de ser internada no Hospital de Santa Maria, com fractura de uma perna. O caso está a ser investigado pela Polícia Judiciária que procura agora localizar os dois filhos do casal.

Comissão propõe-se averiguar os exageros da Polícia

Uma comissão de inquérito procederá a um levantamento «exaustivo» para averiguar se existe efectivamente um acréscimo do uso da violência pela Polícia de Segurança Pública, dispõe hoje o «Diário da República».

A comissão, composta por um procurador-geral-adjunto, designado pelo ministro da Justiça, sob proposta do Procurador-Geral da República, um representante do Ministério da Administração Interna e pelo chefe de secção de Justiça da Administração Interna e pelo chefe de secção de Justiça e Disciplina do Comando da PSP, tem 45 dias para apresentar o resultado do relatório do inquérito e sugerir medidas.

O despacho conjunto dos ministérios da Administração Interna e da Justiça, publicado hoje na segunda série do «Diário da República», determina o nível da referida comissão e acrescenta que o comando-geral da PSP deverá dar todo o apoio logístico e administrativo e facultar o exame de todos os documentos e processos respeitantes aos factos que constituem o objecto do inquérito.

A comissão deverá averiguar a veracidade de acusações de actuações violentas, desproporcionadas ou excessivas da Polícia de Segurança Pública, na sequência de notícias que têm sido veiculadas na Imprensa, a partir de Janeiro do corrente ano, refere o preâmbulo do despacho.

«Não poderá excluir-se a hipótese de, na profusão das notícias e referências, através das quais se critica a actuação da PSP, haver uma certa dose de exagero ou exploração sensacionalista», salienta o diploma.

«Não será de afastar totalmente a eventualidade, mais preocupante, de estarmos em face de uma campanha movimentada por interesses obscuros, com o objectivo de minar a confiança que a sociedade deposita na sua Polícia e que esta deve continuar a merecer», acrescenta o despacho conjunto dos ministérios da Justiça e Administração Interna.

Pró-Sindical da PSP na União Internacional de Polícia

A Comissão Pró-Associação Sindical da PSP acaba de solicitar a sua inscrição como membro da União Internacional dos Sindicatos de Polícia (UISP) com sede em Hilden, na República Federal da Alemanha, sob a designação de Associação Sindical dos Profissionais da Polícia de Segurança Pública. A estrutura, que tem como principal dirigente o 1.º comissário Joaquim Santinhos, solicita também o apoio daquele organismo internacional para a luta que está a travar pela sua legalização.

No documento enviado ao presidente da UISP, a Comissão faz um extenso relato da sua história, desde as eleições de 8 de Novembro de 1983 até à audiência que lhe foi concedida pelo provedor de Justiça, no dia 1 do corrente.

«É de referir — lê-se no documento — que a opinião pública democrática portuguesa defende a sindicalização da sua Polícia — o que se vai traduzir na apresentação de cerca de 30 mil assinaturas em «abaixo-assinado» ao excelentíssimo senhor presidente da Assembleia da República. Por sua vez, as mais altas instâncias de alcance jurídico em Portugal reconhecem o dimensionamento estritamente civil da PSP, e o consequente direito à constituição da sua Associação».

A Comissão revela, entretanto, a sua intenção de se filiar também brevemente na EUROFEDOR — organismo de representação policial no Conselho da Europa.

Trata-se de um alerta

Marinheiro em terra para andar a pé

Apenas para chamar a atenção para a prática do desporto pedestre, um marinheiro de 32 anos começou hoje à 5 e 30, no Feijó, um percurso de cerca de 300 quilómetros, até à povoação de Sobral, concelho de Góis onde nasceu.

Carlos de Jesus, casado, morador no Feijó, margem sul do Tejo, não pretende bater nenhum recorde nem entrar para o «Guiness Book».

O marinheiro da escola da Armada, no Alfeite, espera chegar no sábado a casa de seus pais, no Sobral. Carlos de Jesus vai fazer a correr o percurso Feijó - Samora Correia - Almeirim - Tomar - Avelar - Lousa -Góis - Sobral. O marinheiro tornou-se conhecido na Armada quando correu a maratona no interior do veleiro «Sagres», dando 1.110 voltas ao mastro principal.

Carlos Vieira insiste em ficar no "Guiness"

O bombeiro ciclista de Leiria, Carlos Vieira, vai hoje fazer o reconhecimento do circuito «Penniway», em Inglaterra, onde dentro de dois dias tentará bater um recorde de resistência em «Ciclocross», o que lhe daria uma segunda citação no livro «Guiness» de recordes.

Luso--americano vai dar volta ao mundo à vela

O luso-americano Micheal Martin mais três companheiros iniciam em Março de 1986 uma viagem de iate «à volta do Mundo» — revela o "Jornal Português", da Califórnia.

Micheal Martin, de Honolulu, Hawai, disse ao jornal da comunidade portuguesa que esteve em Portugal em Maio passado e que através do Ministério português dos Negócios Estrangeiros e da Secretaria de Estado da Emigração estabeleceu vários contactos a nível oficial e com entidades marítimas «que vão ser muito úteis».

O luso-americano recordou que o ministro dos Negócios Estrangeiro, Jaime Gama e a secretária de Estado da Emigração, Manuela Aguiar «acolheram a ideia com o maior carinho e interesse».

Micheal disse que o seu iate «Pionela», deverá fazer escala em vários portos europeus especialmente Lisboa e Funchal.

Da Madeira seguirá a rota do veleiro «Priscila» que há cem anos trouxe os primeiros imigrantes portugueses para as plantações do Hawai.

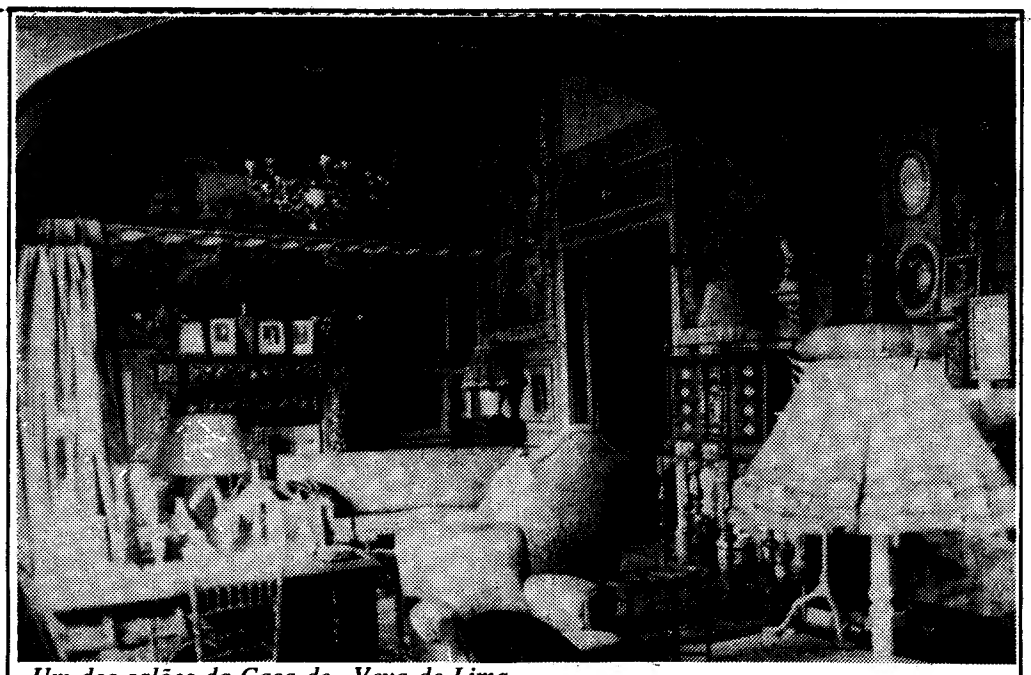
«Nessa histórica viagem — acrescentou — meu avô era um dos elementos da tripulação».

A viagem, disse, vai durar cerca de dois anos.

«Somos quatro, comigo. Roberta Rossiter, da Nova Zelândia, Alan Borehan, do Canadá e Bill Bodeman, de Los Angeles, são os restantes tripulantes».

«Todos somos marinheiros habituados ao mar», disse o luso-americano.

Micheal Martin está envolvido em diversas actividades da comunidade luso-americana e deverá voltar a Portugal ainda durante o mês de Agosto, para continuar os seus preparativos de viagem — acrescenta o jornal da comunidade portuguesa da costa do Pacífico.



Um dos salões da Casa de «Veva de Lima»

Câmara ajuda a reviver os salões literários

A Câmara Municipal de Lisboa assinou um protocolo com a Associação 'Casa Veva de Lima', entidade que pretende fazer reviver o espírito dos salões literários de Lisboa no século XIX.

Ontem constitiída, aquela Associação dedicar-se-á ao estudo e divulgação da vida literária e cultural da segunda metade do século XIX e primeira metade do século XX, estabelecendo o protocolo assinado com a Câmara Municipal que a autarquia cederá a utilização do prédio onde outrora viveu Veva de Lima para as actividades que se propõe.

O edifício, adquirido em 1983 pela Câmara Municipal de Lisboa e onde ainda hoje vive Maria Ulrich, filha de Rui Ulrich e Veva de Lima, está a ser restaurado para utilização pela Associação e, tal como estabelece o protocolo, também para actividades de representação social da autarquia.

O documento agora assinado reserva o piso térreo do edifício para residência de Maria Ulrich, que em 1983 doou à Câmara Municipal de Lisboa «o espólio valiosíssimo» de que era proprietária.

Segundo Nuno Abecasis, presente na assinatura do protocolo, o «recheio da residência de Maria Ulrich vale milhões» sendo difícil avaliá-lo em termos nacionais já que nem o próprio Estado teria dinheiro para comprar alguns dos quadros ali existentes.

No espólio da residência figuram dois retratos a óleo atribuídos a Franz Halls, que segundo fontes da Câmara Municipal, «se fossem leiloados atingiriam as centenas de milhares de contos».

O espólio, que inclui mais de 500 peças é actualmente património da cidade e será mantido na residência onde a Associação 'Casa Veva de Lima' promoverá as suas actividades, mantendo assim o ambiente dos salões do século passado.

Faianças, mármores, alabastros, marfins e jade são alguns dos materiais de que são feitas muitas das peças do espólio que inclui ainda tapeçarias chinesas, de Arraiolos, colunas de pau santo, armários lacados, mesas com incrustações de madrepérola, e objectos vários em prata, entre outros artigos de grande valor.

A Associação conta já com 100 sócios, entre os quais figuram 22 instituições culturais, como a Fundação Calouste Gulbenkian, Universidades portuguesas, Academia das Ciências, de Belas- Artes, de História e da Marinha, o Teatro Nacional D. Maria, a Associação Portuguesa de Escritores, a Fundação Ricardo Espírito Santo, o Centro Nacional de Cultura e o Conservatório Nacional.

Segundo o protocolo, a Câmara Municipal de Lisboa — que comprou o edifício por 15 mil contos — «compromete-se a subsidiar anualmente a Associação 'Casa Veva de Lima' com mil contos, verba que será actualizada se tal se mostrar necessário».

«As obras de restauração do edifício já ultrapassaram alguns milhares de contos e estão a ser feitas por uma equipa de técnicos e operários especializados da Câmara Municipal» — disse Nuno Abecasis.

A Associação 'Casa Veva de Lima' terá a seu cargo as despesas de manutenção do prédio, que se situa na Rua Saraiva de Carvalho — refere ainda o texto do protocolo.

Nele sublinha-se que a CML «poderá utilizar o imóvel para actividades culturais e apoio de artistas e intelectuais».

Incêndios em dois armazéns de alfaias agrícolas

Fábrica de móveis e estofos destruída pelo fogo em Rio Tinto

As chamas destruíram ontem uma fábrica de móveis e estofos, em Rio Tinto, nos arredores do Porto, e dois armazéns de alfaias agrícolas em Ribeira de Frades e São Silvestre, no concelho de Coimbra. O proprietário da fábrica, Serafim Manuel de Sousa Almeida, disse que o fogo, motivado em princípios, por um curto-circuito, consumiu todo o recheio do complexo, localizado na Travessa da Estrada Nova «designadamente produtos acabados, matérias-primas e máquinas».

Em Ribeira de Frades, o incêndio combatido pelos Bombeiros Voluntários de Coimbra eclodiu quando um operário procedia a uma soldagem a electrogéneo, tendo ficado destruídos artigos avaliados em quatro mil contos. A mesma corporação foi ainda chamada a São Silvestre, onde o sinistro consumiu palha e alfaias, tendo ainda vitimado dois suínos.

Entretanto a NP, citando a Inspecção Regional de Bombeiros de Lisboa e Vale do Tejo, refere que ontem, em redor da capital, ocorreram 89 fogos rurais que atingiram cerca de 753 hectares de terras. No mesmo período arderam 14 hectares de floresta em Castelo Branco, 11 hectares em Aveiro e meio hectare em Leiria. Para além de centenas de bombeiros participaram no combate a estes incêndios cinco aviões e três helicópteros da Força Aérea.

Família envolvida em acidente no Carregado

Um automóvel BMW — 1502, conduzido por um oficial que se dirigia do Carregado em direcção a Lisboa, despistou-se, cerca das oito horas desta manhã, na Auto-Estrada do Norte, próximo daquela localidade ribatejana, tendo morrido, já a caminho do Hospital de Santa Maria, uma das ocupantes, Deolinda da Silva Costa, de 83 anos. No acidente ficaram ainda feridos o condutor do veículo, Armando Pereira Alves Santos, de 52 anos, oficial da Marinha, a sua mulher, Maria Silva Costa Santos, de 50, e o sogro, José Pereira Costa, de 86 anos, que era casado com a falecida. O automóvel atravessou a faixa de rodagem, onde não existe separador, indo imobilizar-se no outro lado da via.

Cruz Vermelha organiza "lotaria"

Uma nova «lotaria» vai ser dinamizada, em Outubro próximo, não pela Misericórdia mas pela Cruz Vremelha Portuguesa (CVP), que irá lançar um sorteio com prémios no total de 90 mil contos. Trata-se de uma iniciativa destinada a permitir à CVP continuar a dar apoio a eventuais situações de catástrofe ou a grandes sinistros. Com bilhetes a 400 escudos, o sorteio integra-se nas comemorações do 120.º aniversário da CVP que decorreu este ano. Os números premiados serão anunciados numa gala a realizar a 11 de Outubro, no Casino Estoril.

Portuguesa morreu na estrada de Irun

Uma portuguesa, Filomena Cassilda Bessa, de 39 anos, morreu em acidente de viação ocorrido ontem de madrugada, no quilómetro 400 da estrada Madrid-Irun na província de Navarra, informou a Guarda Civil.

O automóvel em que viajava a vítima, um Volkswagen Santana, de matrícula francesa, 4087-QK- 39, em que também viajava seu marido, Aníbal dos Santos, de 50 anos, e sua filha, Altuia Margarida Cassilda dos Santos, de 17 anos, chocou de frente com outro veículo que circulava em sentido contrário.

O marido e a filha foram internados, com ferimentos graves, num hospital de Vitória.

LONDRES

	LISBOA	LONDRES	
TP 450	10,15	12,35	Diariamente
** TP 480	12,35	16,10	4.º F.
TP 454	17,45	20,20	6.º F.
	PORTO	LONDRES	
TP 484	18,20	20,20	Dom.

** via Porto

	FARO	LONDRES	
TP 474	17,45	20,20	2.º F., 5.º F. e Sáb.
	FUNCHAL	LONDRES	
* TP 492 ** TP 494	11,15	16,10	5.º F. e Dom.

* via Lisboa
** via Porto

15 vezes por semana...

...e serviço como mais ninguém lhe oferece

tap AIR PORTUGAL

INTERMARCO

Incluindo substâncias cancerígenas

Leite pode veicular "venenos" das rações para animais

O Instituto de Qualidade Alimentar detectou, desde 1983 até hoje, alguns casos de contaminação de aflatoxina em rações alimentares para animais — disse o técnico do Instituto Barreto Dias.

Os cereais, milho e trigo, e as oleaginosas, com especial destaque para o amendoim, disse Barreto Dias, podem em «condições especiais de metabolismo» gerar substâncias tóxicas, uma das quais a aflotoxima, que ingerida com frequência, pode causar cancro de fígado e rins, redução das defesas orgânicas e, até, a teratogenia (má formação fetal).

«Em Portugal não têm sido referenciados casos em quantidade de produtos adulterados, por nós analisados, com tal formação tóxica, mas apenas casos isolados e pontuais, dos quais alguns conduziram à morte de animais por ingestão de rações contaminadas», salientou o técnico do Instituto.

Escusando-se a referir os casos havidos, «por segredo de Justiça», Barreto Dias destacou «não ser alarmante a situação portuguesa, por o amendoim, um dos componentes das rações alimentares, não porvir das regiões africanas ou do Brasil, mas sim de Israel».

«Legalmente, continuou «há um controlo de qualidade por parte das próprias empresas, que tomam em atenção os índices de existência de toxina nos produtos. O grande problema existe principalmente, quando se açambarcam quantidades enormes de rações que ficam armazenadas para além dos prazos de validade, o que normalmente conduz à adulteração do produto».

Até ao homem

A grande advertência daquele técnico do Instituto de Qualidade Alimentar vai para os animais produtores de leite, «a toxina mais perigosa, a B1, ingerida em alimentos contaminados pelos animais, pode aparecer no leite, sob a forma de uma outra toxina, a M1, igualmente perigosa».

«Ora, prosseguiu, «ela, através do leite e dos seus derivados irá atingir o próprio ser humano, em larga escala, se não for detectada».

Barreto Dias referiu que «a França tem tido problemas de certa maneira graves com as rações alimentares, porque neles entra um componente em doses elevadas, o amendoim, que eles importam do Senegal, que é muito sujeito à afloxina».

Relativamente ao consumo humano de amendoim, o citado técnico afirmou que ele, hoje, «em Portugal, não é grande e o que entra legalmente no mercado está mais ou menos controlado. Todo e qualquer amendoim que chega à Alfândega só é desalfandegado após análise do produto nos laboratórios do Instituto».

Frisou, por outro lado, que o público consumidor de óleos brutos «deve ter atenção ao que ingere, porque as toxinas do produto inicial são transmitidas para esses óleos. Em Portugal o uso é pouco significativo, mas nos países da CEE já existe um consumo elevado desses produtos».

Barreto Dias concluiu que o óleo refinado das oleaginosas «não traz problemas à saúde quanto à existência de toxinas, porque o processo de preparação normalmente destrói os produtos tóxicos».

Hepatite sob controlo em Vila da Feira

O surto de hepatite que nos ultimos três meses vem afectando a população de Vila da Feira «ainda não foi totalmente erradicado, mas está sob controlo» — disse hoje o delegado de saúde local.

«Cerca de 70 por cento das crianças que foram contaminadas estão recuperadas — disse Borges Alves — e na semana transacta apenas mais um novo caso foi detectado».

Este médico, que é também o director do Centro de Saúde da Vila da Feira, sublinhou que «não há doentes hospitalizados» e caracterizou a doença como «hepatite benigna».

Admitiu que «esta situação pode agravar-se a todo o momento, mas as autoridades sanitárias estão atentas e a população está alertada e instruída no sentido de recorrer ao médico no caso de qualquer sintoma ou suspeita».

Borges Alves indicou que no período de três meses em que se desenvolve este surto de hepatite foram detectados mais de 80 casos em 13 freguesias do concelho de Vila da Feira.

Atribuiu «grande importância» à colaboração que vem sendo prestada pelas autarquias para o combate à doença.

As medidas tomadas em conjunto pelo Centro de Saúde, Câmara Municipal e juntas de freguesia — disse — «são decisivas para o controlo da situação».

As autarquias vêm procedendo à desinfecção de poços e distribuem gratuitamente pela população vasos duplos contendo uma substância que liberta cloro e que são usados nos poços particulares — explicou o delegado de Saúde.

Por outro lado, as juntas de freguesia têm vindo a prestar um serviço gratuito, com recurso a carros/cisternas para despejar as fossas.

Fenprof propõe diálogo sobre escolas superiores de educação

A Federação Nacional dos Professores está disponível para dialogar com as Comissões Instaladoras das Escolas Superiores de Educação.

Em carta endereçada aos presidentes das comissões, o Secretariado Nacional da Fenprof manifesta o desejo de apreciar conjuntamente com as CI's todos os aspectos relacionados com a formação de professores e «as suas implicações no exercício presente ou futuro da profissão docente».

Preocupa fundamentalmente a Fenprof o funcionamento das Escola Superiores de Educação, uma vez que a actual equipa ministerial lhes quer cometer funções que não estavam previstas, nomeadamente a formação pedagógica dos professores do ensino secundário.

A Direcção-Geral do Ensino Superior manifestou já a sua apreensão quanto à capacidade das escolas fornecerem essa formação em documento interno do ME que o ministro mandou retirar da circulação.

Grande parte não está em condições

Marisco tem ácido bórico a mais

«Nas análises laboratoriais têm sido detectados casos constantes de camarão e berbigão congelados com quantidades de ácido bórico superiores ao permitido na lei, disse Barreto Dias.

Aquele responsável referia-se às análises laboratoriais de marisco congelado que «entra no circuito comercial pelas vias legais, claro que no de contrabando já não podemos falar».

Barreto Dias aludiu, por outro lado ao facto de o «marisco que se consome em Portugal poder ser altamente perigoso para a saúde, especialmente se ele provém de congelamentos e descongelamentos, sucessivos, o que conduz ao aparecimento, de microrganismos. que e, por vezes, são altamente tóxicos.

ME desperdiça mais de seiscentos jardins de infância

O Ministério da Educação não cumpre a promessa de criar os 803 lugares correspondentes aos mais de 600 jardins de infância já criados e equipados pelas autarquias locais.

Entretanto, 2 mil educadores de infância deverão ficar no desemprego no próximo ano lectivo, afirma o Secretariado Nacional da FENPROF.

Ao não cumprir a promessa de publicar a Portaria, o ME «beneficia a educação pré-escolar lucrativa e prejudica mais de vinte mil crianças que poderiam frequentar os jardins de infância», salienta a FENPROF que acrescenta estar assim o Ministério da Educação, por um lado, a desmobilizar as autarquias para a construção de infantários e, por outro, a bloquear a expansão do sistema público de educação pré-escolar e contribuir para manter as elevadas taxas de insucesso escolar, sobretudo nas camadas desprotegidas.

MINISTÉRIO DAS FINANÇAS E DO PLANO
COMANDO GERAL DA GUARDA FISCAL
CONSELHO ADMINISTRATIVO

ANÚNCIO

CONCURSO PÚBLICO PARA O FORNECIMENTO DE «TORRES METÁLICAS DE 36 METROS C/PÁRA-RAIOS ELECTRÓNICOS — PROC.° 423/85

1. Faz-se público que está aberto concurso público para o fornecimento à Guarda Fiscal de «TORRES METÁLICAS DE 36 METROS C/PÁRA-RAIOS MONTADOS».
2. Serão recebidas propostas até às 17H30 do dia 9 de Setembro de 1985, procedendo-se à abertura às 10H00 do dia imediato, 10 de Setembro de 1985.
3. O Caderno de Encargos está patente no Conselho Administrativo do Comando Geral da Guarda Fiscal à Rua da Cruz de Santa Apolónia, 2-1100 LISBOA, durante as horas normais de expediente, podendo ser fornecido ao preço de 30$00 cada exemplar.
4. A caução provisória a prestar será de 70 000$00.

ESPECIAL FÉRIAS/85

HOTEL DO PARQUE — VIANA DO CASTELO

Sabemos que você precisa mesmo de umas férias tranquilas. 7 dias 9450.00 p/pessoa em quarto duplo no mês de Outubro, 12 250.00 em Agosto e 10 850.00 em Setembro, é a possibilidade que o Hotel do Parque, pensando em si, lhe oferece no sossegado ambiente das suas 4 estrelas, 2 piscinas climatizadas no coração do Alto Minho, além de agradáveis surpresas. (Pequeno sup. para ocupação quarto individual).

Peça-nos p.f. programa detalhado 'Especial Férias-85' por escrito C.P. 4900, através do telefone 24151/5, telex 3211 ou no seu habitual agente de viagens.

ENFERMEIRA

OFERECE-SE

Para Posto Médico, Centro, Lar Terceira Idade ou similares. Depois das 17 horas.

Resposta a este jornal ao n.° 9802

aguiar

Rua do Carmo, 17-19 — Rua Augusta, 86-96

SALDOS

— ATÉ 22 DE SETEMBRO —

PRONTO-A-VESTIR PARA HOMEM E SENHORA DAS MELHORES MARCAS NACIONAIS E ESTRANGEIRAS

Lanifícios ★ Sedas ★ Algodões ★ Malhas ★ Camisaria

PREÇOS EXCEPCIONAIS

Suinicultura é actividade dominante na Feira de Setembro, do Montijo

A suinicultura será o prato forte da quinta edição da Montiagri, Feira Industrial, Comercial e Agro-Pecuária do Montijo, que se realiza este ano de 14 a 22 de Setembro.

Esta prioridade dada às indústrias e comércio relacionadas com a carne de porco tem a sua razão de ser por ser aquela vila o maior centro produtor de suínos do País. Debates, exposições e concursos estão previstos neste sector da feira.

Tendo como objectivo básico o desenvolvimento das potencialidades do Concelho, a Comissão Executiva da Montiagri pretende que esta edição da feira venha a ser, como as anteriores, uma grande mostra viva das capacidades e do desenvolvimento técnico e económico dos sectores industriais, comerciais e agro-pecuários da região e do País.

Prevê-se a presença de cerca de 130 expositores, o que representa uma maior participação do que no ano anterior onde estiveram presentes 97.

Estão previstas zonas exibicionais de produtos, máquinas e equipamentos dos ramos da agricultura, pecuária, vitivinicultura, floricultura, indústrias de transformação da carne de porco e de outros produtos alimentares, da cortiça, da cerâmica, de rações para animais, de frio e aquecimento, de energias alternativas, de transportes, de serviços e de artesnato, entre outros.

Na Montiagri/85, tal como em edições anteriores, vão efectuar-se mostras e concursos nomeadamente o quinto concurso de carcaças de porco — tipo carne, o terceiro concurso regional de vinhos engarrafados, a segunda mostra regional de salsicharia, a segunda exposição de suínos de raças seleccionadas, a quarta exposição de bovinos de raças seleccionadas, a segunda mostra regional de gastronomia e a segunda mostra regional de artesanato ao vivo.

Têm também um importante papel no programa da Montiagri as jornadas técnicas, colóquios profissionais e mesas-redondas que terão lugar no auditório da feira estando presentes especialistas que pretendem dar aos agentes económicos dos vários sectores a possibilidade de acrescentar e diversificar conhecimentos técnicos e mecanismos de mercado.

A suinicultura ocupa na Montiagri/85 uma importância relevante, uma vez que o Concelho do Montijo é o maior centro produtor de suínos, para o que foi celebrado um protocolo com a Federação Portuguesa de Suinicultores, segundo a qual competirá a esta entidade a organização e gestão do sector.

No âmbito do Ano Internacional da Juventude a Montiagri/85 pretende, também, promover a ligação dos jovens às actividades económicas, através de algumas iniciativas de carácter cultural, recreativo e desportivo.

Um pormenor do cartaz de apresentação da Montiagri/85

Custo de vida sobe mais no Porto do que em Lisboa

O agravamento médio dos preços praticados no segundo trimestre de 1985 nos supermercados do Porto foi em 0,5 por cento superior ao verificado em Lisboa – anunciou ontem a Direcção-Geral de Concorrência e Preços.

Enquanto o agravamento médio de preços verificado para os 157 produtos em amostragem, ocorrido em cinco supermercados do Porto, de Abril a Julho, foi de 2,3 por cento, esse agravamento cifrou-se em Lisboa, em seis supermercados consultados, no mesmo período, em 1,8 por cento.

O levantamento de preços de bens de consumo corrente praticados em supermercados de Lisboa e Porto, um trabalho de periodicidade trimestral daquela Direcção-Geral, revela que em Lisboa os aumentos se cifram em 0,7 por cento para alimentação e bebidas, 3,5 por cento para os produtos de conservação e limpeza, 3,9 por cento para os produtos de toucador e higiene pessoal e 1,1 por cento para os diversos.

No Porto, alimentação e bebidas sofreu um aumento de 0,8 por cento, conservação e limpeza 7,9 por cento, toucador e higiene pessoal 1,3 por cento e diversos 0,8 por cento.

O levantamento mostrou, ainda, que, num conjunto de 83 produtos simultaneamente à venda nos supermercados de Lisboa, as diferenças de preços atingem os 4 por cento.

No Porto, essa diferença cifrou-se em 8,5 por cento para os 82 produtos simultaneamente postos à venda.

Em termos anuais, o agravamento registado de Julho de 1984 a Julho de 1985, na totalidade da amostra, foi nos supermercados de Lisboa de 22,7 por cento, sendo 19,2 por cento na alimentação e bebidas, 30 por cento nos produtos de conservação e limpeza, 24,1 por cento nos produtos de toucador e higiene pessoal e 31,7 por cento nos diversos.

Reservas aumentaram mais de cem milhões

As reservas de ouro e moeda estrangeira do Banco de Portugal aumentaram em mais de 106,5 milhões de contos entre 31 de Dezembro de 1984 e 8 de Junho deste ano, revelou o banco central.

O balanço do Banco de Portugal sobre a situação em 8 de Junho revela, ainda, que relativamente ao fim do ano passado as notas em circulação sofreram uma quebra de 28,7 milhões de contos.

As reservas de ouro do Banco de Portugal atingiam os 943,5 milhões de contos, no fim do ano passado tendo aumentado para 1.050 milhões de contos, no princípio do mês de Junho deste ano.

Ingleses comentam negócio da Somincor

Toda a Imprensa britânica se referiu à conclusão do acordo entre a Rio Tinto Zinc Corporation e o Governo português para a compra de 49 por cento das acções da Somincor.

O «Financial Times», num comentário do seu redactor de assuntos mineiros, Kenneth Marston, diz que enquanto o mercado de cobre continua deprimido devido à excessiva capacidade de produção, e apesar da procura deste metal continuar elevada, poucas companhias estão interessadas em abrir novos jazigos de cobre.

Neves Corvo porém é diferente, visto ser excelente, diz o jornal porque o seu minério é de alta qualidade e pode fazer bons lucros mesmo aos actuais preços baixos do cobre.

As reservas de minério em Neves Corvo são calculadas em cerca de 35 milhões de toneladas com uma média rica de conteúdo de cobre que oscila entre os 7,5 e os 11 por cento.

Novo instrumento financeiro

Governo autorizado a emitir Bilhetes do Tesouro

O Governo, através do ministro das Finanças, está autorizado a emitir bilhetes do tesouro como novo tipo de dívida pública de curto prazo.

O «Diário da República» de hoje publica o decreto-lei do Ministério das Finanças, em suplemento com a data de 5 de Agosto, que autoriza o recurso à emissão da dívida pública de curto prazo, estabelecendo que não haverá emissões inferiores a 1 milhão de contos nem bilhetes do tesouro de valor inferior ao fixado em circular pelo Banco de Portugal.

O diploma refere que os bilhetes do tesouro serão emitidos por 91, 182 e 364 dias, devendo as taxas de juros anuais ser estabelecidas por acordo entre o Ministério das Finanças, Direcção-Geral do Tesouro e Banco de Portugal.

A colocação dos bilhetes do tesouro efectuar-se-á sem emissão física de títulos, no mercado monetário e através do Banco de Portugal, e terão acesso directo à sua emissão as instituições de crédito e as instituições financeiras autorizadas pelo Banco de Portugal.

O decreto-lei admite, também, que o Banco de Portugal venha a autorizar entidades especializadas a exercer actividade de intermediários.

Para os CTT

Empréstimo de 3,5 milhões da banca nacionalizada

Os CTT foram autorizados a contrair empréstimos junto da banca nacionalizada, num total de 3,5 milhões de contos, no âmbito do Plano de Investimentos do Sector Empresarial do Estado (PISEE).

Portarias agora publicadas pelos Ministérios das Finanças e do Plano e do Equipamento Social autorizam a empresa pública Correios e Teldcomunicações de Portugal a contrair junto do Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa um empréstimo interno que pode ir até ao montante de 2 milhões de contos, e outro junto do Banco Português do Atlântico que pode ir até ao montante de 1,5 milhões de contos.

As taxas de juro contratual são as máximas legais em vigor e o prazo dos empréstimos é de sete anos.

Os CTT prevêem este ano um investimento da ordem dos 17,5 milhões de contos — disse à NP fonte da empresa.

Os CTT aguardam para breve a publicação de autorizações de outros empréstimos, a contrair junto da Caixa Geral de Depósitos, estes já consignados a projectos de desenvolvimento específicos.

Quanto aos TLP, foram também autorizados por portaria a contrair junto do Banco Espírito Santo um empréstimo no montante de 1 milhão de contos.

O prazo do empréstimo é de sete anos e a taxa de juro é também a maxima legal praticada no mercado.

COTAÇÕES — CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

COTAÇÕES DE NOTAS	(Por unidade) COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	52$25	58$25
ALEMANHA FED (marco)	58$45	59$55
ÁUSTRIA (xelim)	8$25	8$45
BÉLGICA (franco)	2$734	2$934
BRASIL (cruzeiro)	$010	$020
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	123$15	125$15
(notas de 5 a 1000)	123$65	125$65
DINAMARCA (coroa)	16$20	16$60
ESPANHA (peseta)	$948	1$068
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	167$65	169$65
(notas de 5 a 1000)	168$15	170$15
FINLÂNDIA (marka)	27$55	28$15
FRANÇA (franco)	19$15	19$85
HOLANDA (florim)	51$95	52$95
IRLANDA (libra)	183$55	187$55
ITÁLIA (lira)	$080	$090
JAPÃO (iene)	$674	$709
NORUEGA (coroa)	19$90	20$40
REINO UNIDO (libra)	224$05	228$05
SUÉCIA (coroa)	19$75	20$35
SUÍÇA (franco)	71$35	72$45
VENEZUELA (bolívar)	10$00	11$00

Observações:

1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo

2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

António Guterres

Subordinar o poder económico ao poder político, utilizando como instrumento essencial o sector público, foi a tese defendida pelo eng. António Guterres na Mesa «DL». Dirigente socialista, com imagem de tecnocrata, que se autodefine como «político provinciano» para quem o pomar, o lagar de azeite e as vinhas são referenciais de estabilidade, António Guterres revelou-se também como um político entusiasmado, principalmente com o próximo Congresso do PS, que se realiza no princípio de 1986.

Foi aliás sobre a economia que versou grande parte da conversa mantida nesta MESA DL. Assim o obrigava o convidado, engenheiro por formação, mas economista por convicção.

Convicção tardia, que se seguiu à frustração decorrente da inutilidade, no Portugal marcelista, de seguir a vocação inicial — a investigação no campo da física. «**A probabilidade desse trabalho conduzir a alguma coisa de socialmente útil era muito pequena.**» Daí a reconversão para a economia, e a actividade profissional no Secretariado Técnico da Presidência do Conselho e, depois no Gabinete da Área de Sines, ligado ao planeamento industrial!

Mas esta reconversão é paralela a uma outra opção, a política. «Começou com os movimentos católicos ligados depois à actividade social em alguns bairros da lata na periferia de Lisboa.» Aí surgiu afirma António Guterres, «**a consciencialização de que os problemas sociais não têm solução senão no quadro de soluções políticas**», as quais só são viáveis «**numa perspectiva de esquerda e socialista**».

O 25 de Abril é o novo marco — adesão ao PS, por um lado, encerramento da carreira académica, por outro. «**No dia 26 de Abril fechei numa gaveta os papéis do doutoramento, que lá continuam fechados. Fui ter com o António Reis à RTP e ele venceu as últimas resistências que na altura podia ter e entrei para o PS.**»

Segue-se uma carreira política normal — o arranque do PS na FAUL e em Castelo Branco, o lugar de chefe de gabinete do secretário de Estado da Indústria, Torres Campos, até ao 11 de Março, depois adjunto de Mário Soares, primeiro, a seguir de Salgado Zenha. Deputado até 1983, «**em duas fases muito diferentes**». A primeira, «**aliciante**», com os governos minoritários do PS. «**Por mim passou toda a negociação das leis económicas**», revela com um misto de saudade e contentamento. Depois, com as maiorias AD, «**a função de deputado passou a ter relativamente menos interesse**».

Isso marca o regresso ao trabalho profissional, em regime liberal. Mas, sublinha, «**com grande escrúpulo em relação a coisas que pudessem vir a ter qualquer confusão explícita ou implícita com prática do tipo tráfico de influências, ou coisa que o valha.**» **Não ia fazer contratos de viabilização, nem coisas semelhantes**».

O ano de 1983 é também o dos saneamentos. A maioria dos membros da Comissão da Federação de Castelo Branco sem reunião formal envia para Lisboa uma lista de candidatos a deputados pelo círculo donde não consta o nome de Guterres. Os secretariados de secções correspondentes a 80 por cento dos militantes socialistas do distrito comunicam que ele deve ser o cabeça de lista. São recentes, então, as guerras do ex-Secretariado, Guterres é remetido para a lista de Braga. Não aceita e com ele solidarizam-se os restantes elementos daquele grupo que recusam ocupar qualquer lugar nas listas PS e consequentemente na Assembleia da República, até 1985.

Um erro político, a dois anos de distância? «**Foi uma atitude que correspondeu a um nível de comportamento ético que é infelizmente pouco vulgar na vida política portuguesa. É extremamente abonatório da forma como essas pessoas estão na política.**» Mas, sublinha António Guterres, «**é uma questão completamente ultrapassada, não estou, de todo, preocupado com ela nem em abrir qualquer espécie de discussão a esse respeito. O passado é o passado, já não conta, o que conta é o futuro. E na actividade política deve-se ter uma enorme capacidade de encarar com espírito desportivo as vicissitudes do passado.**»

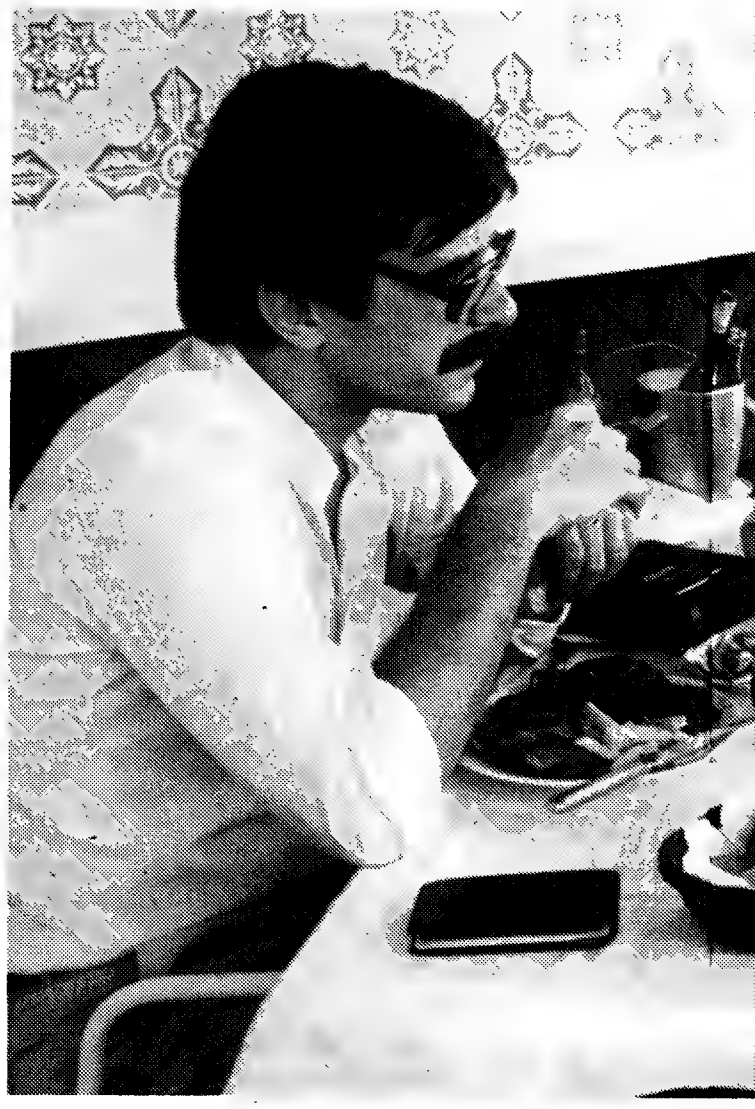
Sair do Parlamento e estar em minoria no partido implicou para Guterres o regresso à actividade profissional. Primeiro no Gabinete da Área de Sines, depois no IPE (Investimentos e Participações do Estado, 'holding' que controla empresas de propriedade pública mas com uma gestão do tipo privado). Sines é «um projecto em que a dimensão humana é muito difícil de assegurar, bem como a qualidade de vida». Viver em Sines seria «**um sacrifício**».

Mas o IPE funciona como a «menina dos olhos» deste tecnocrata socialista. Um dos grandes problemas do sector público português é a excessiva dependência burocrática das empresas em relação ao poder, afirma. Mas o IPE, dirigido por outro elemento do ex-Secretariado, o eng. Sousa Gomes, «**goza de grande autonomia em relação ao Governo, o que é um factor extremamente positivo**».

Deveria ser, esta forma de organização, um exemplo para todo o sector público, à semelhança do que acontece nos outros países europeus e, nomeadamente, na Áustria, país com maiores semelhanças com o nosso — «**as empresas não dependem de um ministro, mas de 'holdings' que definem estratégias empresariais de grupo**

● Na actividade política deve-se ter uma enorme capacidade de encarar com espírito desportivo as vicissitudes do passado.
● Enquanto socialista não tenho dúvidas em dizer que um dos objectivos do Partido

Soc
ia
tico
●
pro



António Guterres com os jornalistas João Mendes e José Manuel V

PS deve garantir sobre

Texto: **José Manuel Vilela**
Fotos: **Rui Pacheco**

na
to
as
lo

Socialista deve ser o de garantir a supremacia do poder económico sobre o poder político.

● Não se esqueça que sou um político provinciano... É extremamente importante para mim ir ao pomar, ao lagar e à vinha, saber o que se passa...

● Penso que o dr. Mário Soares é o candidato mais bem colocado para vencer as eleições presidenciais.

Manuel Vilaça: «Problemas sociais só têm solução no quadro duma perspectiva de esquerda socialista»

tir supremacia do poder político re o poder económico

grupo», tal como o faz o IPE, limitando-se o Estado a traçar os objectivos gerais, nomeadamente através dos contratos a estabelecer com os respectivos gestores, que podem ser responsabilizados pela sua acção.

A situação não é essa, no actual sector público, já que é «**umbilical**» a relação das empresas com um e, às vezes, dois ministros de tutela. O que, naturalmente, atrasa decisões, confunde competências, inviabiliza a gestão.

«**O problema decisivo da vida política de um país é o das relações entre poder económico e poder político**» diz António Guterres, salientando que só a supremacia deste permite a afirmação de projectos de sociedade e a definição de estratégias de desenvolvimento. «**Enquanto socialista, não tenho dúvidas em dizer que um dos objectivos do Partido Socialista deve ser o de garantir a supremacia do poder político sobre o poder económico**». Para prosseguir esse objectivo, em Portugal, onde se verificou uma revolução industrial tardia e onde as estruturas sociais têm debilidades evidentes, essa supremacia passa pela existência de um sector público «**significativo**» nomeadamente «**em algumas áreas chave da vida económica**».

A dimensão é, depois, uma questão secundária. O essencial é a gestão eficaz. «**Eu não sou dogmático em termos de dizer que tudo aquilo que hoje existe no sector público lá deve permanecer. Mas até acho que há sectores de actividade de que o sector público se alheou e em que é vital que rapidamente se possa inserir nomeadamente naquelas que dizem respeito ao desenvolvimento de tecnologias mais avançadas**».

Político provinciano

Outro tema, desta Mesa DL era necessáriamente o PS. Perdida a espontaneidade de 74, esgotado o entusiasmo, tal como aconteceu nos outros partidos, cruzados repetidamente os caminhos do poder, com a consciência das limitações existentes na concretização de um projecto político como é o PS hoje? António Guterres tem umas respostas surpreendentes: «**Tem o estilo de um partido em que a componente lúdica, ou festiva, tem um peso muito importante. Os militantes fazem política e simultaneamente convivem muito**». Perante a nossa surpresa, Guterres assegura que é assim, principalmente longe dos grandes centros urbanos. «**E não se esqueça que sou um político provinciano.**» «Blague» apenas, para sair no jornal? É novamente o gestor e o animador desse núcleo com uma imagem urbana que foi o ex-Secretariado, que garante que não.

«**Cada homem é como e. Eu sinto raízes muito profundas àquela zona** (o Fundão) **onde a minha família de pequenos proprietários rurais sempre viveu. É para mim extremamente importante e extremamente significativo ir lá, ir ao pomar, ao lagar de azeite, à vinha e saber o que se passa... São coisas pequenas, com dimensão económica sem qualquer interesse,mas são coisas a que estou preso e que para mim representam muito e que ajudam, de certa forma, a não perder o sentido do humano.**»

E por isso, para se retemperar da luta política, que se trava em nome de valores já muito abstractos, que é militante da secção do Fundão, candidato a deputado e cabeça de lista no círculo de Castelo Branco, membro da Assembleia Municipal do Fundão. «**Uma boa parte do trabalho político que desenvolvo tem sido na defesa dos interesses concretos das populações daquela zona**».

E é na revitalização das estruturas locais que António Guterres aposta: «**Penso que um partido só é eficaz e que as relações dentro dele só são profícuas se os órgãos de base tiverem um peso muito significativo na sua vida interna**». Tanto em termos de decisões, como na escolha de candidatos, como na atribuição dos meios.

Por falar de candidatos, chegámos aos do PS, um para o lugar de primeiro-ministro, outro para a Presidência. «**O dr. Almeida Santos é o candidato a primeiro-ministro de todos os socialistas**» E o de António Guterres: «**Sou um socialista como os outros**».

Reconhece, no entanto, que se bateu por outro, por Vítor Constâncio. Mas agora «**todos os militantes socialistas devem fazer tudo o que puderem para que o partido ganhe as eleições e para que, consequentemente, o meu camarada Almeida Santos venha a desempenhar as funções de primeiro-ministro**».

A recusa de Vítor Constâncio em se candidatar, contra Almeida Santos, foi um erro? Diz Guterres: «**O que o meu camarada Vítor Constâncio disse foi que não aceitava ser candidatável contra a vontade expressa do secretário-geral do partido e candidato às eleições presidenciais. É natural que o candidato à Presidência tenha uma palavra a dizer na escolha do primeiro-ministro com quem poderá ter de trabalhar. Nesse sentido, penso que a posição de Vítor Constâncio é perfeitamente justificável**». Mas, reconhece também António Guterres, é inteiramente legítimo que qualquer militante do partido dispute qualquer função política.

Soares é candidato e vai deixar um vaga, como secretário-geral do PS, a ser preenchida somente no Congresso de 1986. António Guterres, cauteloso, considera a problemática da sucessão uma «**questão prematura**». É que o essencial, para já, são as eleições. E, depois das eleições, o fundamental não é discutir nomes, mas sim «**aquilo que o partido deve ser no futuro**».

Propostas ao Congresso

Para isso, António Guterres tem ideias concretas, que propõe como plataformas políticas para o Congresso do PS. Do ponto de vista interno, assegurar maior colegialidade na tomada de decisões políticas, maior descentralização da vida partidária, nomeadamente aumentando o peso das federações e das secções e revendo a ética de relações entre o aparelho (ao serviço do partido e não de facções) e as estruturas locais; finalmente, a organização dos militantes socialistas envolvidos na luta sindical e a clarificação do seu papel institucional na vida do PS.

E avança também com uma plataforma política que deveria ser o mais consensual possível para os socialistas. Ela teria duas componentes essenciais — um modelo de sociedade e uma estratégia de desenvolvimento social e económico.

No primeiro campo o acento tónico vai para seis sectores: a aproximação entre os cidadãos e o exercício do poder (através de reformas da lei eleitoral e da regionalização e descentralização), a reorganização e autonomização do sector empresarial do Estado, a modernização da Administração Pública e a humanização da Segurança Social e das relações de produção e de trabalho e, finalmente, a reforma fiscal.

A estratégia de desenvolvimento passaria pela transformação da política social de um conjunto não articulado, num todo coerente com prioridades hierarquizadas e tirando o máximo partido das inter-relações das políticas sociais — emprego, segurança social e formação profissional e com a prioridade fundamental no campo da educação. «**Não sacrificar o objectivo emprego no altar do combate à inflação**» e «**não sacrificar a satisfação das necessidades básicas à obsessão da balança de pagamentos**» são duas condicionantes destas políticas, na perspectiva de António Guterres.

Naturalmente, este programa para o Congresso não faz esquecer o problema da sucessão de Mário Soares. «**O PS vai entrar num ciclo novo da sua existência**». Isso, garante Guterres, «**vai fazê-lo evoluir, vai fazê-lo amadurecer**». E, mesmo em Belém, Soares continuará a ter «**uma influência relevante no PS**».

Isso, claro é, se o Mário Soares chegar a Belém. A opinião do que foi um dos seus principais adversários no Partido Socialista: «**Penso que o dr. Mário Soares é, neste momento, de longe, o candidato mais bem colocado para vencer as eleições presidenciais. Esse é o cenário mais provável e é o único que interessa ao Partido Socialista**».

Por Pintasilgo, como ele, Guterres, oriunda de meios católicos, tem «**uma grande admiração**». Mas a hipótese de ela ganhar as eleições «**é meramente teórica**».

Papa inicia terceira digressão por África

O Papa João Paulo II inicia hoje a sua terceira viagem ao continente africano, onde os primeiros núcleos cristãos foram implantados por navegadores portugueses no séc. XV.

João Paulo II, de 63 anos, ao percorrer durante 11 dias sete países africanos, cumpre a sua 27.ª viagem ao estrangeiro desde que assumiu a Cadeira de S. Pedro.

João Paulo II deverá abordar questões como o ateísmo, a poligamia e o controlo de nascimentos.

Três dos sete países do actual roteiro africano do Papa foram já visitados por ele anteriormente.

É o caso da Costa do Marfim, onde inaugurará a maior catedral do continente, cuja primeira pedra foi por ele lançada em 1980.

O Zaire e o Quénia são os outros dois países anteriormente visitados pelo Papa.

João Paulo II inicia a sua viagem africana no Togo, seguindo depois para a Costa do Marfim, Camarões, República Centro-Africana, Zaire, Quénia e Marrocos — todos países de expressão oficial francesa, a excepção do Quénia, um Estado anglófono.

A primeira viagem do Papa ao continente decorreu de 2 a 12 de Maio de 1980, quando escalou sucessivamente o Zaire, Gana, Congo, Quénia, Bourkina Fasso e a Costa do Marfim. Dois anos depois, João Paulo II visitou o Gabão, a Nigéria, o Benim e a Guiné Equatorial.

O julgamento de Roma

Ali Agca, o homem que feriu a tiro há quatro anos o Papa João Paulo II, zangou-se ontem em tribunal com um compatriota que acusa de cumplicidade na tentativa de assassínio e que negou qualquer participação no atentado.

Agca repetiu a alegação de que Sedat Sirri Kadem estava com ele na Praça de São Pedro em 13 de Maio de 1981 e aparece inclusive numa fotografia tirada na ocasião.

Sedat, que chegou terça-feira a Roma proveniente da Turquia, testemunhou nunca ter deixado o seu país em ocasião anterior.

O presidente do Tribunal, Severino Santiapichi, observou que Kadem não era louro como o homem apontado na foto por Agca, mas este declarou que ele se disfarçara nesse dia.

Agca e Kadem trocaram insultos, com o segundo a acusar o réu de mentiroso e desafiando-o a indicar lugares de Roma onde tivesse estado antes do tiroteio.

Novo surto de violência na África do Sul

Motins raciais em Durban causam catorze mortos

Dez pessoas morreram na noite passada em consequência de confrontos verificados a Norte da cidade sul-africana de Durban, depois de negros terem incendiado e assaltado residências e lojas de indianos. Ao mesmo tempo, na Cidade do Cabo verificou-se uma batalha campal entre 400 jovens armados de paus e garrafas e a Polícia.

A cidade de Durban, que até agora tinha sido poupada à onda de violência entrou em fogo, em circunstâncias que estão por esclarecer, mas que se julga estarem relacionadas com a morte da advogada negra Victoria Mxenge, assassinada por um comando que se supõe ser de «esquadrões da morte». Os conflitos em Durban, descritos como cenas de violência há muitos anos raras na zona, causaram, segundo as autoridades, quatro mortos, mas fontes hospitalares declararam haver pelo menos 10 cadáveres e 102 feridos.

Segundo os balanços das agências, desde que as autoridades sul-africanas colocaram 14% do território sob o estado de emergência, verificaram-se 38 mortos, 1459 presos (597 entretanto libertados) e destruições não avaliadas. Segundo as agências, os confrontos entre manifestantes negros e a Polícia prosseguiam esta manhã em Umlazi, a Sul de Durban.

Com os mortos de ontem, a vaga de protestos que sacode a África do Sul há 18 meses causou já 500 vítimas mortais. Ao contrário das expectativas de alguns, que supunham ser possível que mão de ferro do governo pusesse termo à agitação, assiste-se neste momento a um recrudescimento da violência, que atinge novas áreas do país.

Enquanto isto prossegue o boicote de negros a lojas de brancos, nomeadamente na província do Cabo, Pretória (Transvaal), e Pietermaritzburgo (Natal).

Não obstante este panorama político, o regime prossegue a sua política de **apartheid**, preparando-se agora para criar um quinto bantustão, em Kwandbele, a Norte de Pretória, para o que estão a ser travadas conversações com chefes tribais da zona.

Ontem, em Joanesburgo, foi posta uma acção pedindo ao ministro sul-africano da Lei e da Ordem, Louis Le Grange, a indemnização de 900 mil dólares por cada um dos 20 negros mortos a tiro pela Polícia num funeral, em Março passado, em Langa, Port Elisabeth.

O advogado Halton Cheadle declarou que, além destas indemnizações, serão pedidas outras, pelos 36 negros feridos na mesma ocasião.

Elogios a Reagan

A rádio sul-africana elogiou o presidente norte-americano, Ronald Reagan, pela sua compreensão a propósito da instauração, em 36 distritos da África do Sul, do estado de emergência».

Num comentário, que reflecte a posição do governo sul-africano, a emissora qualificou o presidente norte-americano de «homem honesto e politicamente moderno», acrescentando ainda que «no Ocidente, a África do Sul, não tem nenhum aliado mais firme que o presidente Reagan».

O comentário da rádio sul-africana surgiu depois de uma conferência de Imprensa, realizada na segunda-feira, onde Reagan afirmou que «certas acções das forças sul-africanas são justificáveis e disse recusar a aplicação de sanções económicas contra a África do Sul, pois isso iria dificultar a vida da população».

Nicarágua

Sequestrados 31 "cristãos pela paz"

Rebeldes nicaraguenses capturaram, quarta-feira, 31 activistas da paz norte-americanos e 16 jornalistas que desciam um rio na fronteira entre a Nicarágua e a Costa Rica – disse uma porta-voz do grupo pacifista, em Manágua.

Foram forçados a desembarcar por três homens armados que se encontravam na Costa Rica, disse Sharon Hostetler. Ninguém ficou ferido.

Acrescentou que representantes do grupo, denominado Associação Cristã para a Paz, tinham estado em contacto por rádio desde que foram capturados.

A porta-voz citou o operador de rádio como tendo afirmado:

«Estamos entre irmãos».

«Estão a tratar-nos bem e ninguém foi ferido».

No grupo encontravam-se 16 jornalistas, incluindo elementos das cadeias norte-americanas de televisão ABC e NBC, e representantes das agências Reuter, AP e UPI.

Os 31 norte-americanos, desarmados e sem escolta, efectuavam uma manifestação pela paz na tensa fronteira, cenário de recentes confrontos entre o Exército nicaraguense e rebeldes que se opõem ao governo sandinista, de esquerda.

A denominada Frota da Paz, iniciou terça-feira a sua viagem, apesar dos avisos dos rebeldes da Aliança Democrática Revolucionária (ARDE) de que atacariam.

Descarrilamento em Moçambique — 58 mortos

Cinquenta e oito pessoas morreram e 160 ficaram feridas devido a um acidente ferroviário ocorrido no Norte de Moçambique, quando um comboio misto descarrilou — anunciou terça-feira a agência moçambicana AIM.

A Agência Noticiosa Moçambicana afirmou que o acidente ocorreu sábado, perto de Nampula, capital da provincia com o mesmo nome, mas não foi oficialmente divulgado até terça-feira.

Citando um porta-voz não identificado no gabinete do presidente Samora Machel, a AIM afirmou que o comboio se deslocava na linha, com 500 quilómetros, que vai de Nacala ao Malawi.

A composição descarrilou na zona rural de Mutiveze, perto de Nampula.

Cimeira árabe em Casablanca sem perspectivas de êxito

A cimeira árabe extraordinária iniciou-se ao fim da tarde de ontem (19.35 tmG) no Palácio de Casablanca, sob a presidência do rei Hassan II de Marrocos.

Assistem à reunião 16 países membros da Liga Árabe, incluindo a Organização de Libertação da Palestina (OLP), encontrando-se ausentes a Síria, Líbia, Iémene do Sul, Líbano e Argélia, cujas bandeiras, não obstante, flutuam também no local da conferência.

O soberano alauita recebeu pessoalmente antes da conferência os 15 chefes de delegação presentes na cimeira, além do secretário-geral da Liga Árabe, Chadli Kibli.

As delegações, formadas por quatro a seis pessoas cada, iniciaram os trabalhos num luxuoso salão do Palácio de Casablanca, onde em 1984 se realizou uma cimeira que decidiu a readmissão do Egipto na Comunidade Islâmica.

O presidente da OLP, Yasser Arafat, envergando o seu habitual fato camuflado de combate e armado com uma pistola, deu entrada no Palácio juntamente com o rei Hassan II, seguindo-se o rei Hussein, da Jordânia, os presidentes do Sudão, Mauritânia, Djibuti e Somália e os emires do Qatar, Bahrein e Emiratos Árabes Unidos.

As restantes delegações são chefiadas pelo príncipe herdeiro da Arábia Saudita, Ibn Abdelaziz, pelo primeiro-ministro tunisino, Mohamed Mzali, e pelos vice-primeiros-ministros do Iraque, Kuwait, Omã e Iémene do Norte.

Entretanto, em Argel, o jornal oficial da Frente de Libertação Nacional argelina (FNL) afirma em editorial que a cimeira constitui uma reunião «sem perspectivas» e «uma iniciativa precipitada» do rei Hassan II, de Marrocos.

Ataque

Aviões israelitas atacaram hoje uma base de guerrilheiros palestinianos no Vale de Bekaa, aparentemente em retaliação por um ataque bombista na «zona de segurança» de Israel no Sul do Líbano, anunciaram as estações de rádio libanesas.

O ataque, o nono este ano realizado por Israel no Líbano, foi desferido contra uma base na aldeia de Taanayel, três quilómetros a Nordeste de Shtaura no Vale de Bekaa, adiantaram as rádios.

O ataque destruiu o edifício que era a sede da organização palestiniana Frente Popular de Libertação da Palestina — Comando Geral (FPLP-CG).

Expulsão

O dirigente líbio Moamar Khadafy disse ter decidido dar por findos os serviços de todos os trabalhadores estrangeiros que se encontram na Líbia, incluindo cerca de 100 mil de nacionalidade egípcia.

Em entrevista concedida ao jornal egípcio «Al Ahali», órgão oficial do Partido Unionista Progressista do Egipto, na oposição, e divulgada quarta-feira no Cairo, Khadafy acusa o Egipto de «concentrar tropas, carros blindados e aviões de combate junto da sua sua fronteira com a Líbia».

«Se os egípcios que trabalham na Líbia apoiam o regime do Cairo através das remessas de dinheiro, isso significa que, indirectamente, estão a ajudar Israel, pelo que devem ser expulsos do país», alegou o líder revolucionário líbio.

Entretanto, a agência noticiosa líbia JANA veicula um protesto da Tunísia pela decisão de expulsão da Líbia de todos os trabalhadores estrangeiros, iniciativa oficialmente adoptada pelo Congresso do Povo Líbio.

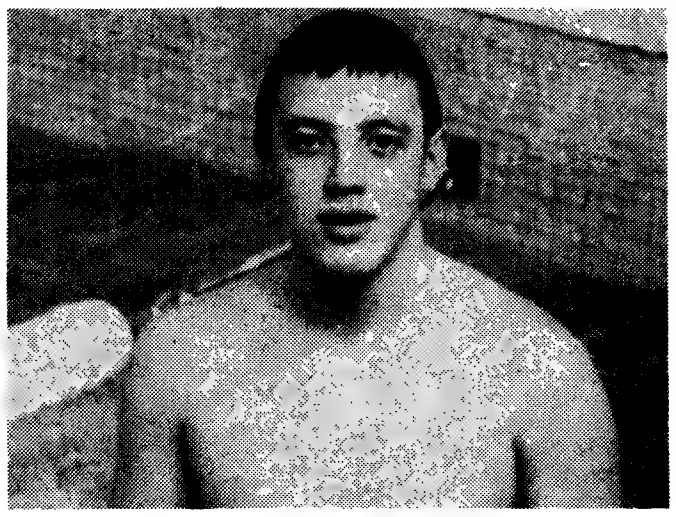
Guerra no Golfo reacende-se

O Irão disse hoje que as suas forças capturaram 50 quilómetros quadrados de território iraquiano durante a noite mas o Iraque declarou não ter havido grandes confrontos na frente Sul da guerra nas últimas 24 horas.

A declaração iraniana, feita pela agência nacional IRNA, acrescenta ainda que cem soldados iraquianos foram mortos.

A Agência Oficial Iraquiana (INA) citou um correspondente que acompanha as tropas perto do rio Tigre como tendo afirmado que uma patrulha iraquiana se confrontou com uma congénere iraniana na área, na noite passada, matando diversos iranianos e forçando outros a fugir.

Mas 'tal confronto (conforme o Irão referiu) nunca ocorreu, ontem ou hoje' — indicou o correspondente da INA.



Yokochi: mais um «máximo»

Natação

Yokochi bate recorde no "Europeu" de Sofia

Alexandre Yokochi estabeleceu em Sófia novo recorde nacional de 100 metros bruços com 1.06,15 minutos durante os campeonatos europeus de natação, melhorando o seu anterior máximo nacional (1.07,14 minutos) durante a terceira série dos 100 metros bruços em que obteve o quinto lugar.

Apesar de ter estabelccido novo máximo nacional da distância, Yocochi não conseguiu ser apurado para a final B da competição que integra os oito melhores segundos tempos das quatro séries.

Concorreram aos 100 metros bruços 32 nadadores, divididos por quatro séries, ficando apurados os 16 nadadores com melhores tempos (os oito primeiros para a final A e os oito segundos para a final B).

Rui Borges com «braçada curta»

Rui Borges foi o 16.º classificado da prova de 400 metros estilos. O nadador português (último na terceira série das eliminatórias) e 19.º na tabela, acabou por ser repescado para a final «B», mas, na final de consolação quedou-se no 8.º e último lugar, com o tempo modesto de 4.41,45, longe do próprio recorde português que é de 4.39,22.

Modalidades

Motonáutica: GP Foz Palace

A contar para o campeonato nacional da modalidade, realizou-se no passado domingo, na Foz do Arelho, o Grande Prémio Foz Palace tendo-se registado as seguintes classificações:

Classe SE: 1.º José Carolo (800 pontos); 2.º José Carlos Neves (600 pontos).

Classe T1: 1.º Arnaldo Ribeiro (800); 2.º Pedro Viegas (600); 3.º Jonav (469); 4.º Guilherme Matos (278); 5.º Joaquim Peso (254); 6.º José Rafael Jesuíta (222); 7.º José Mário Gonçalves (192); 8.º Fernando Santos (142).

Classe T2: 1.º António Coutinho (625); 2.º Amílcar Valente (625); 3.º Fernando Faustino (600); 4.º José Calheiros (169).

Classe TE: 1.º José Alexandre Silva (625); 2.º José D. Soares (625); 3.º Vítor Fortuna (600); 4.º Artur Lopes (338); 5.º Arnaldo Magalhães (223); 6.º Vítor Rodrigues (127).

É a seguinte a pontuação dos líderes do campeonato, nas respectivas classes:

SE: José Carlos Neves — 625 pontos; **T1:** Pedro Viegas — 3525 pontos; **T2:** Amílcar Valente — 2925 pontos e **TE:** José Alexandre Silva — 2125 pontos.

Atletismo em Sintra...

Organizado pela Comissão de Festas de Nossa Senhora do Cabo (freguesia de Santa Maria — Sintra) realiza-se naquela localidade e integrada nas festas anuais uma prova de atletismo, aberta às categorias de juvenis, juniores, seniores, veteranos e senhoras, numa distância de 5500 metros, entre o Largo do Ramalhão e a Rua Câmara Pestana. As inscrições estão abertas na sede da Comissão (Rua Dr. Alfredo Costa, 37 — Sintra) podendo igualmente ser feitas no local da partida até meia hora antes do início da prova (9 horas).

... E em Arcos de Valdevez

No próximo dia 1 de Setembro, a Comissão de Festas do Concelho organiza a 2.ª estafeta de «Arcos de Valdevez 85 — Costa Verde» e a 4.ª Prova Pedestre (Infantis e Iniciados), que conta com o apoio e colaboração do Grupo Desportivo Cultural Juventude de Vila Fonche, Associação dos Desportos de Viana do Castelo e Direcção Geral dos Desportos.

O percurso na sua maioria pouco acidentado, tem a extensão de 24 quilómetros e será dividido por 4 atletas. A prova é aberta a todos os clubes federados, podendo cada um participar com o número de equipas que pretender.

Damas foi a grande figura no palco do Restelo

● ***Benfica e Belenenses candidatos à Taça de Honra***

Vítor Damas, veterano guarda-redes do Sporting, foi a grande figura da jornada futebolística realizada na noite de ontem no palco do Restelo. Um espectáculo que ficará memorável para os quarenta mil espectadores que se deslocaram a Belém. Damas insiste «teimosamente» em se cotar entre os melhores guarda-redes mundiais e se alguém tivesse ainda quaisquer dúvidas, ontem elas foram dissipadas de forma inquestionável.

Foi uma excelente jornada futebolística sendo de realçar o facto dos treinadores das quatro equipas em confronto, terem apresentado os primeiros planos dos seus quadros em sinal do devido respeito que é devido aos espectadores e à velhinha AFL que organiza a prova.

Benfica e Belenenses passaram à final ao vencerem (o Benfica só o conseguiu pela via dos penalties) os seus opositores.

Pausa para algum esclarecimento

As grandes penalidades acabaram por escrever direito por linhas tortas no triunfo do Benfica sobre o Sporting (4-3).

Neste primeiro «derby» da época agora encetada três grandes penalidades foram falhadas, duas pelo Sporting e uma pelo Benfica. Na primeira metade do encontro, o Benfica exerceu incontroverso domínio em todos os sectores do terreno, episodicamente quebrado pelo contra-ataque dos «leões». Os atacantes leoninos poucas vezes lograram pôr em risco a baliza encarnada, onde NENO, sem deslumbrar,se houve a contento, entremeando demonstrações de segurança e rapidez de reflexos com uma ou outra saída desastrada.

Pelo lado benfiquista as ocasiões de golo criadas pelos seus dianteiros foram múltiplas, algumas deveras aflitivas para o último reduto leonino, como aos 11 minutos, em que Damas, a cabeceamento de Pietra, só agarrou o esférico à segunda tentativa, e para muitos espectadores, para lá da linha de golo. Situação semelhante, com a bola a rondar o risco de golo, aconteceu aos 32 minutos, a remate de NUNES.

Curiosamente, a primeira parte acabou com uma situação de perigo para o Benfica, com a sua defensiva a desentender-se, na sequência de um livre apontado por Mário Jorge, e com Manuel Fernandes quase a inaugurar o marcador.

O segundo tempo foi bem diferente, com os dois conjuntos em relativo equilíbrio, só quebrado pela maior acutilância dos dianteiros encarnados, particularmente MANNICHE que, antes de um tento invalidado aos 81 minutos, já aos 72 colocara Damas em dificuldades que o guardião leonino solucionou quase por instinto e com grande felicidade, quando o público afecto ao clube da Luz já gritava golo.

Sem que o Sporting recuasse territorialmente, mas também sem os seus avançados criarem notórias dificuldades à equipa do Benfica, atingiram-se os 90 minutos com o nulo inicial.

O resultado das grandes penalidades de desempate acabou, de certo modo, por reflectir a verdade do jogo, com o Benfica a vencer por 4-3. Manniche, José Luís, Diamantino e Nunes marcaram nas redes de Damas, enquanto Jordão, Gabriel e Carlos Xavier batiam Neno. Sousa e Carlos Manuel rematataram ao lado da baliza, e Nemo defendeu a grande penalidade marcada por Manuel Fernandes.

Sob a direcçãop de CEPA DOS SANTOS, de Lisboa e perante cerca de 40.000 espectadores, as equipas alinharam:

SPORTING — Damas; Gabriel, Mourato, Oceano (Carlos Xavier 60) e Fernando Mendes; Romeu, Sousa, Virgílio e Mário Jorge; Manuel Fernanes e Jordão.

BENFICA: Neno; Pietra, Oliveira, Basto Lopes, e Álvaro (Veloso 76); José Luís, Carlos Manuel, Nunes e Shéu; Manniche e Diamantino.

CARTÃO AMARELO: Pietra (43 minutos), Jordão (56) e Romeu (63).

Belenenses: o triunfo esperado

O Belenenses, ao vencer o Estrela da Amadora, por 2-0, ficou apurado para a final da Taça de Honra, tendo, agora, de discutir a vitória no torneio com o Benfica.

O primeiro golo do Belenenses foi marcado já durante a segunda parte, no **Ademar**, na sequência de um cruzamento de Jaime e, 19 minutos depois (72), **Djão** fixou o resultado final, em golo de cabeça e após jogada de Sambinha.

No decorrer da primeira parte do encontro, a equipa do Estrela da Amadora conseguiu criar alguns problemas ao seu adversário, chegando, mesmo, a usufruir de algumas oportunidades para inaugurar o marcador.

O Belenenses melhorou na segunda parte e veio a conseguir uma vitória que premeia o esforço de alguns dos seus jogadores.

Sob a arbitragem de **António Marçalo**, Lisboa, as equipas alinharam:

Belenenses: Jorge; Sobrinho, José António, Hélder e Sambinha; Murça, Jaime, Paulo Monteiro e Ademar; Joel e Djão.

Estrela da Amadora: Walter; Mota, Simões, Amílcar e Fernando Marques; Jesus, Rosário e Pinto da Rocha; Nicolau, Palecas (Élio, aos 55m) e Alberto (Pisco, 80m).

Ao intervalo: 0-0.

Outros jogos

Com o propósito de «limar arestas» e preparar os quadros para o campeonato que se avizinha, os clubes vão realizando vários encontros particulares e, assim, em Braga, o Sporting local recebeu, e venceu, o Salgueiros (de Humberto Coelho), por 2-1, cabendo a Zinho a obtenção dos golos minhotos, enquanto Armando marcou pelo Salgueiros. Em Santo Tirso, o Tirsense derrotou o Penafiel por 3-0 e, em Guimarães, o Vitória derrotou o Aves com um solitário golo de Nascimento.

Liverpool e Juventus: recurso será hoje apreciado

Os recursos interpostos pela Juventus e pelo Liverpool relativos às sanções sofridas na sequência da tragédia do Estádio de Heysel serão apreciados hoje por uma comissão «ad-hoc» da UEFA.

A Comissão de Disciplina da UEFA determinara, após os graves incidentes ocorridos na final da última Taça dos Campeões Europeus, proibir o Liverpool de participar durante três anos nas provas europeias e interditar por dois jogos o campo da Juventus.

Mário Jorge com farta concorrência

47.ª VOLTA A PORTUGAL

Que é feito dos audaciosos do meu País?

Neves de Sousa

enviado especial do «DL»

Foguetadas iniciais do Boavista, logo neutralizadas pelo Sporting, com José Xavier em saliência. Andamento espevitado pela presença de verdadeira multidão, dando cor e garridice à moldura da festa. Meta volante (fronteira à praça de touros do Montijo) ultrapassada velozmente pelo cortejo encabeçado por Vítor Rodrigues, o tavirense António Pinto e Jacinto Paulinho. Quarenta e um quilómetros em uma hora de prova: bem razoável para o que começava a ser trivial.

Mais um ensaio: Bernardo Sousa, Fernando Carvalho, Fernando Maia, Jacinto Paulinho, Manuel Neves, João Paulo, o «leão» António Pinto (não confundir com o homónimo) e José Xavier ganhando boa dianteira, mas o Lousa (em peso) obrigando a charneira com o exército geral. Ainda umas tentativas e, perto de Castanheira do Ribatejo, um acidente de trânsito (choque de veículos com feridos em difícil situação) a obrigar a corrida a marchar muito cautelosamente por um desvio controlado pela brigada de trânsito da GNR, na verdade a estar autenticamente impecável até este momento da «volta».

Depois, **foi a vez de Alexandre Ruas se atirar a oito contos que estavam à beira da estrada, numa meta particular.** O pelotão alongou-se, de súbito, saem da fita colorida Armindo Terebentino, Luís Domingos, Renato Ferraro e José Fernandes: mas, novamente a calma retoma o domínio sobre as hostes, como se cada guerreiro estivesse ainda calibrando a arma na espera da grande esgrima.

Mesmo assim, há sempre os imponderáveis da estrada — queda de José Ferreira (km 97) provocada em choque com a traseira de um dos carros do Boavista, onde o «velho» **Império dos Santos viaja com uma porta presa por cordéis** é sempre ameaçando abrir-se para o meio da estrada.

Logo a seguir, outro trambolhão: o vimaranense José Martins vai de encontro à objectiva que estava a ser focada pelo nosso colega da RTP: por um triz, pequenino nada, o antigo profissional que António Domingos tornou a colocar no ciclismo não era apanhado pelo carro da nossa reportagem. Valeu a perícia de Malacó que, para além de magnífico condutor, ainda consegue (como foi possível aqui) fotografar o acidente e seguir em frente com olímpica calma.

Dois abandonos

João Rocha, Octávio Barrosa, Armando Biscoito: dirigentes sportinguistas surgem na estrada, vão confraternizar com a rapaziada verde-branca no Bombarral. E surge uma desistência: João Guerreiro retorna ao seu Algarve (sol e água fresca) lá por Estói, muito mais agradável que ter o rabinho todo o dia colado ao selim de uma bicicleta.

O azar: queda do boavisteiro Manuel Neves, aquele que logrou alta façanha no último Porto-Lisboa. O dr. José Barreiro de Magalhães observa-o e, perante queixas aceleradas de dores na coxa esquerda, mais acentuadas a partir do instante em que o representante axadrezado nem sequer podia sentar-se na máquina, ordenou que o moço fosse a um hospital, para ser radiografado. Outra baixa na serpente de muitas cores.

Bombarral já está perto. Alenquer, Vila Verde dos Francos, Cadaval e Sanguinhal e que continuam sendo atravessadas pelos mais atrasados. Três deles (Duarte Ferreira, Carlos Brito e João Amaro) pedalam com uma dificuldade quase confrangedora: e o fim estava, como uma espada, pendente sobre as cabeças.

Há um pequeno toque de esperança entre a malta da Comunicação Social: cancela fechada numa passagem de nível a 300 metros da meta, possível neutralização, sabia-se lá o que poderia acontecer. Porém, tudo na mesma: o comboio passou, riu-se para a gente e o caminho ficou desempedido. Um minuto de travagem e seria o fim da macacada, noventa cães a um osso, engalfinhamento louco em perspectiva que se diluiu. Felizmente e (pelo menos) a favor da verdade da corrida.

Por isso a galopada final encontrou os maiorais muito bem colocados: António Fernandes reedita antigas proezas, desta feita perante o povo que é sua entidade patronal. Foi bonito. Aborrecido, apenas **Carlos Marta que, cortando a linha de chegada em quarto lugar, levou um piparote de distraído espectador é resvalou pelo chão.**

Outro que não estava nada satisfeito: Carlos Santos. **vinha ao lado do António Fernandes, ele apertou-me contra uma moto e caíram três ou quatro colegas meus. Aquilo não se faz.** António Fernandes nem sequer chegou a desculpar-se, porque alguém o fez por ele. Exactamente: esse grande senhor do desporto português que é o campeão ciclista Marco Chagas:

— Temos de compreender que a chegada estava localizada num local difícil para «sprint» longo e que a vida de um homem que se atira loucamente para as metas pode estar dependente de qualquer imponderável. O António conseguiu colocar-se na frente nos últimos cinco quilómetros e acabou por ser um vencedor incontestado. Quanto a mim, ao fazer o quarto lugar, garanti a camisola amarela, porque o rival presentemente mais directo pontuou pior que eu: aliás, eu estive sempre de olho controlando o Paulo Silva.

Unanimidade

Emídio Pinto recebia felicitações dos dirigentes sportinguistas. E dizia:

— Quando perdemos uma etapa para um ciclista como é António Fernandes, sentimo-nos na mesma vaidosos. Quanto à minha equipa: está muito bem e recomenda-se. A grande palavra esrá dada no próximo contra-relógio e aí, pode já escrever, ganha Marco Chagas.

Sporting; forte demais para a maioria da concorrências? É o ponto de vista do bombarralense **José Amaro**, o já escolhido «comandante» da Associação dos Ciclistas Profissionais:

— A formação de Alvalade é, realmente, uma potência, ainda que me pareça não ser imbatível. Vamos dar tempo ao tempo...

Afonso Henriques, o técnico do Bombarralense, abriu-se:

— Estou um bocadinho perturbado, porque a «Volta» ainda vai no princípio e, depois dos azares que temos tido esta temporada (há meses, a perna fracturada do Firmino, agora o braço do Benedito a impedi-lo de continuar connosco), tive a grande alegria de montar um esquema que resultou: um dos meus comandantes ganhar em nossa casa, depois de termos desbravado o caminho e impedido que, na vanguarda, estivesse um bloco de concorrentes difíceis. E vencemos...

Os controlos «anti-doping» vão resultando negativos. A paz podre do pelotão, quando cruzou a extensa planície alentejana, está a ser quebrada por algumas iniciativas pessoais mas, palpavelmente, sem qualquer lucro para anónimos ou inconformados. O Sporting continua cimentando posições nas várias tabelas. O batalhão vai diminuindo de figuras, as forças vão traindo as boas intenções, a pouca sorte obriga a quebrar quem é de nunca torcer. António Fernandes foi o heroizinho da noite bombarralense. E, na mata municipal, contava assim a José Maria do Rosário Guilherme, presidente da edilidade bombarralense:

— Demos tudo por tudo para não haver fugas e conseguirmos um triunfo perante a nossa massa associativa. Claro que não podemos fazer planos certeiros para o futuro: veja-se o que sucedeu ao Benedito. Mas, estou certo, mesmo certinho, de que muito rapidamente vamos triunfar em outra etapa.

●

Hoje, imediatamente ao nascer da tarde, é a arrancada para a Figueira da Foz: 141 quilómetros, um cheiro de montanha, milhares de pessoas numa zona onde o turismo é amo e rei. Os jovens das selecções escolhidas pelas diversas associações regionais a darem, em certa medida, ideia de que podem comportar-se briosamente no ombro-a-ombro com a generalidade dos competidores mas, também, alguns afundando-se, completamente, no mar da sua ingenuidade.

Os «cavalões» não cedem: esperam. O calendário não corre: boa. Muitos ciclistas congeminam tácticas, diversos técnicos e alguns curiosos engendram esquemas, devassam os mapas, do percurso a percorrer pela esgrima mais directa. Todavia, nenhuma certeza no quadro real: tudo (ou nada) pode sempre acontecer. Como contava Leon Eliachar, o humorista brasileiro que me deliciava nos tempos áureos de David Nasser: e Vão Gógo ainda saltitava nas redacções da Imprensa brasileira.

●

Ontem, a festa bombarralense atirou lá para as tantas. António Fernandes **recebia parabéns e prendas** de todos os lados (**só da câmara municipal foram dez donas marias**) mas a comitiva leonina era, especialmente, saudada por uma autêntica legião de adeptos. Então, aqui muito para os meus botões, fiquei pensando na falta que fazem (neste espectáculo tão único que jamais qualquer realizador cinematográfico entendeu poder apresentá-lo, completamente, em duas horas de celuloide) clubes como Benfica e Porto, símbolos como o Sangalhos e Coimbrões, continuadores da fama e da glória arrecadadas quando, já perdidos na distância os Nicolaus e os Trindades, a muidagem do meu tempo vinha para a rua e, de boca escancarada e sorriso bailador, confrontávamos os «bonecos» dos rebuçados com os heróis que estavam ali, a um passo de nós, deixa-me tocar-lhe, pode dar-me esse chapéu? E a galderagem vinha para casa à noitinha, saía do Lumiar pendurada no elétrico chamado desejo. Suados e cheios de pó, radiantes que nem ratos, porque tínhamos estado ali mesmo, na berma da

O enviado especial do "Diário de Lisboa" viaja num automóvel RENAULT 9

António Fernandes: triunfo «em casa»

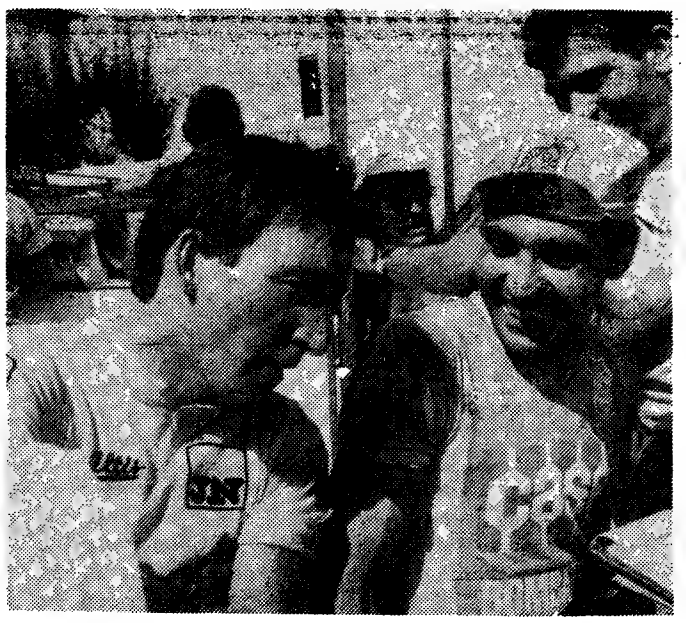
RENAULT 9
AUTO-AFIRMAÇÃO

Crédito RENAULT
As melhores condições de compra.

Uma gama completa de quatro versões com os aperfeiçoamentos tecnológicos mais recentes.
Tracção à frente e suspensão com as quatro rodas independentes para maior precisão e segurança na condução.
Elevadas performances com grande economia. Bancos monotraço para uma posição de conforto ideal, aumentando o espaço nos lugares traseiros.
Elevado nível de equipamento.
Posição acessível aos comandos.
Boa visibilidade dos instrumentos indicadores luminosos.
Suspensão reforçada e confortável que atenua a irregularidade dos pisos.
Amplo espaço para bagagens.

RENAULT

O pelotão rola sem pressa



Marco e António Fernandes: o sorriso de vencedores

estrada, vendo os Martins e os Moreiras, os Inácios e os Impérios, os Raposos e os Mouröes, os Rebelos e os Lopes, os Loucenços e toda essa apaixonante torrente de estrelas que, carregado o peso de quinze quilos e em cada golpe de pedal, jamais aceitariam como resolvida qualquer prova, fosse qual fosse o parceiro, aparentemente, mais apetrechado.

Por isso, amigos, na margem da fita negra não vejo já tantos meninos como eu fui. Apenas as crianças do meu tempo ainda aparecem, procurando que os filhos retenham para o amanhã a imagem de um desporto que, vertiginosamente, terá de sofrer larga transfusão de sangue para evitar o «KO» na ponta do queixo. Ou no paiol das migas que, por vezes, doi bastante mais.

A nossa equipa de reportagem
VIAJA COM
Mobil®

Hoje e amanhã

HOJE. Os ciclistas partiram ao meio-dia do Bombarral para percorrerem 141 quilómetros até à Figueira da Foz onde a chegada está prevista para as 15.30 horas, após passagem Óbidos, Alfeizerão, Pataias, Martingança, Nazaré, Marinha Grande, Monte Real, Marinha das Ondas (15.21).

AMANHÃ. Disputa-se a 5.ª etapa (197 km) entre a Figueira da Foz e Mangualde com saída às 11 horas e o seguinte percurso e horário: Montemor-o-Velho (11.28), S. João do Campo (11.59), Coimbra (12.12), Cernache (12.31), Condeixa (12.40), Miranda do Corvo (13.19), Lousã (13.35), Góis (14.05), Arganil (14.37), Tábua (15.14) e Nelas (16.19). A chegada a Mangualde está prevista para as 16.45 horas.

Comunicado do júri

Para o júri não houve combatividade digna de realce na etapa (Seixal-Bombarral), dado o seu comunicado referir a não atribuição deste prémio.

O azar foi para o Boavista, equipa da qual Manuel Neves foi transportado de ambulância ao Hospital do Bombarral e daí para o das Caldas da Rainha, por o primeiro não ter raios X necessário à análise do estado do ciclista, segundo informação de um enfermeiro da prova. Segundo a mesma fonte, contactada no Hospital das Caldas da Rainha, as primeiras radiografias tiradas a Manuel Neves, indicaram que o seu estado, resultante de uma das quedas da etapa, não deve inspirar cuidados.

Entretanto, o serviço médico da volta atendeu, durante esta etapa, 16 ciclistas, informou o comunicado do júri.

Finalmente, o júri decidiu atender os pedidos do Boavista e da Selecção do Algarve e repescar os três ciclistas, Duarte Ferreira e João Amaro do Boavista e Carlos Brito da Selecção do Algarve, que entraram com o controlo já encerrado no Bombarral.

Classificações

Chegada ao Bombarral

		H	M	S
1	ANT. FERNANDES (Bomb.)	3	14	38
	Carlos Santos (SCP)	m.t.		
	Antonio Pinto (Tav.)	»		
	Marco Chagas (SCP)	»		
	Carlos Marta (Lousa)	»		
	Americo Silva (Bomb.)	»		
	Paulo Ferreira (SCP)	»		
	Manuel Abreu (VG)	»		
	José Amaro (Bomb.)	»		
	Joaquim Fonseca (VG)	»		
94	João Amaro (Boav.)	3	43	07

Desistiram: Manuel Neves (Boavista) e João Guerreiro (Selecção Sul).
Media do vencedor: 38.225 km h.

Equipas

		H	M	S
1	SPORTING	9	43	54
	Bombarralense	m.t.		
	Tavira	»		

Pontos

		P
1	ANTÓNIO FERN. (Bomb.)	10
2	Carlos Santos (Soutim)	7
3	António Pinto (Tavira)	5

GERAL

Individual

		H	M	S
1	MARCO CHAGAS (SCP)	13	50	39
	Paulo Silva (S. Centro)	m. t.		
	Belmiro Silva (Bomb.)	»		
	Jorge Corvo (Tav.)	»		
	Manuel Cunha (Lousa)	»		
	Venceslau Fernandes (Ajc.)	»		
	Manuel Zeferino (VG)	»		
8	Ant. Fernandes (Bomb.)	a		07
9	Renato Ferraro (VG)	a		09
	Américo Silva (Bomb.)	m. t.		
	José Xavier (SCP)	»		
	Carlos Ferreira (Lousa)	»		
	P.C. Silva (S. Centro)	»		
	Marino Fonseca (VG)	»		
	Anselmo Costa (Boav.)	»		
	Manuel Vilar (Ajac.)	»		
	António Rodrigues (Olh.)	»		
18	Joaquim Gomes (S. Centro)	a		11
	Raul Terebentino (Olh.)	m. t.		
	Adelino Teixeira (Lousa)	»		
	Van der Bery (Lavos)	»		
	António Pinto (Tav.)	»		
23	Roy Mcintosh (Ajac.)	a		13
	Eugénio Passos (Tav.)	m. t.		
	Eduardo Carreia (SCP)	»		
	Manuel Gomes (Boav.)	»		
	Benjamim Carvalho (Lousa)	m.t.		
	Fernando Carvalho (Bomb.)	»		
	Raul Matias (S. Centro)	»		
	José Santiago (S. Norte)	»		
31	Carlos Santos (SCP)	a		14
32	Fernando Maia (Ajac.)	a		15
	José Passos (Ajac.)	»		
	Alberto Leal (SCP)	»		
	Alexandre Rua (SCP)	»		
	João Santos (Bomb.)	»		
	Arm. Terebentino (Bomb.)	»		
	Firmino Bernardino (Bomb.)	»		
	Joaquim Fonseca (VG)	»		
	José Martins (VG)	»		
	Manuel Martins (VG)	»		
	Joaquim Neto (Boav.)	»		
	José Camilo (Boav.)	»		
	Jacinto Paulinho (Lousa)	»		
	João Paulo (Lousa)	»		
	Constâncio Reis (Tav.)	»		
	Fernando Ventura (Tav.)	»		
	José Marques (Tav.)	»		
	Luís Gregório (Lavos)	»		
	António Castro (Lavos)	»		
	H. Gorgulho (S. Centro)	»		
	José Ferreira (S. Centro)	»		
	Luís Janeiro (S. Centro)	»		
	Manuel Abreu (VG)	»		
55	José Fernandes (Ajac.)	a		16
	Fernando Fernandes (SCP)	m. t.		
	José Amaro (Bomb.)	»		
	José Poeira (Lousa)	»		
	Luciano Soares (Tav.)	»		
	José Leite (S. Norte)	»		
	Luis Cruz (S. Centro)	»		
94	Carlos Brito (S. Sul)	a	33	45

Equipas

1	SPORTING	48	32	13
	Bombarralense	m.t.		
3	Vitória de Guimarães	a		02
4	Lousa	a		04
	Olhanense	m.t.		
	Selecção do Centro	»		
	Boavista	»		
8	Ajacto	a		06
9	Tavira	a		08
10	Selecção do Sul	a		17
11	Selecção do Norte	a		21
12	Costa de Lavos	a		23

Pontos

1	CARLOS SANTOS (Sporting)	31
2	António Fernandes (Bombaralense)	22
3	António Pinto (Tavira)	13
4	Vitor Rodrigues (Bombarralense)	9
5	Paulo Ferreira	8

Montanha

1	CARLOS SANTOS (Sporting)	10
2	Americo Silva (Bombarralense)	8
3	António Alves (Sporting)	6
4	Jose Santiago (S Norte)	5
5	Carlos Marta (Lousa)	3

Metas volantes

1	VITOR RODRIGUES (Bombarralense)	9
2	Antonio Pinto (Tavira)	8
3	Fernando Ventura (Tavira)	5
4	Luiz Janeiro (Selecção Centro)	5
5	Carlos Santos (Sporting)	4

Combinado

1	CARLOS SANTOS (Sporting)	33
2	Carlos Marta (Lousa)	75
3	António Pinto (Tavira)	32
4	Eugénio Pasas (Tavira)	40

Juventude

1 PAULO SILVA (Selecção do Centro)
2 Jorge Corvo (Tavira)
3 Américo Silva (Bombarralense)

TACÓGRAFO KINZLE
A MEMÓRIA IMPARCIAL

É um aparelho que regista tudo o que acontece com uma viatura durante o seu trajecto, nomeadamente velocidades tempo de paragens, km percorridos, consumo de combustível, etc.

Fornecidos pela Soc. de Lubrificantes Ingleses.

"Tempo de Guerra"
de Pat O'Connor

Jorge Leitão Ramos

Infeliz lançamento que a época é baixa: «Tempo de guerra» **merecia mais hipóteses de encontrar o seu público. Parece estarmos porém condenados a que as boas salas, no tempo certo, se destinem apenas às «majors» americanas. Este pequeno e muito interessante filme britânico não tem, por isso, outro remédio senão defrontar-se, em Agosto, com a indiferença.**

Não é tanto a questão política que faz de **Tempo de guerra** um filme singular. Adianta-se mesmo que o título português — pondo aí a tónica — está contra o título original **(Cal)** que, esse sim, nomeia o fulcro desta ficção — um jovem irlandês a contas com o real.

Mas se a questão política — o Ulster dividido numa luta atroz entre as comunidades católicas e protestantes, com o cortejo de terrorismo de diverso matiz — me não parece o que de mais forte há em **Tempo de guerra,** útil creio sublinhar que, desse ponto de vista, o argumento é muito bem urdido, perspicaz na forma como vai fazendo acontecer os sinais da violência, criando um progressivo e eficaz cerco aos personagens centrais, construindo uma ambiência social dilacerada. Claro que, no termo do filme, o IRA não sai lá muito simpático — bem pelo contrário — mas, mais que tomar posição sobre o conflito do Ulster (que nos aparece como um labirinto de violência sem saída), **Tempo de guerra** abomina o terrorismo, os seus métodos, a sua coacção interna, a sua cegueira e, em última instância, a matriz doentia em que se desenvolve.

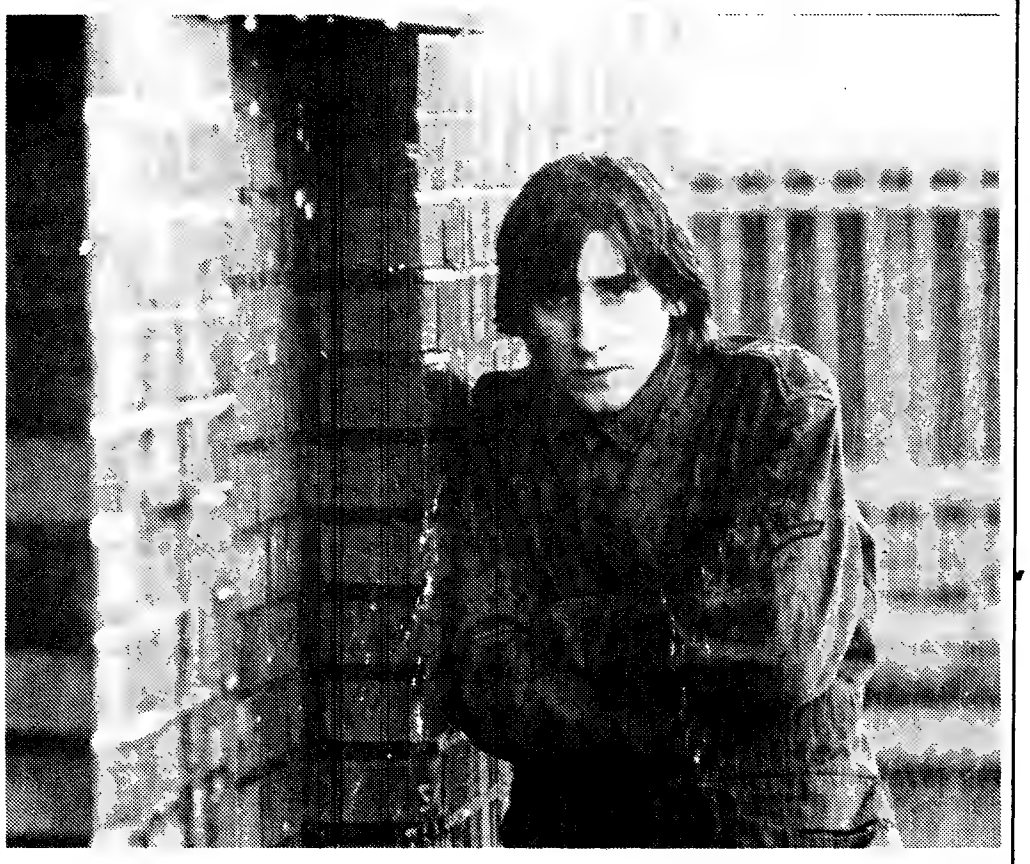
Cal, o protagonista deste filme, está em colaboraçõ com o IRA ainda antes da fita começar (e esse é, como já foi por alguém notado, o ponto fraco do argumento — como é que um personagem frágil como Cal se viu envolvido no terrorismo). A sua história é uma história de solidão, tecida numa relação desamparada com o pai, num isolamento social, numa impossibilidade de paz e de alegria.

Se a culpa é um dos temas deste filme (Cal conduziu o carro, no assassínio do marido da mulher por quem se vem a apaixonar), a clausura (religiosa, social, sexual....) é aquilo que mostra, num crescendo desgastante a que a música (bela mas, também ela, circula na obsessividade dos temas, no interminável que lhe está no sangue) de Mark Knopfler ajuda a ganhar tristeza. O parêntesis de amor entre Cal e Marcella é, por isso, de uma infinda mágoa, como se o fado lhes fosse negro e irremível.

Raro é que o cinema nos dê tão grande desamparo como o que perpassa por Cal. Há no seu olhar qualquer coisa de trágico — a total ausência de alegria, é isso. Espanta, assim, que Cannes tenha premiado Helen Mirren (correcta) e não tenha reparado em John Lynch, este jovem actor que se estreia no cinema da melhor maneira.

FICHA:

Título original: Cal
Realização: Pat O'Connor (G.B. — 1984)
Argumento: Bernard Mac Laverty
Fotografia: Jerzy Zielinski.
Cenários: Stuart Craig **(production designer),** Josie Macavin **(art director).**
Música: Mark Knopfler.
Montagem: Michael Bradsell
Produção: David Puttnam
Interpretação: John Lynch **(Cal),** Helen Mirren **(Marcella),** Donal McCann **(Shamie),** Stevan Rimkus **(Crilly),** John Kavanagh **(Skeffington),** Ray McAnally **(Dunlop),** etc.
Distribuição em Portugal: Sonoro Filme.
Cinema: Apolo 70
Classificação: Pra maiores de 16 anos.



John Lynch é o protagonista de ***«Tempo de Guerra»,*** *um desamparado jovem católico no Ulster labirinticamente violento*

"Tempo de Guerra" em disco

A música de Mark Knopfler para «**Local Hero**» (ainda por estrear, entre nós) veio trazer a figura do **leader** dos Dire Straits para o primeiro plano das atenções cinéfilas. O êxito dessa estreia como compositor de música de filmes ajudou, por certo, a que David Puttnam lhe entregasse «**Tempo de guerra**».

Não vi «**Local Hero**», mas a audição atenta do disco deu-me a sensação de que Knopfler conseguia aí criar «atmosferas» — que é o que mais se pede a um compositor para cinema. De novo, a música de «**Tempo de guerra**» me aparecia (antes do filme) como sugerindo longos desertos interiores atravessados por brisas, luzes, nevoeiros.

Agora com a chegada da fita, o meu entusiasmo esfriou um tanto. É certo que a música de Knopfler funciona bem no interior do filme — mas nunca crónica que as grandes bandas sonoras têm.

Sou tentado a afirmar que esta música é mais apetecível em si que em ligação com a fita de Pat O'Connor. Tenho a certeza de que não é um grande trabalho musical para cinema, certeza igual mantenho quanto ao autónomo fascínio deste som, assaz distante do dos Dire Straits e, se é permitido a uma amador meter o pé em seara alheia, bastante mais interessante.

O disco está editado em Portugal, não convém deixá-lo passar sem o ufufruto de prazer que nos pode dar.

FICHA: «Music by Mark Knopfler from the film **Cal**», Vertigo 822769-1, ed. portuguesa, PolyGram, 1984.

J.L.R.

David Niven é o protagonista deste filme que, há trinta anos, foi êxito e, hoje, não deixa saudades

"A Volta ao Mundo em 80 Dias"
de Michael Anderson

Quando, na segunda metade dos anos 50, a batalha entre o cinema e a televisão parecia mortal, uma das respostas que Holywood encontrou, para convencer as pessoas a irem às salas, foi a produção de filmes gigantistas. Um dos produtores que apostou forte chamava-se Mike Todd que patenteou um sistema próprio de «imagem gigante» — o Todd-Ao — e foi a alma de «A Volta ao Mundo em 80 Dias» **que Michael Anderson dirigiu.**

Um belo ramalhete de óscares (entre os quais o de «melhor filme») enfeitou, em 1956, **A Volta ao Mundo em 80 Dias** é uma adaptação do livro de Júlio Verne feita com grandes meios, inúmeras vedetas (em brevíssimas aparições) e uma total ausência de sentido do espectáculo. Pode dizer-se que nunca por nunca ultrapassa o cliché exótico-turístico, que se arrasta por infinitas duas horas e meia, que a realização está tolhida de reumático e que nenhum dos actores deixa nele memória positiva. David Niven passeia-se em glacial pose britânica, Cantinflas dá um (pálido) ar da sua graça na sequência «espanhola» e é tudo, Shirley McLaine parece uma actriz incapaz seja do que for (e quem a viu em **O Terceiro Tiro** e na fita de Tashin com Jerry Lewis, feita no mesmo ano desta **Volta ao Mundo** . . ., fica abismado com a constatação de como a falta de talento de um realizador se pega a tudo como inevitável moléstia). Se o trio protagonista é assim tão sem chama, que dizer das vedetas em aparições-relâmpago? Só como jogo cinéfilo (adivinha qum é?) se vai vendo o seu desfile.

Será necessário esperar pelo termo do filme para ver acontecer alguma coisa de interessante: o genérico de Saul Bass, esse revolucionário grafista que nos anos 50 provou que os **titles** também podem ser bom espectáculo. Só por esses derradeiros minutos a gente sente que não perdeu tempo e fazenda, por completo.

FICHA:

Título original: Around the World in Eighty Days
Realização: Michael Anderson (EUA-1956)
Argumento: James Poe, John Farrow, S. J. Perelman, segundo romance de Júlio Verne
Fotografia: Lionel Lindon
Música: Victor Young
Genérico: Saul Bass

Interpretação: David Niven, Cantinflas, Shirley MacLaine, Robert Newton, Charles Boyer, John Carradine, Noel Coward, Marlene Dietrich, Trevor Howard, Buster Keaton, Peter Lorre, Frank Sinatra, etc.

Distribuição em Portugal: Filmes Castelo Lopes
Cinemas: Condes e Hollywood
Classificação: Para maiores de 6 anos
Duração: 178 minutos

CRÓNICA DE TOUROS

O Engraxador

Solilóquio

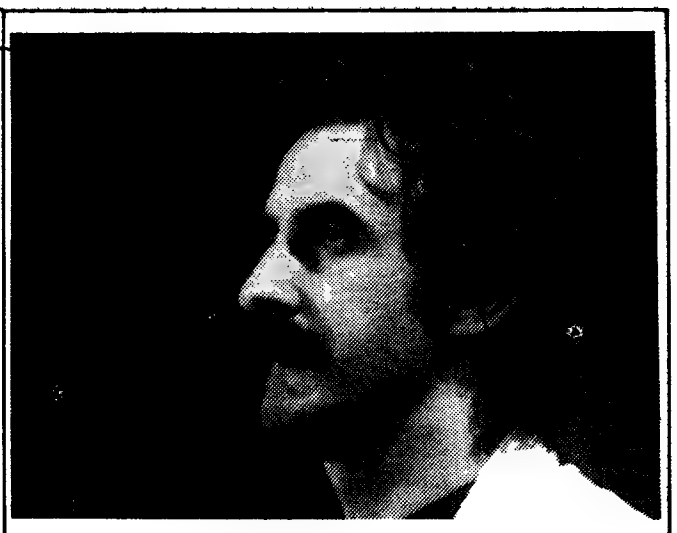
Praça de Touros do Campo Pequeno. Quinta-feira, 18 de Julho de 1985. Touros de Cunha e Carmo para Joaquim Bastinhas, Afonso Lopes, forcados amadores lusitanos, Ruiz Miguel e Vítor Mendes.

Foi no Camões, era pausa de almoço. Eu estava por ali, desconsolado folheava o bloco, à procura de por onde pegar naquelas notas pífias arrancadas ao tédio da corrida, em que tudo foram desgraças e chatezas. Perto um engraxador meditava, sentado na caixa dos pertences, olhando no vago o banco vazio de freguês. Que bem podia ser eu. Talvez a inspiração me chegasse, fosse entrando pelos pés, ao sentirem a quase carícia da rolha do frasco de tinta, dos dedos grossos e negros espalhando a pomada, da escova indo e vindo, do pano do lustro deslizando, gemendo. Sentei-me. Ele apagou a beata, guardou-a entalada na orelha, foi começando o trabalho. O trabalho, pensei, com essa tendência para os lugares-comuns, dignifica o homem, logo não deve ser censurado, mesmo quando sai mal, quando o lustro não aparece por parte nenhuma. Que foi precisamente aquilo que sucedeu nesta quinta-feira do Campo Pequeno com os dois cabeças de cartaz que sobraram das iniciais vicissitudes dos outros dois. Porque dos cavaleiros, sozinho ficou o Bastinhas, quando logo no primeiro da noite resvalou a montada do Afonso Lopes, e com ela e debaixo dela o moço, inanimado o levaram para não voltar, iminência de tragédia que afinal não houve. E também quase inédito ficou Vítor Mendes, que triunfante das Espanhas regressava a Lisboa, e no capote tanto prometera, bordada lhe saiu uma das serenas verónicas, e cingidas as chicuelinas, para afinal, logo do primeiro par de bandarilhas, sair derrubado, caminho do hospital o levaram, deixando-nos a partilhar sua angústia, talvez cortada ingloriamente uma temporada em cheio, ainda bem que depressa recuperou do trauma, poderá continuar toureando todos os dias pelas praças da Ibéria, seu nome já por toda a parte conhecido. «Eu conheço-o», disse o engraxador. Mas não havia transmissão de pensamento, não era o Vítor Mendes que ele conhecia, era eu. «Eu conheço-o. Você trabalha ali adiante, ao lado do «Nelas», aquele que a irmã está na cervejaria da Trindade». Não era eu, mas tanto fazia. Quando é assim, o melhor é a gente não desmentir, deixar andar, fazer um leve meneio com a cabeça, um sorriso levemente aceitante. Que remédio houve, pensei, se não aceitar o Ruiz Miguel a lidar os quatro animais da lide apeada, mansos e broncos mas ele insistia, interminável, passes e mais passes, e batiam-lhe as palmas, e até com elas acompanhavam a música, palmas e música, quatro faenas e cinco voltas à arena, prémios decerto à quantidade, pois qualidade não havia, nem emoção, o bravo matador de San Fernando precisa de inimigos poderosos, sua tónica é o valor, não a estética. Mas o engraxador insistia, «Eu conheço-o, às vezes eu é que não me conheço a mim mesmo, é o que diz a minha velha, ela sempre foi contra a bebida, só água, e da torneira, se eu chego a casa mais ou menos entremeado ainda passa, mas se vou em dia de caixão à cova, ela já nem me dá as sopas», e eu pensei no Bastinhas, a deixar as palmas para os forcados, o Bastinhas há-de lembrar-se desta noite do Campo Pequeno, não foi mais ou menos entremeado, foi mesmo de caixão à cova, ficar sozinho em praça, e em vez de um brilharete não dar uma para a caixa, primeiro foi aquele encontrão em que acabou por cravar a farpa no próprio cavalo, e daí em diante nunca mais se recuperou, ele bem se esforçava mas tudo lhe saía mal, até o par das bandarilhas, sua sorte exímia, mas o engraxador continuava, «a minha velha é bastante compreensível, coitada, sofre das varizes que eu sei lá, o que vale é que agora já desconta para a Previdência, o senhor estou a ver que também tem varizes», e puxou-me a calça para cima e eu disse que não, que aquilo era uma canelada que eu dei outro dia, e então o engraxador levantou a calça dele, «veja aqui esta canelada, não desfazendo, porra, uma canelada que nem com o vinho passou, isto há dias em que não se pode sair de casa», e eu pensei outra vez no Campo Pequeno, o Afonso Lopes, e o Vítor Mendes, não deviam ter saído de casa, e o Bastinhas também não, e o Ruiz Miguel também não, isto não desfazendo, e o engraxador voltava à vaca fria «mas olhe que eu conheço-o aqui do Bairro Alto, o senhor é que não quer dizer», e eu sem nada para dizer, e ele continuava, «até lhe vou contar uma coisa para ver que eu não sou um borra-botas qualquer, uma coisa, um bocado confidencial, um dia destes vieram-me convidar a assinar um papel para um candidato a presidente da República, por acaso foge-me agora o nome dele, e eu assinei, tive que mostrar o bilhete de identidade e todas essas coisas, o nome dele é que me está a fugir, mas ele já foi à televisão, e disse umas coisas, por acaso até bem ditas, mas é claro, é o que disse a minha velha, bem dito é uma coisa e bem feito é outra, se calhar é só farol». E eu pensei que no Campo Pequeno nem isso houve, um farol.

Uma corrida sem história

Praça de Touros do Campo Pequeno. Quinta-feira, 25 de Julho de 1985. Touros de Maria Guiomar Moura, Pontes Dias e Sociedade Agrícola de Santo Estêvão para Alvaro Domecq, Luís Cruz, forcados amadores de Évora, José Júlio e José Luís Galloso.

Ambiente triste, com menos de meia casa, incluindo turistas e emigrantes, sem eles não dava a coisa nem para o petróleo. Como se não bastassem as limitações taurinas nacionais, e também as próprias da humana condição do novo empresário do Campo Pequeno, continua o homem sob o fogo cruzado dos despeitos e dos interesses que lhe querem minar o negócio, esmorecer-lhe o visível esforço para montar uma temporada que, em termos de toureio apeado, está muitos furos acima daquilo que antes se praticava, do exclusivo cavalar contra o qual se insurgiam alguns daqueles que, vá lá saber-se porquê, se puseram agora a virar o bico ao prego, numa campanha com cheiro a esturro. Sem procuração para defender o Fernando dos Santos, nem dispensa de lhe malhar quando o entenda merecido, direi que é no mínimo estranho um boicote em que trabalhadores (toureiros que toureiam) aparecem misturados com os reformados, e os inteligentes, e os que traficam em touros, e doutras praças são empresários. Mas estamos, de facto, no País das touradas, e touradas não são para ser levadas a sério. Antes de começar o festejo, somos informados através do altifalante, com uma louvável preocupação de rigor, que os touros (digamos assim, sem preocupação de rigor), pertencem a três distintas ganaderias, e não apenas à anunciada de Pontes Dias. Um curro, pois, do género manta de retalhos, com a agravante de acontecer uniformidade naquilo que não interessava: na presença, pouca, e nas condições de lide, impróprias nas reses saídas para a parte dita à espanhola. À espanhola é o toureio de Domecq, que usou a sua experiência para safar aquela queda da montada, sem desmontar se levantou com ela, prosseguiu a lide, cumprindo sem a casta doutros tempos, nem sequer apertado: pois bem podia fazer de paizinho sábio do amadorismo de Luís Cruz, que substituía o anunciado e também desconhecido João Pamplona, e que em apuros se viu para vencer o lógico mas descarado desejo de seus cavalos, que era o de se livrarem daqueles trabalhos. Defenderam-se das não poderosas mas incómodas investidas, os forcados eborenses do João Patinhas. E dos matadores, começando pelo «nuevo en esta plaza», Galloso teve, na sua apresentação em Lisboa, uns momentos luzidos com o capote, já que na muleta, com género impróprio para alardes, o matador de El Puerto apenas deixou testemunho do seu estilo forçado, e de um toureio de pernas trocadas, isto é com tendência a atrasar aquela que adiantada deve ser, e vice-versa. De José Júlio, neste seu regresso ao Campo Pequeno, direi que o vila-franquense começou mal comportado, pondo desprezo no brinde ao inteligente, feito da boca do burladero, e fazendo ouvidos moucos aos avisos, como sempre inúteis, que contra o desacato a suposta autoridade mandava soprar ao cornetim; e na lide andou José Júlio asseado, a contas com as torrascadas dos novilhos, que não lhe consentiam mostrar o sabor toureiro que ainda guarda dos tempos em que, com um valor tremendo, a Maestranza de Sevilha pôs a seus pés, esse sabor toureiro que aqui e ali transparece, agora que o passar dos anos lhe vai acentuando o declínio, o obriga aos recursos, como um desses velhos cantadores de flamengo, que já tem de levantar-se da cadeira para rematarem o último verso de seu canto.



António Pinho Vargas na Gulbenkian: enleamento

António Pinho Vargas, em palavras dirigidas ao público entre dois temas seus do concerto que deu ontem no Anfiteatro ao Ar Livre da Gulbenkian, manifestou a sua admiração pela quantidade de pessoas que assistiram à sessão. De facto, quaisquer expectativas foram de longe ultrapassadas e os lugares praticamente todos ocupados por gente que estava atenta à música trabalhada e súbtil do pianista e compositor.

Acompanhavam-no músicos que se percebia terem sido escolhidos a dedo, por serem destacados elementos na respectica instrumentação: Kiko nos sintetizadores, Rui Júnior na percussão, José Carlos Costa no oboé e os dois membros mais fundamentais do seu grupo regular, que na passada semana gravou um segundo álbum — Mário Barreiros na bateria e percussão e José Nogueira nos saxofones soprano e alto e no sintetizador. Constituíam os cinco os naipes sonoros sobre que o piano de António Pinho Vargas baseou linguajares: electrónica, percussão e sopros, cada um com momentos de realce mais especial.

A primeira das secções instrumentais teve presença dominante na longa composição, em regime sequencial, com que o «ensemble» abriu a noite — um trabalho inspirado em Steve Reich, no qual o Roland oscilou entre o muito interessante e o equívoco, sendo de registar neste último aspecto as por vezes dificilmente conciliáveis práticas pianística e sintetizada. Kiko foi autor de dois curisos solos, que realmente desmitificaram o sintetizador, em músicas que seguiram com acentuação bem jazzística.

Rui Júnior foi o contraponto rítmico constante, aprofundando em muito a perspectiva polifónica do conjunto, mas por vezes pareceu desajustado e saltando talvez demasiado irrequietamente de sonoridade para sonoridade; Barreiros, por sua vez, foi um baterista de batida incisiva e muito «jazzy», actuando por isso mesmo como um dinamizador.

Quanto aos dois sopros, se no tema inicial os seus sustenidos se tornaram desagradáveis com a repetição, tiveram depois possibilidade de primeiros planos de grande felicidade, tanto nas articulações havidas entre oboé e soprano ou alto como nos solos que Nogueira e Carlos Costa desenvolveram, cheios de verve e poesia.

António Pinho Vargas ao piano foi igual a si próprio: uma imensa sensibilidade interpretativa correspondendo à sua elaboração composicional, mas transfigurando o que estruturalmente parecia difícil em fraseados de uma beleza que pareceu simples. Com lirismo, imaginação, sentido percutivo, ele construiu levíssiams redes de enleamento sem forjar a ilusão, antes tendo um apurado sentido da economia.

R.E.P.

Um pecado mortal chamado Hiroxima

Mário Castrim

Haverá quem torça o nariz diante de emissões como a do último «Triangular». O quê — dir-se-á num país com problemas tão graves, gastar-se tanto tempo com essas coisinhas dos gelados e outras do mesmo género?

Entendamo-nos. O mal está em que a televisão fuja à apresentação e discussão de problemas tão sérios como as consequências da adesão à CEE, as raízes do desemprego, a peste da fome que vai alastrando, a situação cada vez mais difícil dos rendeiros do Norte, a corrupção que, burocraticamente, se vai instalando na vida quotidiana do país, etc, etc. O mal está naquilo que não faz e não em algumas poucas coisas que faz. Temos como o abordado por **Triangular** e os outros (alguns dos outros) acima mencionados, não seriam, numa televisão equilibrada, competitivos, mas complementares.

O consumo de refrigerantes e gelados, com o vento pela popa da grande publicidade e dos grandes interesses, faz parte dos hábitos da população urbana e em férias. Logo, vem **sempre** a propósito uma discussão como aquela a que assistimos.

Gostaríamos, é certo, de a ver mais educativa, mais sensata, menos... radical. A condenação em globo, por exemplo, dos refrigerantes deveria substituir-se por uma outra, gradativa, tendo em conta as culpas dos réus que são de variada periculosidade.

Viu-se a dificuldade dos participantes em aconselhar consumo de substituição. Claro que, depois de terem condenado a cafeína, não iam aconselhar o café. Virtuosamente, também não aconselhariam uma taça de vinho verde — fresquinho, gostoso, diurético — peados pelo tabu do álcool. Água da torneira não dá direito à ocupação de mesa e a água mineral não dá ainda, entre nós, «estatuto social» — pormenor que não deveria ser esquecido na publicidade dela.

Nestas condições, aponta-se o consumo do leite — alimento completo, rico em proteínas e por aí adiante. Só que... também, há tempos, foi dito na televisão que o consumo indiscriminado do leite deve ser combatido, fixando-se a norma dos 7,5 decilitros, no máximo, por dia.

Quanto aos gelados, de tão largo consumo noutros países e tão reduzido no nosso, o alerta foi lançado quanto à duvidosa qualidade de alguns deles. Nesse caso, porém, a questão tem a ver com a inspecção, com os serviços oficiais de protecção da saúde pública. Não é aos consumidores que compete andar com um laboratório na algibeira para fazer a análise ao que comem e ao que bebem. Tomaram eles ter na algibeira alguns tostões para gastar nas pequenas alegrias das férias...

Ângelo Correia: da insurreição dos pregos à confusão dos cegos

Ò meus senhores, mas quem foi o da tristíssima, infeliz ideia? Quem é que se lembrou de levar o Ângelo Correia a um debate de tamanha responsabilidade? Quem é que, neste país, o toma a sério? Que a NATO o queira lá, são questões externas em que não me quero meter. Mas que a televisão o queira — isso é o que, **apesar de tudo,** me causa espanto.

Porque se o assunto era dramático, não havia necessidade nenhuma de o tornar ridículo. Se se pretendia discutir questões de fundo, para quê ir buscar um fabricante de fofocas? Se se pretendia uma inteligência desperta e criadora, para quê recorrer a um sebenteiro de tarimba?

Lavrado o indispensável protesto falemos um pouco de **Panorama.**

Veio com ele o louvável intuito de não deixar passar em claro a data do lançamento da primeira bomba atómica sobre Hiroxima. Os Estados Unidos praticavam assim o mais monstruoso crime de todos os tempos.

Os Estados Unidos têm de ser responsabilizados por ele, até porque nada o justificava, foi um crime inútil. A dr.ª Zilda de Carvalho lembrou ontem que os cientistas incluídos no processo nuclear haviam proposto ao governo dos Estados Unidos que se brandisse apenas a ameaça da utilização da bomba, podendo, inclusive, fazer-se uma demonstração. Decerto o Japão se renderia imediatamente. A proposta foi rejeitada...

Quer a intervenção da dr.ª Zilda de Carvalho, quer a do marechal Costa Gomes se orientaram no sentido de dar a conhecer os efeitos de uma guerra nuclear e, ao mesmo tempo, de mobilizar a opinião pública no combate à guerra nuclear.

Para divulgar as consequências da guerra foi de grande importância a apresentação de algumas imagens retiradas de uma reportagem sobre Hiroxima — reportagem sonegada pelo governo americano que a considerava testemunha perigosa no tempo da «guerra-fria». Imagens terríveis diante das quais não é lícito a ninguém fechar os olhos.

Por acharem, certamente, que é melhor despertar vontades do que acirrar ódios velhos e lembrar velhas culpas, a dr.ª Zilda de Carvalho e o marechal Costa Gomes preocuparam-se mais com a educação para a paz, questão que diz respeito a toda a gente e não apenas às populações das duas maiores potências.

Aqui entra em campo Ângelo Correia, uma pobre cabecinha cheia de confusões.

Por exemplo: na sua opinião, a bomba nuclear serve principalmente como forma de chantagem política. E dá o seguinte exemplo: quando se falou da implantação de mísseis americanos na Holanda e na Bélgica, a União Soviética garantiu àqueles dois países que eles nunca seriam alvos de ataques nucleares se recusassem a instalação de mísseis....

A confusão e a má-fé assumem proporções gigantescas noutro passo. Por exemplo: a propósito da **utilização limitada de armas nucleares,** o mencionado Ângelo Correia citou como seus teóricos os marechais soviéticos Sokolov e Aretchco. Por tudo quanto sei a respeito das posições da União Soviética quanto à condenação **em quaisquer circunstâncias** da arma nuclear, estou pronto a afirmar que o Ângelo Correia mentiu. Assumirei todas as consequências deste gesto incluindo aquela que considero a mais vexatória: a de lhe pedir desculpa, se for caso disso. Venha a prova, a provazinha, ó Ângelo!

Miguel de Sousa Tavares regressou com um tema essencial. Teve o ponto mais alto da sessão quando, a propósito de ninharias convencionais, perguntou que raio de sentido fazia falar nisso, perante o risco nuclear. Teve o ponto mais baixo quando permitiu que o Ângelo ofendesse publicamente o marechal Costa Gomes. Há situações em que a neutralidade se parece muito — com a cumplicidade.

Revista de Economia Política

Economia e Socialismo

Entre as publicações científicas especializadas, a revista trimestral de Economia Política, «Economia e Socialismo», ocupa um lugar destacado. Neste fascículo (Nova Série, N.º 64/65, Janeiro-Junho de 1985), além de uma comovida nota sobre o escritor Nuno Bragança que foi membro do Conselho Editorial da revista, é tratado largamente o tema «Projecto Europeu e sobrevivência planetária».

Na «Apresentação», Mário Murteira, refere que: «O presente número de 'Economia e Socialismo' centra-se no tema da paz e da guerra no actual quadro estratégico mundial. E, ao mesmo tempo, ocupa-se da Europa». Viriato Soromenho Marques («Panorama estratégico mundial: Imagens e Perspectiva») e Luís Moita («A ameaça da guerra e o movimento pela paz») assinam os dois textos de fundo. Um anexo estatístico completa a informação, factual sobre o precário «equilíbrio de terrores» em que decorre a nossa existência constantemente ameaçada. Luís Moita, sublinha, que «ameaça de guerra» não é um **bluff,** mas uma «categoria política fundamental» do nosso tempo.

A revista «Economia e Socialismo» publica, também, um artigo de André Gunder Frank, intitulado: «O desafio europeu para a paz e o progresso»; Rajani Kothari, director do Centro de Estudos das Sociedades em Desenvolvimento de Nova Deli e co-editor de **Alternativas,** escreve: «Para um desenvolvimento alternativo: Em direcção a um paradigma»; Guy Cire escreve sobre «Informatização e Sociedade». Uma extensa nota da redacção versa: «A Conferência Económica do Partido Comunista Português».

TEATRO CULTURAL

«Tantas Maneiras de Enganos!!» volta ao palco da Casa da Cultura das Caldas da Rainha

Teatro

• Depois de duas interrupções, «Tantas Maneiras de Enganos!!» volta novamente ao palco da Casa da Cultura das Caldas da Rainha, pela mão da companhia do **Teatro da Rainha**. Com selecção de textos e encenação de Fernando Mora Ramos, cenário e figurinos de José Carlos Faria, música da época escolhida por Joaquim António Silva e interpretação de Isabel Roxo, Helena Santana, António Plácido, Manuel Gil, José Eduardo e Victor Santos, a peça será exibida em últimas representações (todas com início pelas 21.30 horas) hoje, amanhã, sábado e segunda-feira.

• Entretanto, «**Jardim de Outono**», de Lillian Hellman, continua em cena no Teatro Vasco Santana, apresentado pela companhia do Teatro Estúdio de Lisboa, pelas 21.30 horas. O espectáculo tem encenação de Luzia Maria Martins.

Exposições

• Na Sociedade Nacional de Belas Artes inaugura-se esta tarde pelas 18.30 horas, o **Salão de Colagem, Tapeçaria, Gravura e Objectos.**

• Também hoje e à mesma hora, mas na Fundação Ricardo Espírito Santo, é inaugurada a exposição de pintura e têmpera de **Marília Nunes**. A artista está representada em diversas colecções particulares em Portugal, na América e na Bélgica.

• Até ao dia 19 de Setembro está patente ao público no Museu de José Malhoa a exposição «**O Museu e a expressão criadora da criança — Actividades do Serviço de Educação**». Trata-se de um mostra de trabalhos realizados por crianças que frequentaram o Museu e participaram nas actividades por ele desenvolvidas, essencialmente durante os anos lectivos de 1983/84 e 1984/85. Os trabalhos expostos, seleccionados por temas e técnicas, estão distribuídos por três áreas: Expressão plástica, constituída por trabalhos de pintura, colagens e modelação em barro; expressão dramática, com fotografias de peças de teatro, textos e bonecos de peças de fantoches; animação das exposições permanentes e temporárias do Museu, com exemplares de todos os jogos de descobertas das exposições e trabalhos feitos na sequência de visitas comentadas.

• Na Galeria de Arte do Casino da Póvoa de Varzim continua aberta ao público a «**Feira de Arte**», que conta com trabalhos de 105 artistas, entre os quais Artur Bual, Cargaleiro, Carlos Mesquita, João Vieira, Lima de Freitas e Vieira da Silva.

Música

• Até finais deste mês, o pianista **João Balula Cid** continua a actuar no «piano bar» do Clube dos Empresários, todas as quintas-feiras.

• O «XI Festival de Música da Costa do Estoril» prossegue esta noite, pelas 21.30 horas, com um concerto de piano por **Artur Pizarro**, no Teatro Gil Vicente, em Cascais. O programa é preenchido com a interpretação de obras de Bach, Busoni, Beethoven, Debussy e Albeniz.

• Hoje, amanhã e sábado o **Quinteto de Alain Rochette** actua na cave do Hot Clube de Portugal, em dois 'sets', com início, respectivamente, às 22.30 e às 0.30 horas. O pianista belga é acompanhado na guitarra por Albert Wastiaux, no contrabaixo por Alexandre Furnelle, na bateria por Daniel Denise no saxofone-soprano por Henri Houben.

• O grupo fe música de fusão **Mise Ensemble** actua hoje pela última vez no Espaço Ocarina, ao Bairro Alto, a partir das 23.30 horas. O grupo é composto por Paula Azguime (flauta) e Miguel Azguime (percussão).

DL CINEMAS

Alfas Triplex

— T. 806496

Alfa 1

REACÇÃO EM CADEIA
(para maiores de 12 anos)
14, 16.30, 19, 21.30 e 24 h
3.ª Semana

Alfa 2

DESAPARECIDO EM COMBATE
(para maiores de 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h
16.ª Semana

Alfa 3

A VINGANÇA DE PORKY'S
(para maiores de 12 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24 h
3.ª Semana

Alfa Club

— T. 763319
OS AMANTES DE MARIA
(para maiores de 16 anos)
14, 16.30, 19, 21.30 e 24 h
27.ª semana

Apolo 70

TEMPO DE GUERRA
(para maiores de 16 anos)
14. 16.30, 19,21.30 e 24 h

Ávila

— T. 539930
O LUCKY MAN (O Homem da Sorte)
(interd. a men. 13 anos)
21.45 h
O FIO DA NAVALHA
(para maiores de 16 anos)
14.30, 17, 19.15 h

Avis

— T. 547163
AMOR ENTRE MULHERES
(interd. a men. 18 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Berna

— T. 776098
REACÇÃO EM CADEIA
(para maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Caleidoscópio

— T. 795093
A CAIXINHA DE SURPRESAS
(para todos)
14, 16.30, 19 e 21.30
3.ª Semana

Capitólio

— T. 372358
ÊXTASE SEXUAL DE MACUMBA
(para maiores de 18 anos)
15, 17, 19, 21 e 23 h

Castil

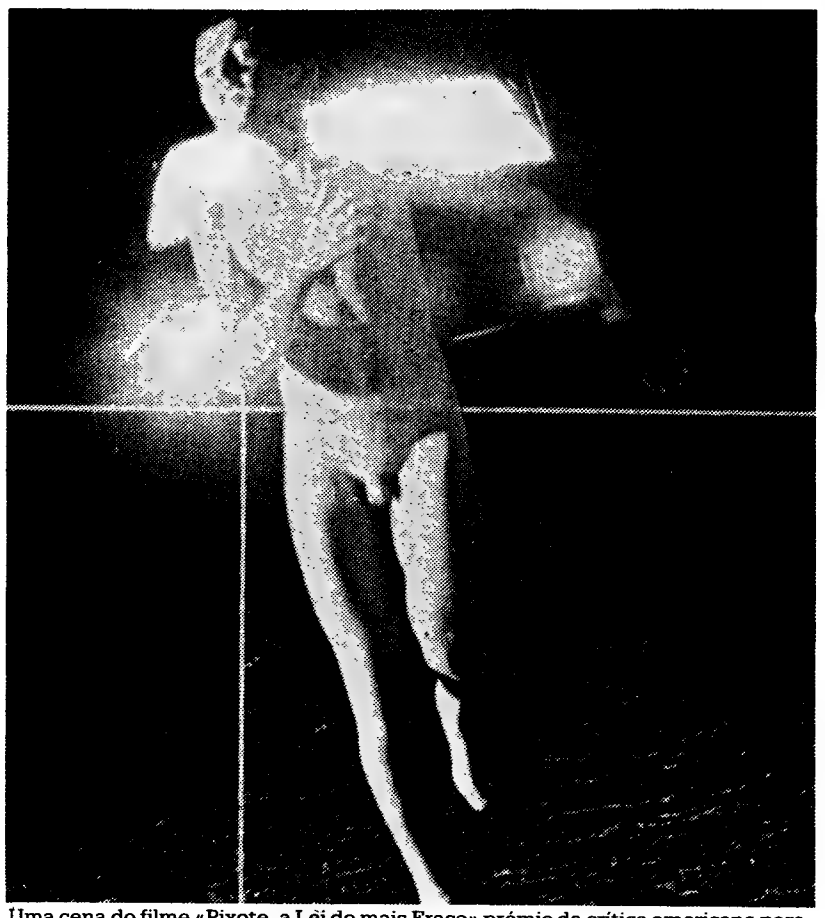
— T. 530194
POLICE ACADEMY 2 — «A PRIMEIRA MISSÃO»
(para maiores de 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Cinebloco

— T. 556824
OS AMANTES DE MARIA
(para maiores de 16 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h
24.ª Semana
UM ASSASSINO PELAS COSTAS
24 h

Cine Camões

O TEMPLO DE SHAOLIN
(para maiores de 16 anos)
14.15, 16.30 e 21.30



Uma cena do filme «Pixote, a Lei do mais Fraco» prémio da crítica americana para o melhor estrangeiro, com Marilia Pera, Jardel Filho e Rubens de Falco.
Em exibição no Estúdio 444.

Cine 222

— T. 579460
OS CAÇA FANTASMAS
(para maiores de 16 anos)
14, 16.30 e 21.30 h
COMO DORMEM OS BRAVOS
24 h

Cine Portela

— T. 2524761

Estúdio Anusha

UM LOBISOMEM AMERICANO EM LONDRES
(não acons. men. 18 anos)
16 e 21.45 h

Estúdio Sheza

AOS NOSSOS AMORES
(para maiores de 16 anos)
15.30 e 21.30 h

City Cine

— T. 549999
POR FAVOR NÃO ME MORDAM O PESCOÇO
(não acons. men. 13 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h
O ESTRANHO MUNDO DE CARP
23.45 h

Condes

— T. 322523
A VOLTA AO MUNDO EM 80 DIAS
(para maiores de 6 anos)
15.00, 18.15 e 21.30 h

Eden

— T. 320768
DESAPARECIDO EM COMBATE
(para maiores de 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Estúdio

— T. 555134
GENTE GIRA
(para maiores de 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h
37.ª semana

Estúdio ACS

— T. 887255
DUAS MULHERES APAIXONADAS
(interd. a men. 18 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Estúdio 444

— T. 768078
PIXOTE, A LEI DO MAIS FRACO
(interd. a men. 18 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Fonte Nova

— T. 7145109

Sala 1

AMADEUS
(para maiores de 12 anos)
15.00, 18.15 e 21.30 h

Sala 2

JERRY, TU ÉS LOUCO
(para maiores de 6 anos)
14.15, 16.30 18.45 e 21.15 h

Sala 3

BABY — O SEGREDO DA FLORESTA PERDIDA
(para maiores de 6 anos)
14.45, 17, 19.15 e 21.45 h

Fórum Picoas

— T. 541037

Auditório 1

CASSANDRA CROSSING
(não acons. men. 18 anos)
21.30 h

Auditório 2

JÚLIA
(não acons. a men. 13 anos)
21.30 h

Gemini

— T. 734699
A VINGANÇA DE PORKY's
(para maiores de 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Hollywood

— T. 802859

Sala 1

A VOLTA AO MUNDO EM 80 DIAS
(para maiores de 6 anos)
14.45, 18 e 21.30 h

Sala 2

AMADEUS
(para maiores de 12 anos)
15, 18.15 e 21.30 h

Imperio

— T. 555134
LAWRENCE DA ARÁBIA
(para maiores de 10 anos)
14.45, 18.15 e 21.30 h

Las Vegas

— T. 631162

Sala 1

ELECTRIC DREANS — AMOR É MÚSICA
(para maiores de 12 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

Sala 2

A ÚLTIMA LOUCURA
(m. 6 anos)
15.30, 18.45 e 21.45 h

Londres

— T. 801313
ELECTRIC DREAMS — AMOR É MÚSICA
(n. acons. men. 12 anos)
14.00, 16.30 e 19.00 21.30 h

Mundial

— T. 538743
SODOMA E GOMORRA
(para maiores de 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Nimas

— T. 574362
STARMAN — O HOMEM DAS ESTRELAS
(para maiores de 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Odeon

— T. 326283
TRINITÁ (O Cowboy Insolente)
(não acons. men. 13 anos)
15.15, 18.15 e 21.30

Olímpia

— T. 325309
SEXO AO DOMICÍLIO
(interd. men. 18 anos)
Sessões contínuas a partir das 14 h
Filme pornográfico

Pathé

— 821933
BEN E CHARLIE
(para maiores de 12 anos)
14, 16.30 e 21.30 h
ROMA VIOLENTA
24 h

Politeama

— T. 326305
MASSACRE EM SÃO FRANCISCO
(para maiores de 16 anos)
14.15, 16.30, 19 e 21.30 h

Promotora

— T. 637180
PROMESSA EM LENINEGRADO
(não acons. men. 13 anos)
15.15 e 21.30 h

Quarteto

— T. 771378

Sala 1

STAR 80
(para maiores de 16 anos)
15, 17, 19 e 21,30 h
AS NOITES DE HALLOWEEN
24h

Sala 2

LARANJA MECÂNICA
(interd. a men. 18 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 23.30 h

Sala 3

PARA ALÉM DO PARAÍSO
(para maiores de 12 anos)
15, 17, 19 e 21.30 h
AMARCORD
23.30 h

Sala 4

SALÓ OU OS 120 DIAS DE SODOMA
(interd. a men. 18 anos)
14,30, 16.45, 19, 21.15, 23.30 h

Quinteto

— T. 573407
ROCCO E OS SEUS IRMÃOS
(para maiores de 12 anos)
14, 17.30 e 21 h
ALVORADA ZULU
24 h

Restelo

— T. 610375
PASSAGEM PARA A ÍNDIA
(para maiores de 12 anos)
15.00 e 21.00 h

Roma

— T. 889192
O REFÚGIO
(não acons. men. 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Roxy

— T. 548560
KARATE EM GUERRA
(interd. a men. 13 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

S. Jorge

— T. 579144

Sala 1

SILKAWOOD — REACÇÃO EM CADEIA
(para maiores de 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Sala 2

STARMAN — O HOMEM DAS ESTRELAS
(para maiores de 12 anos)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.15

Sala 3

DINER/ADEUS AMIGOS
(para maiores de 12 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.45 h

7.ª Arte

— T. 730715
STARMAN — O HOMEM DAS ESTRELAS
(para maiores de 12 anos)
14.45, 17 e 19.10 h
BLU THENDER (Opera Thor) 21.45 h

Star

— T. 804210
PERVERSA SEDUÇÃO
(para maiores 12 anos)
5, 18.15 e 21.30 h

Terminal

— T. 371573
POLICE ACADEMY 2 (A PRIMEIRA MISSÃO)
(para maiores de 12 anos)
13, 15, 17, 19, 21.30 e 23.45 h

Tivoli

— T. 570595
A VINGANÇA DE PORKY's
(para maiores de 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Turim

— T. 706666
OS CAÇA-FANTASMAS
(para maiores de 6 anos)
15, 17.30 e 21.45

Vox

— T. 880808
POLICE ACADEMY 2 — (A PRIMEIRA MISSÃO)
(não acons. men. 13 anos)
15, 18.15 e 21.30 h

Xenon

— T. 368480
PESADELOS
(para maiores de 16 anos)
14.15, 16.30, 19 e 21.30 h

Zodíaco

— T. 570151
NÉA — A ADOLESCENTE SENSUAL
(não acons. men. 18 anos)
15, 17, 19 e 21.30 h
BIG BOSS O IMPLACÁVEL 24 h

Linha de Sintra

AMADORA — Cinestúdio Lido — «Encontro com a verdade», às 15.30 e 21.30 (maiores de 16 anos)
AMADORA — Cine-Teatro — «A Classe 1984», às 21.30 (maiores de 18 anos)
AMADORA — Cine Plaza — «McQuade o Lobo Solitário», às 15.30 e 21.30 (maiores de 12 anos)
AMADORA — Babilónia — «Academia de Polícia 2 — A Primeira Missão», às 15.15, 18.15 e 21.30 (maiores de 12 anos)
CACÉM — Cinestúdio Flores — «O Marginal» às 15 e 21.30 (maiores de 16 anos) — «Violações Sexuais», às 21.30 (interd a men. 18 anos)
SINTRA — Carlos Manuel — «Oficial e Cavalheiro» às 21.30 (não acons. men. 18 anos)

Linha de Cascais

CASINO — «2010 — O Ano do Contacto», às 17 e 21.15 (maiores de 6 anos)
CINE-IMPALA — «Baby — O Segredo da Floresta Perdida», às 16 e 21.30 (maiores de 6 anos) — «Pânico em Nova Iorque», às 24
SPORT ALGÉS E DAFUNDO — «Tiro de Escape», às 21.30 (para maiores de 18 anos)

Outra Banda

ALMADA — Academia — «O Senhor de Ferro», às 15.30 e 21.30 (para maiores de 12 anos)
ALMADA — Incrível — «Música no Coração», às 15.30 e 21.30 (para maiores de 6 anos)

Porto

ÁGUIA DE OURO — «A Caixinha de Surpresas», às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.45h (maiores de 6 anos)
BATALHA — «A Primeira Missão», às 14.15, 16.20 e 21.30h (maiores de 12 anos)
CHARLOT — «Solteiros e Tarados», às 15.15, 18.00 e 21.30h (maiores de 16 anos)
COLISEU — «A Vingança de Porky's», às 16.30, 18.00 e 2130h (maiores de 12 anos)
FOCO — «Reacção em Cadeia», às 14.00 e 16.30h (maiores de 12 anos)
JÚLIO DINIZ — «Grande Paixão de Emy Wong», às 15.30 e 21.30h (interdito a menores de 18 anos)
LUMIÈRE — Sala A — «Brazil, o Outro Lado do Sonho», às 15.00, 17.45 e 21.30h (maiores de 16 anos) — **Sala L** — «Testemunha de um Crime», às 15.15, 18.00 e 21.45h (maiores de 18 anos)
NUN'ÁLVARES — «Intimidade», às 15.30, 18.00 e 21.45h (não aconselhável a menores de 18 anos)
OLÍMPIA — «Dois Amigos em Apuros», às 14.15, 16.30 e 21.00h (não aconselhável a menores de 13 anos)
PASSOS MANUEL — «Reacção em Cadeia», às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.45h (maiores de 12 anos)
PEDRO CEM — «Música no Coração», às 15.00, 18.30 e 21.30h (maiores de 6 anos)
RIVOLI — «Sete Noivas para Sete Irmãos», às 15.00, 18.15 e 21.30h (maiores de 6 anos)
SALA BEBÉ — «O Baile», às 14.15, 16.20, 18.30 e 21.30h (maiores de 12 anos)
SÃO JOÃO — «Amanhecer Violento», às 15.30 e 21.00h (maiores de 16 anos)
STOP — Stop 1 — «A Corda», às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30h (maiores de 12 anos) — **Stop 2** — «Vingança de Porky's», às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45h (maiores de 12 anos)
TEATRO SÁ DA BANDEIRA — «Elas, Ele e o Sexo», às 12.30, 15.00, 17.00 e 19.00h (interdito a menores de 18 anos)
TRINDADE — «Justiceiro por Conta Própria», às 15.30, 18.00 e 21.45h (maiores de 16 anos)
VALE FORMOSO — «Yor, o Caçador do Futuro», às 15.15, 17.45 e 21.45h (maiores de 6 anos)

Farmácias

Lisboa — PERMANENTE — ALVALADE - AVENIDA DO BRASIL: Marbel, Av. de Roma, 131-A (T. 776235); **ANJOS - CHILE: Castro**, Av. Almirante Reis, 76-A (T. 821973); **BENFICA -BAIRRO DAS PEDRALVAS: Gouveia**, R. Augusto Costa (Costinha), lote 4, loja, Dt.ª (T. 707500); **SAPADORES: Zema**, R. General Justiniano Padrel, 21-A (T. 860450); **CASTELO: Bastos Andarde**. C. de Santo André, 107 (T. 860450); **CONDE BARÃO: Açoriana**, L. do Conde Barão, 2 (T. 661330); **LAPA: Neves**. R da Bela Vista à Lapa, 37 (T. 661251); **LUMIAR: Nicolau**, C. de Carriche, 4, loja, Esq. (T. 7588727); **REGO: G. Silva**. R. Francisco Tomás da Costa, 3-A-C (T. 771873); **RIO SECO: Biotifar**, R. D. João de Castro, 27-B (T. 638824); **ROMA - TEATRO MARIA MATOS: São João de Deus**, R. Pedro Ivo, 1-A-B (T. 885140); **SALDANHA: Cardeira**, Av. Duque de Ávila, 32-C (T. 543495); **COLINA DO SOL -BRANDOA - AMADORA: Vidal Reis**, Urbanização Alfornelos, célula G, lote 35 (T. 996540); **ODIVELAS: Joleni**, R. Dr. Alexandre Braga, 3-B (T. 9810812); **PONTINHA: Cruz Correia**, E. de Santo Elói, 41-A (T. 992453).

REFORÇO — ALCÂNTARA: Nogueira, R. de Alcântara, 5-A-B (T. 637563); **BAIRRO ALTO: Pinharanda**, R. da Rosa, 94-96 (T. 321534); **CAMPO DE OURIQUE: Porfírio**, R. Francisco Metrass, 59-B (T. 563349); **CHILE: Bastos**. R. Morais Soares, 91-D (T. 844350); **CONDE REDONDO: Salus**, R. Luciano Cordeiro, 73 (T. 542239); **ENCARNAÇÃO: Ascenso**, P. do Norte, 11-A (T. 311216); **FRENTE À FEIRA POPULAR - AVENIDA DA REPÚBLICA: Alcântara**, Av. da República, 74-A (T. 771379); **PICHELEIRA: Marluz**, C. da Picheleira, 140-B-C e R. Prof. Mira Fernandes, MAF (T. 880703); **PRAÇA DE LONDRES: Imperial**, Av. Geurra Junqueiro, 30-B ((T. 886860); **SÃO DOMINGOS DE BENFICA: Sousa**, E. de Benfica, 429-431 (T. 780027); **SÃO SEBASTIÃO: São Sebastião**, L. de São Sebastião da Pedreira, 1-3 (T. 548642); **BURACA - AMDORA: Vaz Martins**, R. António Ferro 6-A (T. 970660); **OLIVAL BASTO: Nova**, R. dos Açores, 11-A (T. 9810305); **PRIOR VELHO: Matos**, T. das Prioras (T. 2819939).

Outra Banda — ALMADA: Magalhães, R. Capitão Leitão, 8-B (T. 2750242). Permanente; **COVA DA PIEDADE: Rainha Santa**, R. Sociedade Fua Piedense, 50-A (T. 2294182). Permanente; **COSTA DE CAPARICA: Carlos**, Av. do Mar, 34-A (T. 2401060). Até às 19 horas; **FEIJÓ: Tovar Chaves**, R. Dr. António Elvas, 104-D (T. 2296119). Até às 22 horas; **SESIMBRA: Lopes**, R. Cândido dos Reis, 21 (T. 2233028). Até às 19 horas; **LAVRADIO: Parreira**, R. D. Silva Cristino, 15-A (T. 2042016). Até às 19 horas; **BARREIRO: Central**, Av. Alfredo da Silva, 48 (T. 2073207). Permanente; **BAIXA DA BANHEIRA: Teixeira**, B. de Moçambique, 84-B (T. 2040946). Até às 19 horas; **CORROIOS: Abreu Cardoso**, B. Cidade de Setúbal, 1-B (T. 2291192(. Até às 19 horas; **AMORA: Nobre Guerreiro**, R. Dr. Emídio G. Mendes, 314 (T. 2212923). Até às 22 horas; **ALDEIA DE PAIO PIRES: Central**, E Nacional, 9 (T. 2210365). Até às 22 horas; **MONTIJO: Moderna**, R. bulhão Pato, 60 (T. 2310156). Até às 22 horas; **MOITA: União Moitense**, Av. Dr. Teófilo Braga (T. 239025). Até às 19 horas; **ALHOS VEDROS: Portugal**. Av. da Bela Rosa, 8 (T. 2040250). Até às 19 horas; **ALCOCHETE: Nunes**, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (T. 234137). Até às 19 horas; **SETÚBAL: Cunha Pinheiro**, E. da Canarinha, 32 (T. 29215). Permanente; **Fuzeta**. Permanente; **Bocageana**, R. do Romeu (T. 23425). Até às 22 horas.

Linha de Cascais — ALGÉS: Miramar, R. Ernesto Silva, 83 (T. 2112048). Permanente; **LINDA-A-VELHA: Pinto**, R. Antero de Quental, 9 (T. 2190610). Até às 19 horas; **TIRES: Guimarães**, L. Duartes, lote A, r/c (T. 2441616). Até às 22 horas; **ALCABIDECHE: Carvalho**, B. Padre P. Correia, 4 (T. 2690363). Até às 22 horas; **PORTO SALVO: Ferreira Bastos**, R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015). Até às 22 horas; **MALVEIRA DA SERRA: Luz**, E. Nacional (T. 2850635). Até às 22 horas; **PAÇO DE ARCOS: Godinho**, Av. Patrão Lopes, 4 (T. 2432039). Permanente; **OEIRAS: Central**, R. Conde Ferreira, 29 (T. 2430058). Até às 22 horas; **CARCAVELOS: Vilar**, Av. Maria da Conceição, lote B (T. 2470777). Permanente; **SÃO DOMINGOS DE RANA: Godinho da Silveira**, R. A. Albuquerque, lote B, loja 2 (T. 2470361). Até às 22 horas; **PAREDE: Mendes Junqueiro**, R. de Luanda, lote 5 (T. 2477838). Permanente; **SASSOEIROS: Amaral Semblano**, Quinta das Encostas (T. 2461312). Até às 22 horas; **BIRRE: Imani**, lote 7-B, Hera (T. 2852121); **MADORNA: Madeira**, R. A (T. 2476326). Até às 22 horas; **AMOREIRA: Abrantes**, Vivenda Maria Carlos Anjos (T. 2682313). Até às 22 horas; **ESTORIL: Marques dos Santos**, R. Ferreira J. A., 15 (T. 260116). Até às 22 horas; **CASCAIS: Marginal**, Av. Marginal (T. 280078). Permanente.

Linha de Sintra — AMADORA: Carmele, R. José Elias Garcia, lote 28 (T. 4933303). Permanente; **Dias e Brito**, Av. Marquês de Pombal, 45-A (T. 3940118). Até às 22 horas; **DAMAIA: D. João V**, Av. Gurgel do Amaral, 2-A (T. 970461). Até às 22 horas; **QUELUZ: Vasconcelos**, E. Particular Henrique Pousão (T. 4372649). Até às 22 horas; **CAMARATE: Flores**, Catujal. Até às 19 horas; **CACÉM: Central**, R. José Elias Garcia, 55 (T. 9240034). Permanente; **MEM MARTINS: Cristina**, Av. Vitorino Nemésio, 14 (T. 9214820). Permanente; **MERCÊS: Claro Russo**, R. Abade Faria, 2-A (T. 9215275). Até às 22 horas; **RIO DE MOURO: Riomouro**, Av. Óscar Monteiro Torres, 6 (T. 9260194). Até às 22 horas; **SINTRA: Misericórdia**, Vila (T. 9231070). Permanente; **COLARES: Abreja** (T. 9290088); **SÃO PEDRO DE SINTRA: Valentim** (T. 9230456). Permanente.

Outras Farmácias — MOSCAVIDE: Império, R. 1.º de Maio, 48-A (T. 2513234). Até às 22 horas; **SACAVÉM: Soares**, R. José L. Morais, 15-A (T. 2518025). Permanente; **LOURES: Sraiva**. Av. da República, 86 (T. 2530027). Permanente.

Coimbra — CRUZ & COSTA. R. A. Vasconcelos, 71-71-A, antiga R. Oriental Montarroio (T. 22715); **VILAÇA**, R. Ferreira Borges, 132 (T. 22043); **BARROS**. Eiras (T. 31643).

DL TEATROS

Teatro Variedades

Parque Mayer — Tel. 32 60 37

De 2.ª a sábado, às 20.30 e 22.45. Domingos também às 16h. Descanso às 4.ªs-feiras

«**AGUENTA-TE, À BRONCA**», original de Carlos Coelho, Júlio César e José Guimarães. Com Carlos Coelho, Delfina Cruz, Anita Guerreiro e Júlio César.

(16 anos)

Teatro e Copos — Finalmente Club

R. da Palmeira, 36 — Tel. 37 26 52

De segunda a sábado, às 00.30

«**NÃO HÁ NADA P'RA NINGUÉM**». Espectáculo em travesti. Conduzido por Lydia Barloff, com interpretações de Cindy Scrash, Lydia Barloff, Ruth Briden e Vicly Batton.

Teatro Vasco Santana

Entrecampos — Tel. 768609
De terça a sábado às 21.30, domingos às 16.00

«**JARDIM DE OUTONO**», de Lilian Hellman. Encenação de Luzia Maria Martins. Com Carlos Mourato, Carlos Santos, Carmen Mendes, Clara Joana, Fernanda Coimbra, Fernanda Montemor e Helena Félix.

Teatro Maria Vitória

Parque Mayer — Tel. 37 17 40

(De terça a sábado, às 20.30 e 22.45; domingos, às 16.00, 20.30 e 22.45).

«**NÃO BATAM MAIS NO ZEZINHO!**», de Mário Zambujal, Henrique Santana e Francisco Nicholson.

ABC

Parque Mayer — Tel. 36 67 45

(De 2.ª a domingo, às 21.45. Sábados e domingos, às 21.45 e 16.00).

«**FININHO MAS JEITOSINHO**». Original de João Bettencour. Versão portuguesa de César Oliveira e Raul Solnado. Com Carlos Miguel, Simone de Oliveira e Filipe Ferrer. **(12 anos).**

Casa da Comédia

R. Francisco Borja, 24 — Tel. 607299

De terça a sábado, às 21.45, domingos às 18.00

«**SAVANNAH BAY**», de Marguerite Duras. Encenação de Filipe La Féria. Interpretação de Glicínia Quartin e Zita Duarte.

Teatro da Graça

T. de São Vicente, 11 — Tel. 87 56 26

De terça a sábado, às 22.00, sábados e domingos, às 17.00

O Grupo de Teatro Hoje apresenta a peça de Crebillon Fils «**A NOITE E O MOMENTO**». Tradução de Manuel João Gomes, encenação de Carlos Fernando e interpretado por Teresa Madruga, Diogo Dória e Paula Bicho. Cenografia de José Manuel Castanheira e figurinos de Jasmim.

Teatro Ibérico

R. de Xabregas, 54 — Tel. 38 25 31

De terça a sábado, às 21.30, domingos às 17.00

«**AI QUE SALTOS ME DÁ O CORAÇÃO**», sobre textos de Anton Tchekhov. Encenação: Blanco Gil. Interpretação: António Filipe, Custódia Galego, Fernanda Policarpo, Francisco Soromenho, Jorge Coelho, Juvenal Garcês, Lídia Soeiro, Luís Lopes e Manuela Cassola.

Teatro do Bairro Alto

R. Tenente Cascais, 14 (ao Bairro Alto) — Tel. 66 15 15/66 92 05

(De terça a sábado, às 21.00; domingos às 16.00.)

«**RICARDO III**», de Shakespeare.

Teatro Villaret

Av. Fontes Pereira de Melo — Tel. 53 85 86

De terça-feira a sábado às 21.45, domingos às 16 e 21.45

«**BOCAGE**». Adaptação de Geir Campos, com Rúbens de Falco, Leira Krespi, Paulo Pinheiro e Sória de Paula.

Direcção de António de Cabo.

Memorial Bar

R. Gustavo de Matos Sequeira, 42-A — Tel. 66 88 91

Quartas e domingos, às 00.30

«**CADA UM É COMO É**», de Gonçalves Preto

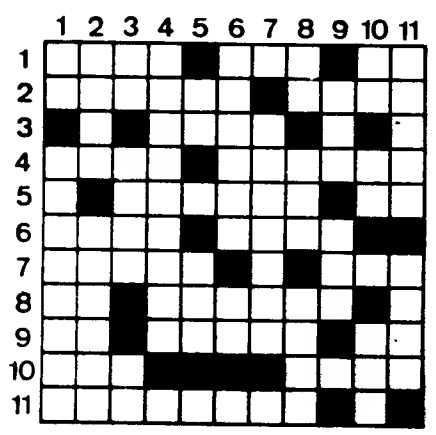
Encenação de Álvaro Faria.

PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 14 501

HORIZONTAIS:

1 Bens. Cidade da Turquia no delta do rio Mariza. Preposição.
2 Cidade do Níger. Acreditar.
3 Vela de moinho.
4 Espadim. Bradara.
5 Poeta português autor de «A Ceia dos Cardeais». Irídio (s.q).
6 Província do Equador, no centro da região andina. Verbal.
7 Cara. Avante!
8 Espera deferimento. Prepara com ópio.
9 Seguia. Vassourara o forno depois de aquecido. Utensílio doméstico.
10 Víscera dupla. Transpiram.
11 Conjunto de ossos.



VERTICAIS:

1 Aqui. O que trabalha em ferro.
2 Cidade da Índia. Cobris de iodo.
3 Apelido. Passados. Manuscrito.
4 Gigante que simboliza o cabo das Tormentas, segundo Camões.
5 Pertences. Capa sem mangas.
6 Haste de ferro ou de madeira aguçada numa extremidade. Isto é (abrev).
7 Acarretar.
8 Ondas curtas. Sufixo que designa abundância. Nivela.
9 Artéria. Nome de planeta.
10 Preposição. Zomba. Cidade de França.
11 Pecar. Estimam.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 14 500

HORIZONTAIS:

1 Oxigenação.
2 Usaram. Com.
3 Best. Be.
4 São. Corem.
5 Má. Recama.
6 Ca. Mar.
7 Cordel, Safa.
8 Arredar. Mas.
9 Orai. Doa.
10 IE. Treviso.
11 Urso. Arados.

VERTICAIS:

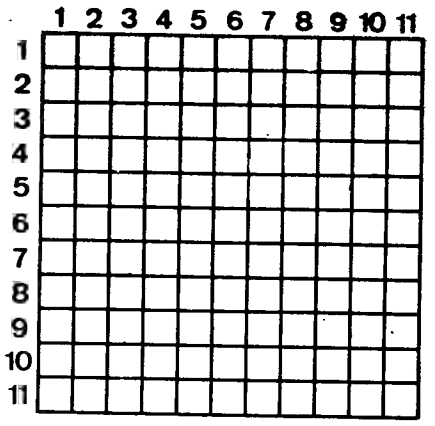
1 O. BOM. CÃO.
2 Xué. Acorrer.
3 Isso. Arrais.
4 Gatas. Dei.
5 Er. Med.
6 NÃO. LADRA.
7 Am. Cem. Boer.
8 Bocas. Avá.
9 Aceraram. Id.
10 Oó. EM. FALSO.
11 Mimaras. Os.

PROVÉRBIO: O bom cão não ladra em falso.

NOVAS MODALIDADE PROBLEMA N.º 14 341

HORIZONTAIS:

1 Vila e concelho do distrito de Aveiro.
2 Cortai com serra. Unificar.
3 Bazófia (fig). Idoso.
4 Sufixo que designa pequenez. Antes de Cristo. Musa da História, que se representava sentada ou de pé com um rolo de papel na mão ou uma caixa de livros.
5 Sódio (s.q). Agita. Doutor.
6 Mil e cinco em romano. Cairia com estrondo.
7 Palmeira do Brasil. Xaile das mulheres índias e persas.
8 Vais para fora. Antes de Cristo.
9 Tomam nota de. Grei.
10 Charruas. Lê.
11 Freguesia do concelho de Oliveira de Azeméis. Juízo. Nome de astro.



VERTICAIS:

1 Freguesia do concelho de São João da Pesqueira.
2 Vila e concelho do distrito de Castelo Branco. Anual.
3 Ressoa. Mais grande.
4 Arara. Vês.
5 Rádio (s.q). Prefixo que designa afastamento. Acrescentei.
6 Suprimiríamos.
7 Lutécio (s.q). Solitário.
8 Espalhais.
9 Substância que tinge de azul. Nome de homem.
10 Refutar. Antepassado.
11 Bromo (s.q). Verbais. Artigo definido (ant).

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 14 340

HORIZONTAIS:

1 Xá. Ripa. Cãs.
2 Ene. Aiaras.
3 Rumam. Remai.
4 Úa. Má. Hábil.
5 ML. Ad. Uto.
6 Sra. Saju.
7 Erg. Ará.
8 Aurora. Rs.
9 Os. Radiosos.
10 Sina. Rasa.
11 Amassados.

VERTICAIS:

1 Xerume. Rosa.
2 Anual. Sim.
3 Em. Sra. Na.
4 Amarguras.
5 Iamada. Rã.
6 Pi. Côdea.
7 Aarhus. Ri.
8 Reata. Aoro.
9 Camboja. Sãs.
10 Asai. Urros.
11 Ilo. Assas.

Rádio

Antena Um

16.00: A gaita dos sete foles; **17.00**: Informação regional; **17.15**: Musicomania; **19.00**: Informação e música; **20.00**: Musical; **20.20**: No estúdio e no estádio; **20.35**: Música portuguesa; **20.45**: Diário da «Volta»; **21.00**: Musical; **21.30**: Noites de luar; **23.30**: Último jornal. Noticiários de hora a hora.

Programa 2

15.30: A música de piano na era romântica; **16.00**: Música do século XX; **16.30**: Suite, n.º 3, de Bach; **16.40**: «Despedida de Wotan», da ópera «A Valquíria», de Wagner; **17.00**: Ciclo Beethoven; **18.00**: Uma poesia; **18.05**: «Lamentações de Jeremias», para 5 vozes, de Tallis; **18.40**: A cravista Huguette Dreyfus; **19.00**: Música, de Chopin; **19.30**: A voz da cidade; **20.00**: Quarteto, de cordas, em fá, de Mozart; **20.40**: «Dança Sinfónica», de Copland; **21.00**: Antologia dos músicos portugueses; **21.30**: Sinfonia, n.º 5, em si bemol maior, de Bruckner; **22.50**: Peças de Cabezon; **23.10**: Quinteto, em lá maior, de Reger; **23.45**: Solos instrumentais; **00.25**: Canções; **01.00**: Fecho. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL

14.00: Tarde à portuguesa; **17.00**: Rápido das cinco; **19.00**: Som de retorno; **20.00**: Conta corrente; **21.00**: Musical; **21.30**: Quando o telefone toca; **22.00**: Portugal e a CEE; **22.15**: Programas religiosos; **23.00**: 24.ª hora; **01.00: Peça o que quiser; 02.00**: No calor da noite. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: O vapor; **16.00**: Som da frente; **17.00**: Pé de vento; **18.00**: Círculo em FM; **19.00**: Em órbita; **20.00**: Nova geração; **21.00**: Jazzofone; **22.00**: Nunca mais é sábado. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA

15.00: Meia-tarde; **16.00**: Rua Capelo; **18.00**: Jornal das regiões; **18.30**: Transmissão do terço; **19.30**: Memorando; **20.00**: Programa da LARR; **20.30**: Do dia para a noite; **21.00**: Horizonte; **22.00**: Quando o telefone toca; **22.30**: Diário do desporto; **23.00**: Clube dos coleccionadores; **24.00**: Som de uma noite de Verão; **02.00**: Estação de serviço.

FM-Estéreo

15.00: Estaminé do ritmo; **16.00**: A cor do som; **18.00**: Entre-Campos; **19.30**: Transmissão do terço; **20.00**: Serra de estrelas; **21.00**: Vista alegre; **22.00**: Oceano Pacífico; **24.00**: Último metro; **02.00**: Estação de serviço. Noticiários a todas as horas.

SÁBADO TELEVISÃO

«As Aventuras de Marco Polo», no «Tempo dos Mais Novos»

Último episódio da série «Os Últimos Dias de Pompeia», hoje na RTP-1

RTP 1

15.57 — Eurovisão — Natação
Transmissão directa de Sófia dos Campeonatos da Europa.

18.00 — Tempo dos Mais Novos
«As Aventuras de Marco Pólo».

18.35 — Notícias

18.50 — Programa da Direcção de Informação

19.20 — Pequenas e Médias Empresas

20.00 — Telejornal

20.27 — Boletim Meteorológico

20.35 — «Louco Amor»
Episódio n.º 25

21.15 — Triangular
Este programa mantém, como temas nesta edição, algumas das realidades portuguesas mais directamente relacionadas com o tempo de férias e de Verão que se vive. Assim, depois de ter sido abordado o uso de bronzeadores, o consumo de refrigerantes e gelados e o hábito de frequentar esplanadas, próprios desta época do ano, assistir-se-á, hoje, a uma visita feita pelas equipas de reportagem de «Triangular» a termas e parques de campismo, locais particularmente em foco durante o Verão. Coordenação: José Cândido de Sousa.

22.15 — «Os Últimos Dias de Pompeia»
Último episódio. O destino de Glauco parece perfeitamente claro, a partir do momento em que em plena arena ele vai ter de enfrentar Lydon. Mas, quando já não lhe restavam quaisquer esperanças, a terra começa a tremer e todos entram em pânico. Dava-se então a erupção do Vesúvio, que acabaria por destruir Pompeia completamente. Aqueles que podem, dirigem-se para o mar, na tentativa de escapar deste pesadelo. Muitos vão morrer e entre estes, Diomedes, Júlia e Clodio. Mas, Glauco e Ione conseguem salvar-se pois Nídia, apesar de cega, consegue orientá-los em direcção ao mar. Depois de os ter posto a salvo, num barco, Nídia volta para Pompeia e consegue salvar também Lydon, acabando ambos por fugir a tempo da cidade. Realização: Peter Hunt.

23.05 — Volta a Portugal em Bicicleta

23.25 — Último Jornal

RTP 2

Na RTP-2 prossegue a emissão de «O Misterioso Dr. Cornelius»

19.30 — Desenhos Animados
«Recruta Bailey»

20.00 — Conheça Melhor
A grande muralha da China, a mais gigantesca obra arquitectónica do género, nasce no mar e ondula através do imenso continente asiático, passando sobre montes e vertentes, como um interminável dragão. «Conheça Melhor» leva-o até à China longínqua, ao encontro desta fantástica obra humana. Depois na 2.ª parte, visitaremos jardins chineses onde a natureza e a obra do homem dão as mãos num misto de poesia e beleza natural.

20.30 — O Misterioso Dr. Cornélius
1.º episódio. Xampana — um país imaginário na América do Sul controlado por algumas famílias milionárias. O dr. Cornélius é um médico louco, especialista em cirurgia plástica, que se dedica a experiências em cobaias humanas.

21.40 — Encontros com Paulo Santiago

22.30 — Jornal da Noite

AMANHÃ

RTP 1

16.00 — Campeonato da Europa de Natação
18.00 — Tempo dos Mais Novos
18.35 — Notícias
18.50 — Retratos em Si
19.20 — Gabriel Garcia Marquez
20.00 — Telejornal
20.27 — Boletim Meteorológico
20.35 — «Louco Amor»
21.15 — Jorge Palma
22.10 — Sombras na Escuridão
23.15 — Volta a Portugal em Bicicleta
23.30 — Último Jornal

RTP-2

19.30 — Desenhos Animados
20.00 — Recordações
21.00 — Directo/2
22.30 — Jornal da Noite

CLÍNICA DE TELEVISÃO A CORES SOS CTC — OS PROFISSIONAIS DO SOM E TELEVISÃO AO SEU SERVIÇO

A MELHOR ASSISTÊNCIA AO SEU TELEVISOR E VÍDEO

GARANTIMOS RAPIDEZ E EFICIÊNCIA
ESTAÇÃO DE SERVIÇO PERMANENTE

T. 88 27 86 — 89 98 26

Av. S. João de Deus, 13 B ● R. de Macau, 8-1.º LISBOA

VOCÊ TEM UM PROBLEMA DE BEBIDA?

Em Setembro vamos ter entre nós uma equipa de terapeutas especializados na recuperação integral de alcoólicos. Inscrições limitadas.
Contacte-nos já: ALCOÓLICOS ANÓNIMOS
Travesa do Corpo Santo, 32
1200 LISBOA
Telefone 896211

GRUNDIG a segurança de um grande nome
seleccionou para si...

RTP 1
22.15
Os Últimos Dias de Pompeia

RTP 2
20.30
O Mistério do Dr. Cornelius

Assistência Técnica Grundig
NACIONAL RÁDIO
Rua Bento Jesus Caraça 17 - Cruz Quebrada - Telef. 2112871

PORTE PAGO
Fundador Joaquim Manso
Director A. Ruella Ramos
Director adjunto Fernando Pitteira Santos
DEPÓSITO LEGAL: 1426/82
TELEFONES: 32 18 04 / 5 – 32 03 71 / 6 – 3 Publicidade: 32 02 41
Serviço de noite (depois das 21): Redacção: 32 02 71 / 219
Endereço Telegráfico DIÁRIO — Telex 12 363 LISBOA PORTUGAL
Distribuição: INTERPRESS Rua do Norte, 115-1.º — 1200 LISBOA
TELEFONES: 32 21 00 – 32 22 04 – 32 05 84
Preço do "DL" na Madeira 60$00

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
07.44 **3,20 m**	01.05 **1,60 m**
20.08 **3,20 m**	13.26 **1,70 m**
Dia 9	
08.39 **3,10 m**	01.58 **1,80 m**
21.13 **3,10 m**	14.31 **1,90 m**

TEMPERATURAS DO AR ÀS 6 HORAS:

BRAGANÇA	12º
VIANA DO CASTELO	12º
VILA REAL	14º
PORTO	13º
COIMBRA	12º
CABO CARVOEIRO	15º
CASTELO BRANCO	19º
PORTALEGRE	22º
LISBOA	17º
ÉVORA	18º
BEJA	16º
FARO	20º
SAGRES	17º
PONTA DELGADA	20º
FUNCHAL	20º

PREVISÃO DO TEMPO PARA AMANHÃ

Céu pouco nublado ou limpo, apresentando-se muito nublado durante a madrugada e manhã no litoral oeste, a norte do cabo da Roca. Vento fraco soprando moderado de noroeste no litoral oeste.

Governo dá pensões

Uma lista de 19 antifascistas a quem foram concedidas pensões pelo Governo é hoje publicada no «Diário da República». Em alguns casos, as pensões são concedidas às viúvas de antigos deportados na Madeira, Açores, Cabo Verde, S. Tomé, Angola, Moçambique e Timor.

É a seguinte a lista dos beneficiários das pensões. Dídia do Rosário Jorge, viúva de Aurelio Augusto Facha, Diogo Martinez de Lima, Eleuterio Teixeira, Elvira Peixoto Coelho Cortesão Abreu, viúva de Camilo Suzarte Cortesão Abreu, Etelvina Adelaide, viúva de Manuel Francisco Roque Júnior, Gertrudes de Jesus Duarte Vilas, viúva de José Martins Vilas, Jaime Ferreira, Joaquim Tomás Raimundo Neto, José Cavaco Marques, Julieta Alves Teixeira Severino, viúva de Bartolomeu dos Mártires e Sousa Severino, Laurinda Andrade Rocha Ribeiro, viúva de Joaquim António Melo e Castro Ribeiro, Margarida Stella de Bulhão Pato Maia Rebelo, viuva de Eduardo Henrique Maia Rebelo, Maria da Conceição Bravo Oliveira, viúva de Francisco de Oliveira Pio, Maria Ermelinda Soares Carvalho Noronha, viúva de José O'Neill de Carvalho Noronha, Maria Isaura de Figueiredo Malva do Valle, filha de António Maria Malva do Valle, Maria Luísa Lapa Travassos Valdez, filha de Henrique Maria Travassos Valdez, Maria Luisa Moreira Ventura de Vasconcelos, viúva de Aníbal Duarte de Vasconcelos, Teresa de Jesus Oliveira Queiroga Chaves, viúva de Fernando Gualter Queiroga Chaves, e Zulmira Batista Marreiros, viúva de Tomás Batista Marreiros.

CASA DA SORTE

Informação dos numeros mais premiados na extracção de hoje da LOTARIA NACIONAL

1.º PRÉMIO – 6 870 – 78 000 contos
2.º PRÉMIO – 24 348 – 24 000 contos
3.º PRÉMIO – 43 346 – 9 000 contos

Os três prémios grandes foram todos vendidos aos balcões da CASA DA SORTE

Consulte a Lista Oficial e habilite-se para a proxima extracção, aos balcões da CASA DA SORTE em LISBOA – BRAGA – PORTO – AVEIRO – COIMBRA – SETÚBAL – FARO

1.º PRÉMIO
6 870
2.º PRÉMIO
24 348
3.º PRÉMIO
43 346

CASA VIOLA – Paga todo e qualquer Prémio da Lotaria Nacional, mesmo que tenha sido comprada a outras casas ou em qualquer parte de Portugal.
Jogue na Lotaria
CASA VIOLA — "A SORTE QUE TOCA"
LISBOA — BRAGA — ESTORIL — VISEU

Rajiv Gandhi, primeiro-ministro da Índia, dirigiu ontem uma crítica à televisão visão indiana por «exagerar na cobertural noticiosa das suas actividades e dos seus ministros» e afirmando que o seu governo «não necessita de criar uma imagem» de eficácia e de empenho no trabalho. Numa carta que dirigiu ao ministro indiano da Informação, o chefe do governo disse também preferir «blocos noticiosos qualitativamente melhores e mais elaborados ao noticiário que soa a comunicados oficiais».

Mário Cal Brandão, governador civil do Porto e membro da Comissão Permanente do PS, pediu a exoneração do cargo para concorrer às eleições legislativas, segundo anunciou a ANOP. Cal Brandão será substituído naquele cargo pelo vice-governador, Manuel Ramos, jornalista do «Jornal de Notícias». A exoneração de Cal Brandão deverá ser publicada esta semana no «Diário da República».

Nina Hagen foi uma das estrelas do festival de música jovem que decorreu em Atenas. Na capital grega, a musa do rock impôs uma vez mais o seu estilo que levou já que a classificassem de louca, excêntrica e incómoda. Nascida na Alemanha, discípula do transcendental, Nina tem imposto a sua presença de rocker um pouco por todo o mundo, inclusive em Portugal onde esteve o ano passado.

Bo Derek, protagonista do filme «Uma Mulher de Sonho» o qual, entre outras consequências, provocou uma verdadeira corrida às edições discográficas do Bolero de Ravel, resolveu agora exigir que os actores que com ela contracenem façam análises prévias de modo a saber-se se são ou não portadores do vírus da SIDA. A notícia foi dada por um jornal de Paris e não são ainda conhecidas reacções à exigência da conhecida actriz.

Jean Luc Godard: continua a polémica em torno do penúltimo filme do conhecido realizador francês que, em Lisboa, levou o presidente da Câmara a uma incitação à violência. Trata-se, claro, da película «Je Vous Salue Marie» a qual não será exibida no Brasil porque o distribuidor é um católico ferveroso. A notícia foi divulgada pelo jornal «O Globo» que sublinha que os direitos, em França, do filme de Godard pertencem à Gaumont, representada no Brasil pelo empresário de São Paulo, Wilton Figueredo. «O Globo» acrescenta que o distribuidor já mandou uma carta à Gaumont, dizendo que não está interessado no filme e que também ele segue as posições tomadas pelo Vaticano em relação a «Je Vous Salue Marie».

Damas. Futebolista e 37 anos de idade. Ele foi na noite de ontem, no palco do Restelo e perante uma plateia de quarenta mil espectadores, a figura cimeira da «comédia futebolística» que ali se realizou. Vítor Damas evidenciou uma vez mais o talento, engenho, segurança, elasticidade e visão de jogo que definem os grandes «especialistas» de evitar golos. Merecidos os calorosos aplausos que escutou vindos de todas as cores e os elogios que os opositores e companheiros de ofício lhe transmitiram.

Fretilin contradiz Cruz Vermelha: há carências graves em Timor-Leste

Um responsável da Cruz Vermelha para Timor Leste disse à ANOP, em Genebra, que, naquela ex-colónia portuguesa, «do ponto de vista alimentar, não há necessidades que imponham acções de assistência».

Jean François Olivier, coordenador em Genebra do Comité Internacional da Cruz Vermelha para Timor Leste, em declarações à ANOP, afirma que, «no momento, não existem problemas de nutrição importantes», nas 25 aldeias situadas em nove subdistritos da região Centro de Timor Leste, visitadas pela Cruz Vermelha para avaliar das carencias aos níveis médico e nutricional.

A delegação que visitou o Centro de Timor Leste «chamou a atenção das autoridades indonésias para a situação que se regista em cinco das aldeias visitadas, onde a situação, ao nível das reservas de alimentos, se poderá deteriorar, a curto prazo, antes da época das colheitas principais».

De ponto de vista médico, Jean François Olivier afirma que «não há problemas graves, sobretudo desde que, após a última visita de outra delegação da Cruz Vermelha, foram instaladas, por aquele organismo, no território, várias unidades de assistência médica ao nível primário».

Nas palavras de Jean François Olivier, «os vários milhares de deslocados, que durante muito tempo estiveram na ilha de Atauro, regressaram já às suas regiões de origem restando, agora, cerca de mil pessoas que estão a receber assistência da Cruz Vermelha».

Estas afirmações foram contrariadas pelo chefe da missão para o exterior da Frente de Libertação de Timor Leste — Fretilin.

Abílio Araújo afirmou que «o relatório, agora divulgado, pelo representante, em Genebra, da Cruz Vermelha para Timor Leste, não coincide com os relatórios que recebemos, tanto das organizações políticas clandestinas como da direcção da luta armada

Suplemento literário

Diário de Lisboa LER ESCREVER

N.º 216 ● 8 de Agosto de 1985

Aquilino Ribeiro fala-nos das providências que se deviam tomar para defender a língua portuguesa

TEM a palavra Aquilino Ribeiro. Vai-nos falar do abastardamento da língua, das razões prováveis que o determinaram e determinam, e um pouco dos meios de o combater. O seu verbo vigoroso, expressivo e natural, traz-nos constantemente à lembrança as páginas modelares de que é autor.

É com prazer que o escutamos e que, seguindo o curso das suas ideias, lhes vamos penetrando o sentido íntimo. Também o idioma encontra nele um denodado paladino, se bem que não creia na sua eternidade como os cavaleiros do S. Graal criam no seu Deus. Aquilino Ribeiro é materialista e parte do princípio de que tudo o que teve começo tem fim. Assim a língua que, na qualidade de organismo vivo, está sujeita às vicissitudes da lei comum, portanto a uma evolução que na sua trajectória implacável tem o seu extremo na morte. Era ver o latim de Virgílio, tão preciso que parece não haver nele um fonema a mais, ou o grego, tão apto a traduzir o abstracto com Platão como o real e instantâneo, o que hoje constitui o *reportage*, com Xenofonte, cadaverizados para sempre.

— Mas estará o português verdadeiramente abastardado?

— Se compararmos o português que se fala nas cidades e que se escreve correntemente com o português dos clássicos ou simplesmente com a linguagem dos serranos da Nave e de Montemuro teremos de reconhecer que, sim, está. Mas a língua é acima de tudo um instrumento de compreensão e parece-nos legítimo perguntar se o fadista, por exemplo, quando fala um português mascavado de calão, francesia, inglês, não procede «filologicamente» com mais propriedade, isto é, com mais precisão, mais rapidez, mais em harmonia com o objectivo capital da linguagem, do que o faria António Vieira no seu castiço e redundante verbo.

— O que nos interessa é a língua como instrumento de arte, reveladora da cultura e aptidões artísticas dum povo. Sob esse aspecto, o português estará abastardado?

— Talvez.

— E porque é que talvez?...

— A resposta teria de ser demorada pelo que envolve de complexo. Muitas devem ser as causas da adulteração. Mas vejamos: antigamente, a língua era, está be dem ver, falada por todos e escrita por poucos. Esses poucos dispunham duma cultura substancial em humanidades. Eram frades. A nossa cultura era fradesca. Os arquitectos do pensamento português eram frades. Tire-se-lhes o chapéu que se fizeram um «instrumento mole e pastoso» — como pretende Giner de los Rios — é sumptuoso, propenso ao épico e ao lírico, além de estupendo para a oratória. Mas, como ia dizendo, o povo elaborava a língua e os frades, através das idades, iam-na arquivando e conduzindo. Pastoreando a fala, se quiserem. Hoje, tudo é letrado. Desde que se inventou o aparo de aço, tudo escreve. Escrever tornou-se um snobismo universal.

— A Imprensa?...

— A Imprensa quotidiana, isto é, o jornal, também tem culpas no cartório, como o clerc do livro, eu, todos nós, salvo os meus amigos Afonso Lopes Vieira e Agostinho de Campos, que são os huguenotes da língua. Huguenotes praticantes, e um deslize para eles produz o efeito dum sacrilégio. O que não quer dizer que não se apontem pecadilhos um ao outro. Há tempos, dizia-me o excelente Afonso: «Agostinho de Campos peguilhou com um «desconcertante» no **Pedro o Cru**» — «Desconcertante?...» — «Sim, ele tem razão; é desconcertador. Mas é bonito como puritanismo». Ah, estou a ser indiscreto...

— Não senhor, não está. É preciso dar exemplos, como os fradinhos faziam nas **Crónicas** quando tratavam das virtudes do cristão.

— Estes excessos são um bem e um mal. Sempre que seja travar a língua no seu pendor natural é erro. Como diz aAfonso Lopes Vieira, desde que se não bula na armadura, a sintaxe, o mais é venial. Assim, não importa nada que se diga aerodromo em vez de aeródromo; miosporo em vez de Miósporo; e acho que zelote, portanto condenável, que o novo **Vocabulário** da academia, fundamentando-se no grego, nos venha propor Sófia e Eufrósinal para não ir mais longe. Esta recta pronúncia, levada ao auge, é tão censurável como a outra, desmazelada, eivada de francesia e bunda. Quem elabora a língua é o povo; o filólogo deve fiscalizar o essencial, procurar encaminhar a evolução da língua mas não torcê-la. Isso, além de irrisório, é inútil. A lei natural, neste caso tendência para o menor esforço, salta por cima de todo o condicionado. O povo do Norte, menos tocado do árabe, com raízes mais profundas no húmus nativo, tem aversão ao esdrúxulo. Não diz azáfama, mas azafama; não diz têmpera. mas tempera, como não diz alfôrge, estômago, interrêsse, mas alforje, estomago, interesse, segundo a maior facilidade do aparelho fonador. Mas, se na prosódia foge do étimo, na sintaxe mantém,se fiel á índole da língua. Veja o Padre-Nosso: o sujeito, em geral, vai para depois do verbo, como em Fernão Lopes. Também encontra ali o menos possível de pronomes possessivos, essa praga francesa e o menos possível de pronomes pessoais, em obediência à boa madre do Lácio.

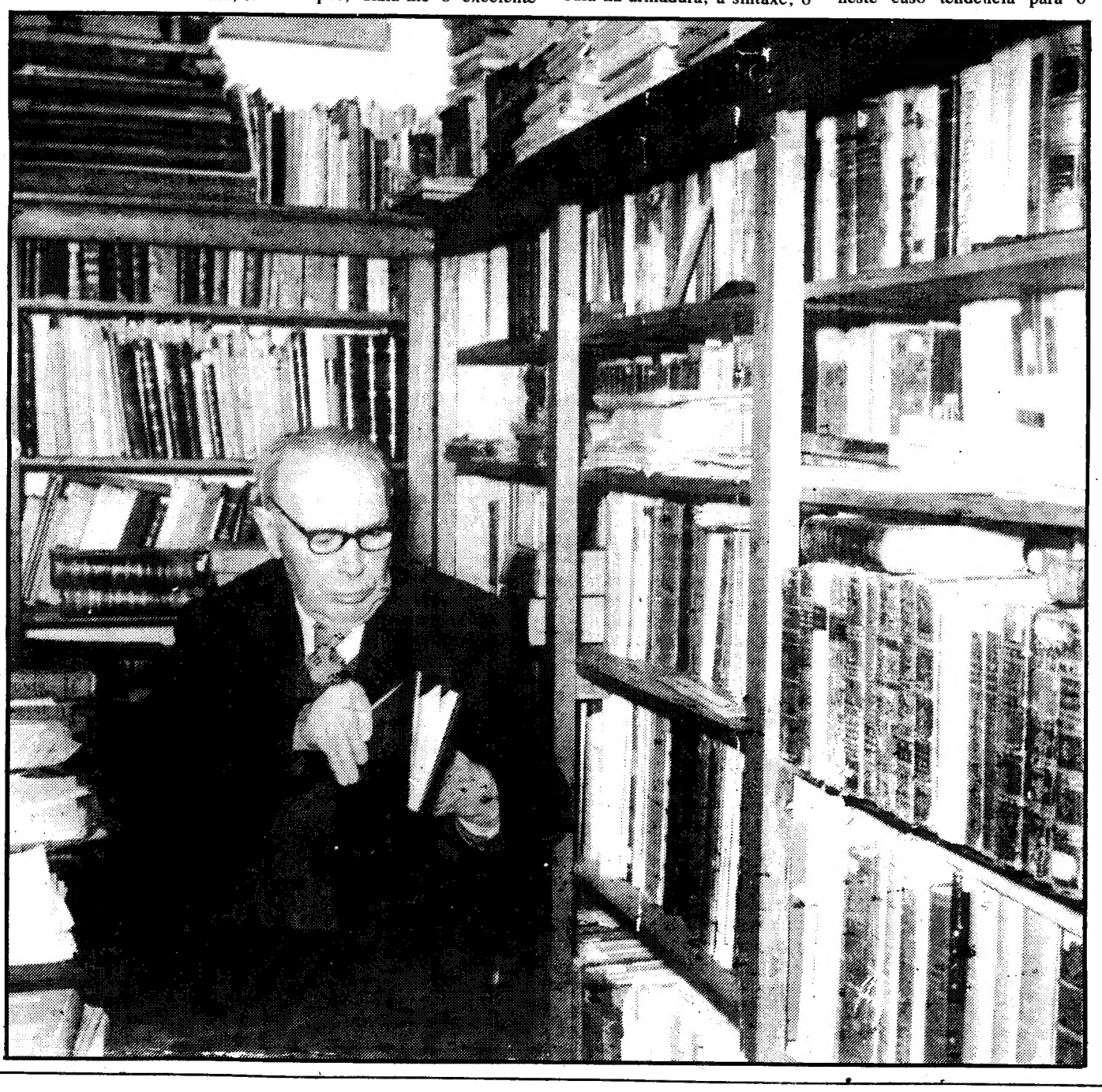
— Considera rica a nossa língua?

— A nossa língua não é rica, na boa significação do termo, é profusa. Quer dizer, tem uma aluvião de vocábulos, muitas vezes sinónimos, e isso só constitue um óbice no propósito a que tende este instrumento de relação entre os homens: facilidade. Não, a nossa língua é paupérrima, paupérrima, escreva três vezes paupérrima, em despeito do que dizem os gramáticos. A riqueza de uma língua reside na sua maleabilidade de expressão, na sua capacidade para dar o abstracto, no seu poder de definir, nas suas maneiras de traduzir rápida e impressivamente o real, o imaginário, o fugaz e o eterno. Note que antes dos grandes clássicos, Camões, Sá de Miranda, Ferreira, artistas por um lado, torneadores nefastos do verbo, por outro, a língua estava numa evolução que conduziria talvez a uma independência das fontes, a uma adaptação como o *locus*, com o homem que aqui habita, tão perfeita como a francesa ou a alemã, que representam admiravelmente os seus povos. É possível que tenhamos voltado a essa tradição interrompida, a partir de Camilo em diante, mas quem o assegura?

— Remédios para as enfermedidades da língua?

— É o título de um curioso tratado publicado há uma centena de anos. Já vê que a questão é velha. Mas vejamos: amparo gramatical e filológico mas prudente, postos de h giene filológica nos jornais onde pontifiquem sábios. Caturras, censura, académica ou outra, mas que dê

Continua na pág. 2



Diário de Lisboa LER E ESCREVER

Aquilino Ribeiro diz-nos d do título do seu livro

Discursando na Sociedade Portuguesa de Escritores, quando do descerramento do seu retrato naquela instituição 1963

NAS montras das livrarias a capa bem ordenada deste livro protesta contra o título *Lápides partidas*. Porquê? O autor, convidado a uma breve explicação, diz-nos:

— Sim, o título explica insuficientemente o trabalho. Ocupei-me com o movimento de opinião e a luta de ideias, inclusive conflito de pessoas, que caracterizaram a passagem da Monarquia para a República. O vau não se passou sem fracturações de toda a ordem, quer física quer moral. Puseram-se de lado uns valores, entronizaram-se outros. Faliram velhos princípios, pretendeu-se instalar novos. Tudo isto constitue, como o Decálogo de Moisés, as Tábuas dum povo, inscritas como letras de relevo mais ou menos vivo. Daí, o eu chamar-lhe lápides. Partidas, como não, se se empreendeu gravar outras?

— Perfeitamente. As grandes personagens do facto figuram nas páginas do seu livro?

— Com mais ou menos intensidade, consoante a articulação que têm com a personagem central. Porque, repito, para mim o homem, um homem, é o centro do universo psicológico, e eu pretendo traçar a infância, adolescência, idade adulta duma pessoa do meu tempo, eu, supunhamos. Essa personagem vai atravessando o pandemónio social, queimando-se como uma borboleta na chama, ou não se queimando como se dizia de salamandra, e o drama está nisso. Antes de mais nada, o homem calça o coturno que traz toda a gente.

— A acção decorre em Lisboa...?

— Toda em Lisboa e seu alfoz, como diria um arqueólogo. Aparte um salto à velha Beira, não arredo da capital.

— Gosta de Lisboa?

— Como de mais nada no mundo. O seu anacrónico ronceirismo, a sua capa de vidrilhos, por vezes os seus gostos pires e cheiro a rapé eu lhos perdoo em nome da luminosidade, brandura, ódio à tiarania, ao imponente e à palhaçada, em nome do humor zombeteiro e irreverente que se respira desde o Chiado às Avenidas Novas, *frondeur* lhe chamam os franceses. O indivíduo aqui não se perde de todo como em Paris, e ainda o vêem a atravessar o Chiado, ou a comprar dois vinténs de rebuçados de avenca na primeira tenda. Mas tempo virá em que passe tão despercebido como no Sara e então Lisboa será um paraíso.

— Continua a escrever com sujeito, verbo e atributo, e segundo os seus cânones?

— Sim, não consigo desprender-me da disciplina a que me sujeitou o professor primário, e, quanto a escolas, quais as que imperam em virtude de regras, faz favor de me dizer!? Sinto para aí o revessado duma crítica suficiente, adiposa, que não diz ao homem de letras que deve fazer assim ou assado por isto, mais aquilo, mas que se limita a traçar ou consignar dogmaticamente directrizes lineares e a chamar para as baías os desprevenidos ou simples do entendimento. Continuamos na mesma penúria de espírito crítico, na mesma idiotice congénita de mentores. Criticar, está dito e redito, não quer dizer ver e analisar o crítico através do seu umbigo, mas ver e analisar a obra na berlinda segundo o prisma, o tracejado estético e escopo de quem a realizou. O crítico, se o é de verdade, põe de lado a sua carapuça.

— Mas o excesso de forma?

— Não há excesso de forma, há estilo e estilo. A pena do escritor pode desviar-se do bom gosto e produzir rococó ou pechisbeque. O condenável é isto. Mas é absurdo, grotesco de todo pregar ao artífice que não apure por igual todos os planos da sua obra e censurar, digamos, um marceneiro porque apresenta

Na livraria Bertrand cerca de 1940

Aquilino Ribeiro fala-nos das providências que se deviam tomar para defender a língua portuguesa

Continuação da pág. 1

sinal de si, para o livro; um censor doméstico, repito doméstico, em cada jornal. Este último número do meu programa não é novidade. Tem-no, pelo menos, o *Século*, há muitos anos. Cada colaborador recebe diariamente um boletim em que familiarmente, digamos, são anotados os seus deslizes e proposta a correcção.

—.... deslizes bem naturais com a lufa-lufa que ao jornalista se exige...

— e que o inibe da filtragem que pode praticar à ontade o folhetinista, o romancista, o homem de letras *tout court*. Por exemplo, é intolerável que se diga de um desastre de automóvel: um desastre aparatoso, em vez de desastre espectaculoso, pois que aparato implica preparação. Por outro lado, tabuletas de estabelecimentos, nomes de companhias e empresas, letreiros de qualquer natureza pública deviam passar pelo crivo de um mestre de português. É lá admissível que se diga *Engraxadoria de Garrett?*

— Como há-de então ser? Não disse que o termo pouco significava na coruptela do idioma?

— Como deve ser é *Loja de engraxador*. Engraxadoria é horripilante. Contende até com o lustro que ali se vai buscar.

Muito nos tinha dito o autor da *Via Sinuosa*. Ainda inquirimos:

— Tem novo livro a sair?

— Sim. *Volfrâmio*, romance de que se falou para um filme.

— Baseada na vida real?

— De certo, uma anedota. Uma anedota de coisas estupefacientes no trágico e no grotesco. Também preparo um livro sobre Camilo: a sua vida romanceada.

Com tão notáveis defensores o idioma luso conseguirá salvar-se?

Gabriela Castelo Branco

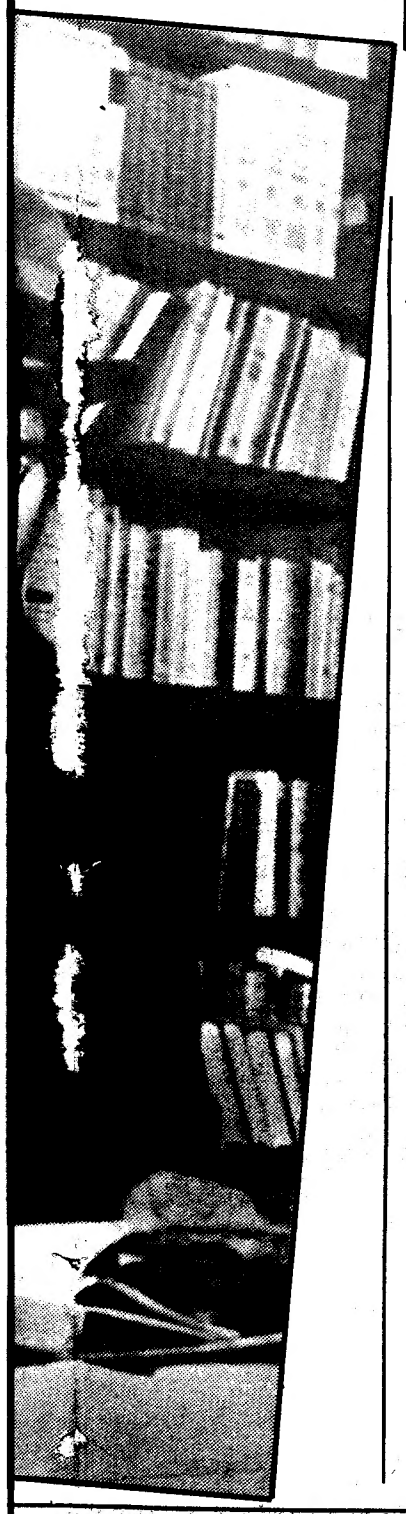
s do singular e enigmático o "Lápides Partidas"

uma mesa com o equilíbrio e cómodos requeridos e... bem aplainada. O símile parece-me flagrante. Dizer ao escritor: escreva mal para a ideia ressaltar; a forma é artigo secundário; a prosa, isto é, a filtração do pensamento segundo a filologia, a peça em suma de que se cortam todos os calções literários, não constitui arte ou ciência que se deva ter em conta, ou é chuchar com o próximo ou estar desmiolado de todo.

— Em verdade...

— Em verdade é condenável que o escritor sacrifique a ideia à forma; mas não é menos reprovável que podendo insculpi-la em mármore, se contente com gravá-la na casca duma banana.

Paisagens das Terras do Demo (Lamosa)



O HUMOR DE AQUILINO

Desagravo...

Não queremos deixar de inserir o desabafo dum «velho leitor» acerca do último livro de Aquilino Ribeiro que tem provocado ao que parece certos engulhos em esferas mais ou menos aristocratizadas por se supor quanto a nós sem fundamento que o autor nutre mal contida hostilidade contra a nobreza de sangue:

... **Sr. director:** Sou um velho leitor do «Diário de Lisboa» e por ele fui levado a adquirir a última obra de Aquilino Ribeiro: «O Servo de Deus e a Casa Roubada». Lendo-a, mais uma vez me persuadi que este escritor tem «parti-pris» contra a nobreza de sangue. Não quero saber da sua origem, se plebeu, se burguês, pois fidalgo não deve ser, a julgar pela sua habitual serrazina, embora os Ribeiros figurem na sala das Pêgas do Paço de Sintra com as suas três palas de ouro em campo de verde.

Como descendente dos Marramaques — cinco bezantes de prata a bordar a cruz florenciada, à «jour» — nome ilustrado em cem batalhas e em feitos do maior relevo, não posso deixar de protestar pela maneira como apresenta o alferes D. Caio de Marramaque, no acto nem mais nem menos de abusar da pureza duma cativa moira, e pela caricatura que acompanha tão insólito entremez: «anegralhado, cerne antigo, tão lanzudo que lhe saíam tufos de cerdas das orelhas e da venta», etc.

Pois que o seu jornal apresentou ao público o livro em questão, julgo-me no direito de pedir a V. lavre este desagravo também em público e raso, necessário à honra da família que represento. De V. etc. — **Inácio José de Ponces e Marramaque.**

... e a resposta

Exmo Sr. Inácio José de Ponce e Maramaque: — Não sabia que V. Ex.ª existia e lamento. Eu, quando se trata de personagens pomposas ou de alto coturno, costumo forjar-lhes o nome a martelo: Banaboião, Bigorril, Farroncobias, etc., etc. O mesmo teria feito neste caso se adivinhasse que existia um fidalgo com nome tão visigótico, cioso dos seus cinco besantes, que devem ser, e justamente, como as cinco chagas da sua prosápia. No entanto, fique certo que não foi propósito meu desluzir D. Caio, sem o que não teria a seu respeito estas palavras de supremo encómio: «homem de peito impetuoso e não pesado que dia a dia fazia recuar as fronteiras do Islam». De resto, os patronímicos na nossa terra andam à mercê de quem quer, como os fatos nos algibebes. Para ser agradável, porém, a V. Ex.ª que caiu na arara de adquirir o «Servo de Deus e a Casa roubada», aqui declaro que o meu Marramaque, homem de maus fígados que mandou esfolar o servo de Deus e abusava das cativas, nada tem com os costados de V. Ex.ª em matéria de parentesco.

Ao passo que lavrou o seu desagravo, pretndeu V. Ex.ª deslumbrar-me com as palas de ouro em campo de verde dos Ribeiros. A suputar tal grandeza, corri às fontes. Há engano, ilustríssimo senhor. Não é na Sala das Pegas, mas sim na Sala dos Brazões, que está pendurado o escudo dos Ribeiros, se de facto este nome figura no armorial manuelino. Mas isso pouco importa. O que importa é supor V. Ex.ª que tenho má vontade contra os grandes de Portugal. Livre-me Deus, que foram eles que fizeram a pátria. Não tenho, creia, má vontade contra ninguém e muito menos contra fidalgos da raça dos Marramaques que, adverte V. Ex.ª à minha ignorância, ganharam os pergaminhos «em cem batalhas e feitos do maior relevo».

Quanto ao meu plebeísmo, confesso que nada sei dos meus antepassados para além do pai do pai de meu pai. Se remontássemos as gerações é de presumir que, antes de Noé que se tocava da pinga ou de Adão que foi o primeiro tolo, encontraríamos como avós comuns: guardadores de porcos, almocreves, carvoeiros de torga, e muitas outras pitorescas criaturas. De V. Ex.ª , etc — **Aquilino Ribeiro**

Nota por escrito

ASSISTIMOS na televisão, via segundo canal, a um curioso debate sobre a situação do interesse pelo livro, em Portugal. Dele participaram Francisco Lyon de Castro, presidente da Associação Portuguesa de Editores e Livreiros; Francisco Espadinha, editor; Maria Alda Soares da Silva, professora do Ensino Secundário; e Lobo Antunes, escritor. Tratou-se de um debate interessante, a vários títulos, que muito contribuiria para o conhecimento de uma realidade. Infelizmente, a grande maioria, senão a quase totalidade, dos receptores estaria nessa altura voltada para o LOUCO AMOR. Com o amor, ainda por cima em estado de loucura, digam lá quem é que pode competir...

Em notas sucessivas iremos tratando alguns dos temas levantados no decorrer deste debate. Fixemo-nos, por agora, na situação do escritor, levantada por Lobo Antunes.

— **Custa-me** — disse ele a certa altura — **alguns escritores, poetas e prosadores, que eu considero de muito mérito e que já não são novos, estarem vivendo na franja da miséria e sem qualquer protecção...**

Na franja da miséria: de facto, é o mínimo que se pode dizer. Precisar de pão e não o ter, não ter remédios e quantas quantas vezes não ter casa: não será isto passar já a franja da miséria? O autor destes linhas podia apontar exemplos, ou suspeitas de exemplos, que os poetas são bichos de tamanho orgulho que suas próprias fraquezas gostam de esconder, quando não de dourar...

Lobo Antunes acha inconcebível que, num estado democrático, não se privilegie a cultura e faz-nos uma confidência: **A única coisa** — disse ele — **que o Estado fez por mim foi por intermédio do Ministério da Cultura que há dias me mandou uma crítica sueca...**

Na súbita, embaraçosa pausa intrometida no debate, ficou um sorriso pairando. Aquela **crítica sueca** parecia metida ali por mestre Esopo. Às vezes não há como uma fábula para melhor entender a realidade...

M.C.

Diário de Lisboa LER ESCREVER

Diurnos

Do efeito do Sol na escrita

Theodore Fraenckel

Anoto agora estes sons obscuros que não explicam o que sinto (Eis o que não refiro. O que não o dizendo o rasuro por escrito). E contudo, para quem vem das sombras, a revelação de uma tão grande superficialidade, a da Luz, dir-se-ia não tão fácil de suportar ainda. Quando, habituado ao suor do espírito, o sentimento ainda se obscurece, simples.

No entanto, das últimas migrações do horizonte, o pensamento ainda está cheio, ainda. De configurações brancas. De penas. Manifestações súbitas, pios marmoríneos. Que sobre os ombros, como esponjas húmidas, pingam. Com os olhos no horizonte. Ou que dos palcos se soltam, humedecendo tudo, interiormente secos, por dentro, num verde silêncio: das últimas migrações que ainda nos modelam os rostos quando, cá fora, na memória, já entardecem os últimos resquícios (sítios).

Daí que a manhã, o Sol, mais do que fixar-nos, constitua um cerco, limite. Uma voz branca, no horizonte. De que não solta, súbita, se desprende o vértice de nenhum sentido.

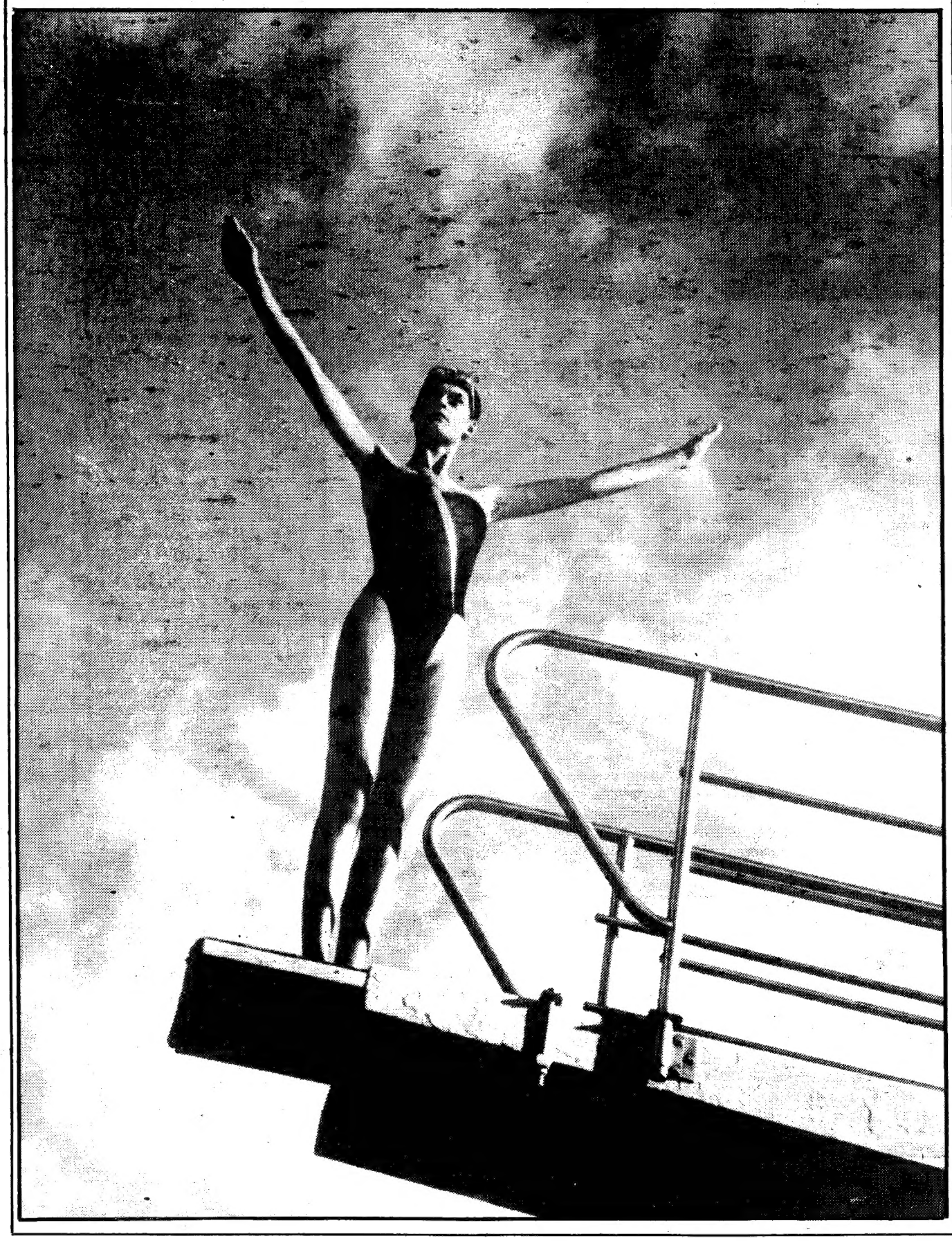
O que chegava até mim, assim, era a música de nenhuns ruídos.

Com blocos de algodão tapava o horizonte para que mais interiormente — submersos sob chuvas (clepsidras de frio), retrocessos ou excessos contidos —, as palavras soassem e repercutissem, por fim. Puras, nos meus sentidos.

A única sensação era a de tocar, com a ponta dos dedos (nervos?) as paredes do vazio. De súbito em mim, íntimo, físico.

A Música não passava do nome que dava a outra coisa: a experiência da própria improbabilidade (do limite, do físico).

Não tocava os instrumentos. O que encerrava era a folha de um silêncio. A cacafonia de um delírio. De súbito fluindo, como um vazio? Quem o diria Vazio? Uma música a arder, apenas sensível aos sentidos dos detritos. Gritos? Apenas o esguicho da memória de encontro à mecânica do silêncio. E depois um calor, de súbito fluindo, frio (físico).



ESTANTE INFANTIL

TÍTULO — Portugal Pequenino
AUTOR — Maria Angelina e Raul Brandão
ILUSTRADOR — António Pimentel
EDITOR — Assírio Bacelar

Em Outubro de 1929 acabou de se escrever um dos mais belos livros de toda a literatura portuguesa: PORTUGAL PEQUENINO. Podíamos ficar por aqui, que tudo o mais viria por acréscimo.

Só que à volta deste livro se têm tecido alguns equívocos derivados da discussão de ser ele ou não uma obra para crianças e adolescentes.

Matilde Rosa Araújo, num iluminado prefácio, não se furta à discussão. Ela considera, por um lado que o sentido trágico da vida de Raul Brandão, sensível ao desencanto de viver, que a época insinuava, não pode participar da criação literária para as crianças — e nesse aspecto há em PORTUGAL PEQUENINO, zonas que impedem ou dificultam a sua classificação de «literatura para crianças».

Por outro lado, e transcrevendo as palavras de Matilde Rosa Araújo, «este livro é muito belo. Um verdadeiro testemunho de amor».

Ora bem. Esta chave parece bastante para levar PORTUGAL PEQUENINO às mãos dos portugueses, sejam eles quais forem, adolescentes ou adultos. Talvez com mais razão dos adolescentes, nessa franja de riquíssimos húmus, onde melhor se enraiza o amor pelo nosso povo, pela nossa Pátria. Maria Angelina e Raul Brandão, dedicaram-no «para os filhos dos outros», na certeza de assim estarem a semear no futuro.

Resisto à tentação de transcrever uma página luminosa apenas para não cometer a injustiça de esquecer tantas e tantas páginas a merecer antologia. E em a preocupação de fazer crítica, apenas quero lembrar aqui a **obrigação** de termos à cabeceira este livro, a que as ilustrações de António Pimentel dão, pelo sentido poético, um encanto muito especial. Pois sejamos todos, crianças e adultos, «os filhos dos outros» a quem Maria Angelina e Raul Brandão se oferecem.

Mário Castrim